GRÁTIS! FLEXIDISC EXCLUSIVO DO U2 AO VIVO!

BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

PARALAMAS
O ROCK ACERTA NO ALVO

BOY GEORGE
A FORÇA DO RETORNO

KEITH RICHARDS
A PRIMEIRA ENTREVISTA AO BRASIL!

PORQUE O POP INGLÊS ANDA TÃO RUIM

ROXY MUSIC: A HISTÓRIA • SIOUXSIE • LOBÃO • THE MISSION
MARCELO NOVA • RAUL SEIXAS • SHOW DA ANISTIA

SUPLEMENTO ESPECIAL
A HISTÓRIA DA GUITARRA
• PARTE I •

Ano 4 Nº 11 1988 Cr$ 1.275,00 - BR$1 - Edição 43

A CURA PELA

DANÇA

LIBERADO P/ CONSUMO

BIG THING (DURAN DURAN) E INTROSPECTIVE (PET SHOP BOYS) são duas pílulas de vinil que contêm a fórmula mágica para acabar de vez com a epidemia de chatices que abala o planeta.
Agite durante o uso e não pare mais de dançar!

EMI

DISCO, CASSETE E COMPACT DISC

PARTICIPAÇÃO:
DAVID BOWIE
ROBERT CRAY

Show Some Respect
We Don't Need Another Hero
Better Be Good To Me
Addicted To Love
I Can't Stand The Rain
Nutbush City Limits
Let's Dance
In The Midnight Hour
634 - 5789
A Change Is Gonna Come
Private Dancer
Typical Male

Em LP/ K7

Tina Live II

EMI

SHOW BIZZ

WEA

Bono contra os mexericos de Dunphy

U2 ATACA SUA BIOGRAFIA

O pessoal do **U2** está em guerra com o escritor **Eamon Dunphy**, autor da biografia *Unforgetable Fire*, lançada no final do ano passado. Paul McGuinness, empresário da banda, acusa Dunphy de incluir no livro segredos e histórias pessoais da banda que deveriam permanecer "intocáveis". A biografia já havia sido criticada anteriormente por **Bono**, que não gostou do termo "banda hierárquica" usado pelo autor. Segundo McGuinness, o escritor quebrou a promessa de submeter o manuscrito à aprovação do grupo antes da publicação. "Há coisas no livro que eu mesmo não sabia. Não esperávamos a cobertura dada à vida pessoal e às famílias de cada um de nós. Estamos intensamente arrependidos de termos feito o livro."

Dino de Laurentis Productions

Nove e meia semanas no estúdio???

MICKEY ROURKE CANTANDO?

Mickey Rourke e **Eric Clapton**, prontos para gravar um disco juntos? É o que dizem as más línguas, que asseguram ter visto Rourke e Clapton circulando juntos com frequência — possivelmente, discutindo os detalhes do futuro vinil... Os assessores de imprensa de Clapton juram de pés juntos que a notícia é falsa ⊗ Enquanto isso, **Whitney Houston** prepara-se para estrelar seu primeiro filme, muito bem assessorada pelo manager **Robert De Niro** — que também dirige a fita, ao lado de Quincy Jones ⊗ **Prince** deverá interpretar **Jimi Hendrix** no cinema, em produção a ser iniciada no ano que vem. A notícia foi divulgada pelo jornal italiano *La Repubblica*. O roteiro, já pronto, é uma adaptação da biografia *Scuse Me While I Kiss the Sky*, de David Henderson.

GIL É DESTAQUE EM REVISTA AMERICANA

A revista norte-americana *Option* dedicou quatro páginas de sua edição de setembro para falar de **Gilberto Gil**. Com o subtítulo "Misturando música e política no Brasil", o artigo conta a trajetória artística de Gil e discute sua atual atividade política. A partir de uma entrevista realizada com o artista em Salvador, o jornalista Robert Myers aproveita para fazer uma série de considerações sobre a cultura baiana, descrevendo em detalhes as apresentações dos blocos e dos trios elétricos. Em suas declarações, Gil fala de bossa nova, Tropicália e, é claro, política.

Geraldo Leite Bastos/Agiu

Gil em campanha eleitoral na Option

MADONNA GRAVA NOVO LP

Quem está de volta aos estúdios é a cantora **Madonna**, após uma breve incursão no teatro — trabalhando na peça *Speed-the-Plow*, de David Mamet. O novo LP sai no começo do ano que vem ⊗ Enquanto se prepara para lançar novo LP, o **R.E.M.** coloca mais uma coletânea no mercado. Chama-se *Eponymous* ⊗ Os **Pet Shop Boys** estão em estúdio, gravando várias faixas para o novo disco de **Liza Minnelli** ⊗ O ex-**Soft Cell Marc Almond** acaba de lançar um disco solo: *The Stars Are We* ⊗ *Blow* é o nome do primeiro disco solo de **Mark Bedford** (ex-**Madness**) ⊗ Os **Suicidal Tendencies** estão de disco novo. Chama-se *How Will I Laugh Tomorrow When I Can't Even Smile Today*.

WEA

Alô fãs! Madonna promete disco para o ano que vem!

PAULA TOLLER NO ESTÚDIO

João Santos/Agiu

Paula e seus rapazes; aí vem vinil

Quem entra nos estúdios da WEA neste fim de ano é o pessoal do **Kid Abelha**. A PolyGram vai de **Biquini Cavadão**, enquanto a CBS ataca de **Milton Nascimento**. Já a Continental coloca no estúdio alguns ídolos da Bahia: **Olodum**, **Laranja Mecânica**, **Made In Bahia**, e o grupo de lambada **Avatar**. Entre um samba-enredo e outro, a RCA grava os novos LPs de **Sandra Sá** e **Alceu Valença**. Pelo lado independente, tudo parado. A única exceção é a Baratos Afins, que prepara o segundo do **Kafka**.

INXS LEVA PRÊMIOS DA MTV

Lester Cohen/AFP

Hutchence arrebanha uma das cinco (não é um verdadeiro excesso?) estatuetas

Enquanto as tropas marchavam e Sarney saboreava suco de mangaba sob o sol do planalto de Brasília no dia 7 de setembro, os motivos de comemoração em Los Angeles eram outros: no Universal Amphitheater estava sendo realizada a entrega dos prêmios da MTV para os melhores clips de 1988. Os grandes vencedores da noite foram os australianos do **INXS**, que voltaram para o hotel com cinco estatuetas — melhor clip, melhor clip de grupo, melhor edição, clip mais inovador e escolha dos telespectadores, todos por "I Need You Tonight/Mediate". **Prince** ganhou dois prêmios — melhor clip de artista masculino e melhor desempenho no palco em clip, ambos por "U Got the Look" — e o **Squeeze** também recebeu um par de "buzzies" (apelido da estatueta em forma de astronauta, uma gozação com Buzz Aldrin, um dos tripulantes do primeiro vôo à Lua), os de melhor direção de arte e de melhores efeitos especiais (por "Hourglass"). Os demais prêmios foram para **Los Lobos** (melhor clip de um filme, por "La Bamba"), **George Michael** (melhor direção, por "Father Figure"), **Sting** (melhor cinematografia, por "We'll Be Together") e **Janet Jackson** (melhor coreografia, por "The Pleasure Principle"). **Arsenio Hall** (o Semi de *Um Príncipe em Nova York*) foi o apresentador do programa de três horas de duração que teve participações/dublagens em playback de **Rod Stewart**, **Depeche Mode**, **Jody Watley** e **INXS**. **Elton John** mandou um clip gravado especialmente para o evento num estúdio da Flórida e **Michael Jackson** foi trazido, via satélite, diretamente do palco de Wembley, em Londres. Os **Fat Boys** (com **Chubby Checker**), o **Crowded House** e o **Guns'n'Roses** foram os únicos que se apresentaram rigorosamente ao vivo. A atividade no palco se alterou entre morna e definitivamente chata — com exceção do set apresentado pelo Guns'n'Roses, um vórtex de decibéis, microfonias e rouquidão que impressionou mais pelo violento contraste com a caretice reinante que por qualquer outra coisa.

RAMONES EM DOCUMENTÁRIO

Alon

Ramones e a turma de NY de volta

Ramones, **Talking Heads**, **Debbie Harry**, **Patti Smith** e **Tom Verlaine** estão entre os músicos que aparecerão tocando ao vivo num documentário sobre o clube CBGB, de New York. A idéia partiu do produtor Leigh Blake, que pretende mostrar como o movimento punk começou — a partir de shows realizados pelos grupos acima entre 73 e 78 no clube americano. Além de gravações dos concertos realizados na época, o filme apresentará novas performances com os precursores do punk, que retornarão ao clube especialmente para a filmagem. A direção estará a cargo de Ed Lachman, e a trilha sonora incluirá uma música inédita dos Talking Heads.

ROLLING STONE ELEGE MELHORES SINGLES

Michael Putland / Retna

Rolling Stones, os preferidos da Rolling Stone

A *Rolling Stone* publicou em sua edição de 8 de setembro uma seleção com os "100 Melhores Singles dos Últimos 25 Anos". Aqui estão os vinte primeiros colocados:

1. "(I Can't Get No) Satisfaction"/ROLLING STONES (65)
2. "Like a Rolling Stone"/BOB DYLAN (65)
3. "I Want to Hold Your Hand"/BEATLES (64)
4. "I Heard It Through the Grapevine"/MARVIN GAYE (68)
5. "I Want You Back"/JACKSON 5 (69)
6. "Respect"/ARETHA FRANKLIN (67)
7. "(Sittin'on) the Dock of the Bay"/OTIS REDDING (68)
8. "Fortunate Son"/CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL (69)
9. "Born to Run"/BRUCE SPRINGSTEEN (75)
10. "Stop! In the Name of Love"/SUPREMES (65)
11. "Good Vibrations"/BEACH BOYS (66)
12. "The Tracks of My Tears"/SMOKEY ROBINSON AND THE MIRACLES (65)
13. "In the Midnight Hour"/WILSON PICKETT (65)
14. "What's Going on"/MARVIN GAYE (71)
15. "You Really Got Me"/KINKS (64)
16. "My Generation"/WHO (66)
17. "Little Red Corvette"/PRINCE (83)
18. "Louie Louie"/KINGSMEN (63)
19. "You've Lost That Lovin' Feelin' "/RIGHTEOUS BROTHERS (64)
20. "Gloria"/THEM (65)

OUÇA ESSA

"Meu pai vinha com aquele velho papo: 'Eu continuo esperando que ele arranje um bom emprego'. Sabe quando ele parou de esperar? Quando ele mergulhou na minha piscina."

Robert Palmer

OS 100 ANOS DO REI DO SAMBA

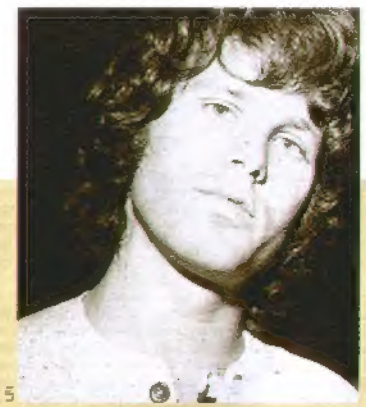
Se estivesse vivo, **Sinhô** teria completado 100 anos de idade no último dia 18 de setembro. Sinhô, cujo nome real era José Barbosa da Silva, foi um dos maiores expoentes do nosso samba na década de 20, deixando como herança grandes sucessos como "Jura" ou "Gosto Que Me Enrosco" — além de revelar intérpretes do nível de **Mário Reis** e **Francisco Alves**. O "Rei do Samba", como era chamado na época, foi o responsável pela entrada do gênero nos altos círculos da sociedade carioca. Foi ainda reverenciado pelos modernistas de 22, arrancando elogios de gente como Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Para lembrar a data, a Funarte está lançando uma coletânea com catorze sucessos do compositor, em gravações de 1929. Sinhô morreu no dia 4 de agosto de 1930, no Rio, vítima de tuberculose.

MAMBEMBE A VENDA

O **Mambembe**, espaço multicultural conhecido de grande parte da galera paulista ligada em rock e manifestações artísticas alternativas, está pondo seu ponto a venda. Vale lembrar que o Mambembe era uma das poucas casas — senão a única — da zona sul que abriam suas portas para as bandas brasileiras de heavy metal. Já aconteceram lá eventos e shows que ficaram marcados na história da noite paulista, como a festa funk/hip hop/rap *My Babe*, **Luiz Melodia, Itamar Assumpção** e a dobradinha **Ratos de Porão** e **Sepultura**, além da peça **Ataliba, a Gata Safira** e o grupo **XPTO**. Seus proprietários querem deixá-lo nas mãos de alguém que pretenda manter o Mambembe como um pólo cultural. Agora é cruzar os dedos e torcer.

OS ESCRITOS PERDIDOS DE JIM MORRISON

Foi publicado nos Estados Unidos o livro *Wilderness: The Lost Writings of* **Jim Morrison**, *Volume I*. Em suas duzentas páginas, a obra reúne poemas e textos diversos de Jim, em sua maioria inéditos — embora seja possível reconhecer trechos já publicados ou presentes em letras dos **Doors** ⊗ *The Death of Rhythm & Blues* é o nome do livro que faz uma análise da evolução da música black norte-americana, desde as origens do soul até os fenômenos **Prince** e **Michael Jackson**. O autor é **Nelson George**, que já havia escrito um livro sobre a Motown, chamado *Where Did I Love Go?* ⊗ **Otis Williams**, um dos integrantes originais dos Temptations, acaba de lançar sua autobiografia. O livro, que tem como co-autora Patricia Romanowski, chama-se apenas *Temptations*.



O espírito do Rei Lagarto em textos inéditos

BULL-DOG.
ESSE JÁ VEM COM PEDIGREE.

Está assim de arremedos de Bull-Dog na praça. Mas, certamente, nenhum deles possui pedigree. Já o Bull-Dog da Samello, sim. Ele é autêntico, tem classe, estilo, tradição. Bull-Dog da Samello. Esse tem muita garra.

SAMELLO
BULL DOG

GLASNOST MUSICAL

U2, **Dire Straits**, **Sting** e **R.E.M** poderão ser ouvidos pela primeira vez na União Soviética. A iniciativa é da Greenpeace, que está lançando um álbum duplo naquele país através do selo estatal Melodya Records. O disco, chamado *Greenpeace — Breakthrough*, terá apenas músicas inéditas e estará disponível no mercado soviético a partir de janeiro de 89. De acordo com Ian Hoaks, produtor executivo do LP, "o álbum é um exemplo verdadeiro da *perestroika* em ação".

URE DEIXA ULTRAVOX

Tudo indica que o grupo **Ultravox** deve chegar ao fim, depois que o vocalista **Midge Ure** decidiu se dedicar exclusivamente à carreira solo. **Ure** declarou que deixava o grupo porque ele "estava começando a se repetir". Enquanto isso, seu segundo disco solo, *Answers to Nothing* — que conta com as participações de **Kate Bush**, do baterista do **Big Country**, **Mark Btezecki**, e de **Robin** e **Ali Campbell**, do **UB 40** —, está sendo lançado lá fora.

Graeme Tucker / LFI

Midge Ure, gravado em nova companhia

OUÇA ESSA

"George Bush é uma das poucas pessoas no planeta que uma cascavel não picaria, por cortesia profissional."
Robin Williams

RARIDADES DOS BEATLES

Durante três anos, entre 62 e 65, os **Beatles** participaram de várias sessões de gravação nos estúdios da BBC, de Londres, executando desde covers de **Chuck Berry** a sucessos como "Ticket to Ride". Agora, 25 anos depois, esse material, que muitos julgavam destruído, foi encontrado por um produtor da rede londrina, que realizava pesquisas para um especial do grupo. As gravações serão apresentadas ao público através de catorze transmissões semanais de rádio. Entre as raridades, o único registro conhecido da parceria de Lennon e McCartney, "I'll Be on My Way". Mais Beatles: a Capitol Records colocou no mercado uma coleção com todo o trabalho de estúdio da banda — incluindo os doze álbuns originais lançados na Inglaterra, a versão americana de *Magical Mystery Tour* e duas coletâneas de lados B de compactos, lançadas recentemente, com o nome de *Past Masters*.

Carolyn Benzonis

Beatles: oldies do fundo do baú

JAMES BROWN NA CADEIA

Z. Vivanco / Abril

Brown aponta a arma para os empresários

Mais uma vez, o nome de **James Brown** foi parar nas manchetes policiais. Desta feita, o *Godfather* do soul resolveu ameaçar com uma pistola os participantes de um seminário de empresários num hotel da Georgia, Estados Unidos. Depois de ser perseguido durante trinta minutos, o cantor foi levado à prisão, de onde saiu com o pagamento de uma fiança de quatro mil dólares. Agora, ele deverá responder a um processo, sob acusação de assalto, porte ilegal de armas e irresponsabilidade no volante. Foi a quinta vez que Brown foi detido desde julho do ano passado — numa das mais recentes, em abril, ele foi acusado de tentar assassinar sua esposa.

SETEMBRO NEGRO

Setembro, definitivamente, não foi um bom mês para o rock. Em São Paulo, a nota trágica ficou por conta do *Show da Primavera*, organizado pela Globo FM para comemorar os cinco anos da emissora. Duas mortes, três feridos graves, dezenas de pessoas pisoteadas e centenas de casos de insolação foram o saldo final do evento realizado no Parque do Carmo, no dia 25 de setembro. Falhas graves de organização transformaram o que deveria ser uma festa — com as presenças de **Tim Maia** e **Titãs**, entre outros — em uma espécie de campo de concentração: 600 mil pessoas (o triplo do esperado) submetidas a um calor de mais de 30 graus, sem água, instalações sanitárias ou mesmo espaço suficiente para assistir às apresentações, obrigadas a comprimir-se contra paredes, cercas ou cordões de isolamento. Com um número bem menor de pessoas, mas níveis de violência bem mais elevados, a cidade de Atenas, na Grécia, acabou se transformando no palco de um dos maiores tumultos já vistos na história do rock. O que se viu por lá foram gangues de jovens ateando fogo ao palco e lançando coquetéis molotov na aparelhagem de som, logo após uma apresentação do grupo australiano **Triffids** — em meio a um festival de três dias que deveria reunir ainda **PIL** e **Jesus & Mary Chain**. As explosões provocaram ferimentos graves nos técnicos e no pessoal da segurança — um total de vinte (?!?) homens contratados para lidar com um público estimado em vinte mil pessoas. Segundo **Robert McComb**, guitarrista dos Triffids, foi uma experiência "apavorante". "Tudo o que sobrou foram ruínas fumegantes, como se houvesse acontecido uma guerra..."

O fim da crise de identidade.

O CHEQUE-OURO DO BANCO DO BRASIL transmite a quem o recebe toda confiança e credibilidade. Isso porque só quem realmente se destaca possui o Cheque-Ouro.
Mas, e você, que é filho dessa pessoa? Você também é muito especial, merece a mesma confiança e o mesmo tratamento. Mas não é isso o que acontece. Aqueles olhares desconfiados, ter que mostrar a carteira de identidade, esperar um telefonema sempre que paga com cheque, tudo isso é muito chato.
O BANCO DO BRASIL tem uma novidade para você que ainda não tem Cheque-Ouro: o CHEQUE-OURO FAMÍLIA.
Basta seu pai indicar você para o gerente, e pronto. Seu cheque vai ser aceito na mesma hora, e você vai poder sacar dinheiro a qualquer hora do dia ou da noite através do Caixa-Ouro.
Vai ser o fim da crise de identidade.

CHEQUE-OURO. Reflete quem você é.

BANCO DO BRASIL

DYLAN E HARRISON JUNTOS

Bob Dylan, George Harrison, Tom Petty, Roy Orbison e **Jeff Lynne** estarão tocando juntos num álbum a ser lançado ainda este ano pela Warner Bros. O "novo" grupo está sendo chamado de **Travelling Willburys**, mas ninguém sabe dizer ao certo quem vai tocar o quê, ou mesmo se todos estarão presentes nas várias faixas do LP ⊗ O novo disco de **Chaka Khan** terá uma parceria de **Prince** com **Miles Davis**. O nome da faixa é "Sticky Wicked" ⊗ **Mark Knopfler** produz e toca guitarra no mais recente trabalho de **Randy Newman**. Chama-se *Land of Dreams* ⊗ Está saindo lá fora mais uma antologia de **Chuck Berry**, reunindo gravações históricas realizadas entre 55 e 73 ⊗ **...In the Beginning** é o nome da recém-lançada coletânea dos **Byrds**, que reúne as primeiras demos do grupo ⊗ O **Soft Machine** reaparece no disco *Live at the Proms*, gravado há dezoito anos pela BBC.

CBS

Dylan, reunindo os amigos em nova formação

ESPECIAIS DE BIZZ

Nas bancas, os novos especiais de BIZZ. Em novembro, duas revistas-pôsters para você: **Boy George** e **New Order**. Ainda nesse mês, tem mais *Letras Traduzidas*, com as mais pedidas do **A-ha**, **Duran Duran**, **Terence Trent D'Arby**, **Tracy Chapman** e **George Michael**.

DEF LEPPARD BATE RECORDE

Mercury

Def Leppard: histeria metálica em dose dupla

O **Def Leppard** tornou-se a primeira banda a alcançar com dois álbuns diferentes a marca das seis milhões de cópias vendidas nos EUA. Os responsáveis pelo feito são os LPs *Pyromania*, de 83, e o recém-lançado *Hysteria*. Os únicos que conseguiram chegar duas vezes aos seis milhões anteriormente foram **Michael Jackson** e **Whitney Houston** ⊗ A revista americana *Billboard* decidiu incluir em suas edições, a partir de setembro, uma parada de "rock alternativo". A seção *Modern Rock Tracks* cobre dezoito rádios comerciais e onze alternativas — as chamadas "college operated", programadas e dirigidas por universitários. A mudança reflete a importância cada vez maior das rádios alternativas no comércio de discos nos EUA.

MICHAEL JACKSON DEIXA OS PALCOS

Parece que nós não teremos mesmo a oportunidade de assistir ao vivo as estrepolias do sr. **Michael Jackson**. Isto é, se ele seguir à risca a decisão de nunca mais voltar aos palcos, anunciada oficialmente pelo empresário Frank Dileo no final de agosto. Segundo Dileo, Jackson estaria exausto após levar mais de três milhões !!!! de pessoas aos seus shows da *Bad Tour* — que prossegue até dezembro, com encerramento em Tóquio, no dia 26. Mais Michael Jackson: de acordo com a revista americana Forbes, ele é o artista mais bem pago do mundo, seguido de longe pelo comediante **Bill Cosby** e pelo diretor **Steven Spielberg**. Sua renda em 87 foi de 97 milhões de dólares.

Ron Wolfson / Shifra

Jacko: adeus às multidões?

MORRE UM ÁS DO BLUES BRANCO

A música pop perdeu dois representantes ilustres no dia 14 de agosto. Nos Estados Unidos, morreu o guitarrista **Roy Buchanan**, ás do blues branco que influenciaria, entre outros, **Robbie Robertson** (**The Band**). Roy suicidou-se por enforcamento em uma cela da cadeia de Fairfax, na Virgínia, onde havia sido preso para curar uma bebedeira. Ele tinha 48 anos. **Robert Calvert**, conhecido pelo seu trabalho com o grupo psicodélico inglês **Hawkwind** na década de 70, morreu em conseqüência de um ataque do coração. Após lançar vários discos solos — em colaboração com Brian Eno e Viv Stanshall, entre outros — Calvert excursionava, nos últimos meses, com o grupo **Starfighters**.

Seus ouvidos merecem mais do que este carinho:

Nova linha Gradiente 89.

Versão micro-system com toca-discos e rack (opcionais).

Partner. O som que acompanha seus ouvidos aonde eles forem.

Quem se acostuma com a qualidade de som **Gradiente** não quer saber de outra nem quando sai de casa. Na sua versão portátil, com bolsa de transporte CC-5 (opcional), o **Partner** é um novo micro-system que você carrega para onde quiser. Ele é ótima companhia para fins de semana no campo, férias na praia e é ligado num churrasco na casa dos amigos. Versátil ao extremo, funciona ligado à tomada, à bateria do carro ou com pilhas comuns de lanterna. Com **Rack CR-5** e **Toca-discos TS-5** (opcionais), ele se transforma num elegante micro-system.

▶ **TV Sound,** com duas faixas de onda para você sintonizar o som de todos os canais de TV (VHF) com a melhor qualidade. ▶ **Tuner** com AM/FM estéreo e mais 2 faixas de ondas curtas. São seis faixas para todas as exigências dos seus ouvidos.

▶ **Duplo cassette-deck** com Continuous Play e Sinchro Dub. Permite a reprodução contínua de 2 fitas e faz cópias com perfeição.

▶ **Equalizador** gráfico para 3 faixas de freqüências. ▶ **Mic-Mixing** (Karaokê). Você pode mixar sua voz ou solo instrumental com um fundo musical reproduzido pelo toca-discos, cassette-deck ou toca-discos laser. ▶ **Entrada Aux/CD** para ligação de um toca-discos laser, gravador videocassete, microcomputador ou teclado eletrônico. ▶ **Caixas acústicas Bass Reflex** de 2 vias (2-Way), destacáveis.

▶ ▶ **Opcionais:** Toca-discos TS-5, Belt-Drive, com retorno automático do braço; Rack Compacto CR-5; Bolsa de transporte CC-5.

PartneR

gradiente

A maior família de som do país.

BAIXARIA

level 42

LEVEL 42

Baixaria!

Poucas vezes você teve a oportunidade de ouvir um som de contrabaixo tão visceral como o do Level 42. Esta baixaria é acompanhada de uma massa sonora errítmica rara e espetacular.

O Lp Staring at the sun é a confirmação absoluta de que o Level 42 brinca com fogo porque gosta.

STARING AT THE SUN

PolyGram

NOVEMBRO 88

ÍNDICE

4 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boataria
15 **ÍNDICE**
Você está aqui...
16 **PARADA**
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
18 **AO VIVO**
Direitos Humanos Já, Free Jazz Festival, Lobão, Marcelo Nova, Rock Conexão Brasil, Mission, Máfia, Blech, Reggae Japansplash Festival'88
38 **VERÃO DO ROCK**
Os ilustres turistas do comecinho do verão: Stray Cats, Peter Murphy, New Order e Boy George
44 **PARALAMAS**
Ateando fogo por onde passam
49 **ENTREVISTÃO**
Pegamos o homem! Keith Richards, em carne e palavras
58 **POP INGLÊS**
A Inglaterra não é mais aquela...
62 **SIOUXSIE & THE BANSHEES**
De novo, no alto da fama
66 **LUNI**
Uma banda performática
70 **ROXY MUSIC**
Charme e rock'n'roll, parte final
75 **CASCAVELLETES**
Botando pra f*
79 **LANÇAMENTOS**
Boogie Down Productions; Run-DMC; Patti Smith
90 **BRASIL**
O que rola do Oiapoque ao Chuí
92 **VÍDEO**
Steven Spielberg e os principais lançamentos
94 **EM CARTAZ**
A Festa de Babette, *Os Fantasmas Se Divertem* e *Walker*
98 **LETRAS**
"Under the Milky Way", Church
100 **CARTAS & SERVIÇOS**
102 **DISCOTECA BÁSICA**
Chelsea Girl, Nico

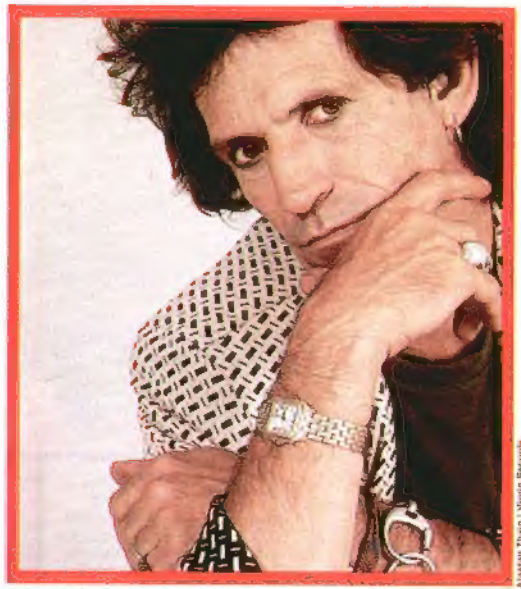
ATENÇÃO, ASSINANTE: Não se descabele! Seu flexidisc está seguindo pelo correio!

Um dos mais competentes jornalistas de rock do país, **José Emilio Rondeau** — nosso homem em Los Angeles — sempre teve, como vários de seus colegas, o grande sonho de conseguir uma entrevista exclusiva com **Keith Richards**. Tenaz, Rondeau perseguia isso há tempos e, pelo talento e persuasão, acabou tornando-se o primeiro jornalista brasileiro a encostar a fera num canto, durante uma hora e meia. O resultado você vai ler na entrevistão.

Novembro vai ficar marcado na história do rock, pelo menos no que diz respeito às turnês que estarão elegendo o Brasil como ponto de parada. Quem? O rockabilly dos **Stray Cats**; **Peter Murphy** o ex-gótico mor; a maior banda independente, o **New Order**; o camaleão **Boy George** depois de inúmeros altos e baixos. **Marcel Plasse** dá a ficha completa do Verão do Rock. Em Londres, **Siouxsie** relata a **Ana Maria Lemos** o seu retorno. E, nos EUA, quem também fala sobre uma volta — esta, depois de nove anos de exílio voluntário — é a musa **Patti Smith**, mais domada mas nem por isso menos incisiva. **José Augusto Lemos** traça a parte segunda e final da saga da banda **Roxy Music**.

Por aqui, **Bia Abramo** botou o pé no jato e foi acompanhar os **Paralamas** em um explosivo show na periferia de Salvador. A matéria fala da notória queda do grupo pela estrada, em palcos de todos os tipos e tamanhos. E mais, **Tom Leão** conversou com os emergentes **Picassos Falsos**. O Ao Vivo continua quente: a megaturnê da **Anistia Internacional**, que reuniu **Youssou N'Dour, Tracy Chapman, Milton Nascimento, Peter Gabriel, Sting e Bruce** está lá assim como **Free Jazz Festival, Lobão, Marcelo Nova, Mission** e muito mais.

José Eduardo Mendonça



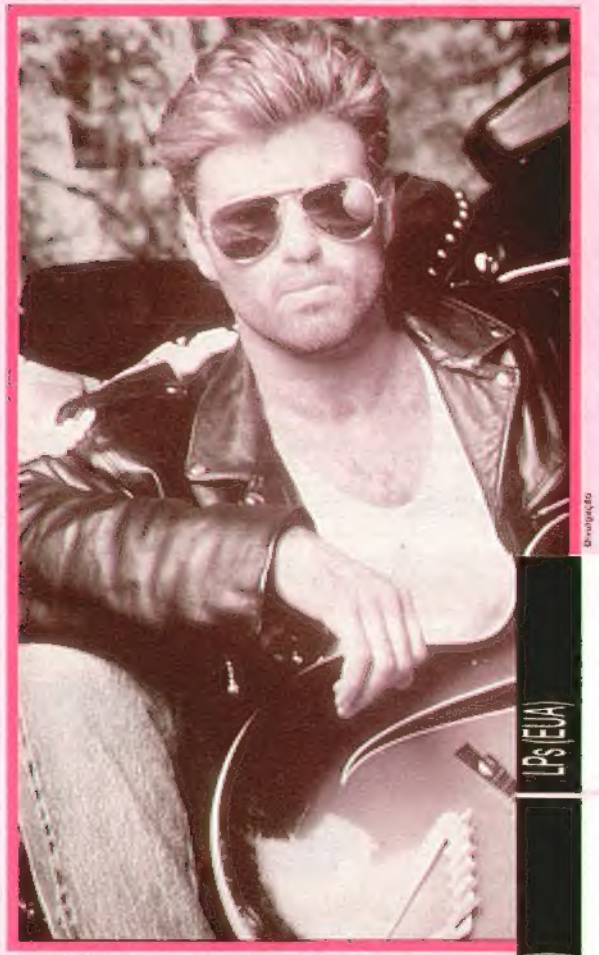
Alastair Thain / Virgin Records

A simpatia dos demônios de Keith Richards está na pág. 49

Foto da capa: Luciano Vitti/Retina (Boy George), Alastair Thain/Virgin (Keith Richards), Frederico Mendes/Azul (Paralamas)

PARADA

Fonte: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB), de 3 a 24/09/88. Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 30/09/88.



George Michael retorna à Parada, alcançando logo o terceiro posto

DOUBLE SOUND MACHINE
PHILIPS

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidade na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

Parada do Leitor (LPs)

1 (1) *Stay on These Roads* — **A-ha** (WEA)
2 (2) *Que País É Este?* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
3 (R) *Faith* — **George Michael** (CBS)
4 (6) *Bora Bora* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
5 (4) *Viva Hate* — **Morrissey** (EMI-Odeon)
6 (5) *Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (WEA)
7 (9) *Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas* — **Titãs** (WEA)
8 (6) *Psicoacústica* — **Ira!** (WEA)
9 (10) *Introducing...* — **Terence Trent D'Arby** (CBS)
10 (N) *Cuidado!* — **Lobão** (BMG-Ariola)
11 (N) *Ideologia* — **Cazuza** (PolyGram)
12 (8) *Substance* — **New Order** (WEA)
13 (N) *Document* — **R.E.M.** (CBS)
14 (R) *Scoundrel Days* — **A-ha** (WEA)
15 (13) *Darklands* — **Jesus & Mary Chain** (WEA)

Divulgação

LPs (EUA)

1 (3) *Appetite for Destruction* — **Guns'n'Roses** (Geffen)
2 (1) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
3 (4) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (Elektra)
4 (2) *Roll With It* — **Steve Winwood** (Virgin)
5 (5) *He's the D.J.* — **D.J. Jazzy Jeff & T.F.P.** (RCA)
6 (6) *Faith* — **George Michael** (Columbia)
7 (7) *OU812* — **Van Halen** (Warner Bros.)
8 (9) *Open Up and Say... Ahh!* — **Poison** (Enigma)
9 (8) *Dirty Dancing* — **Trilha Sonora — Vários** (RCA)
10 (N) *Long Cold Winter* — **Cinderella** (Mercury)

LPs (GB)

1 (3) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
2 (7) *The First of a Million Kisses* — **Fairground Att.** (RCA)
3 (2) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (Elektra)
4 (1) *Now That's What I Call Music 12* — **Vários** (EMI)
5 (N) *Rank* — **Smiths** (Rough Trade)
6 (N) *Hot City Night* — **Vários** (Vertigo)
7 (6) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
8 (N) *Rap Trax!* — **Vários** (Stylus)
9 (N) *...And Justice for All* — **Metallica** (Vertigo)
10 (10) *The Greatest Ever Rock'n'Roll Mix* — **Vários** (Stylus)

LPs Independentes (GB)

1 (5) *Doing It for the Kids* — **Vários** (Creation)
2 (3) *House of Love* — **The House of Love** (Creation)
3 (1) *Tommy* — **Wedding Present** (Reception)
4 (N) *Rank* — **Smiths** (Rough Trade)
5 (2) *Substance 1977—1980* — **Joy Division** (Factory)
6 (4) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
7 (N) *World on Your Eyes* — **Loop** (Head)
8 (N) *Nephilim* — **Fields of Nephilim** (Situation Two)
9 (6) *Suck on the Pastels* — **The Pastels** (Creation)
10 (N) *Life's Too Good* — **Sugarcubes** (One Little Indian)

DOUBLE SOUND MACHINE
Emoção ilimitada

PHILIPS

Mais uma vez a Philips ultrapassa os limites: está no ar o Double Sound Machine, a mais nova máquina de emocionar, que você leva aonde estiver a fim. O lance do Double Sound Machine é transformar. Música em emoção. Realidade em ficção.
Double Sound Machine, o Micro-System portátil que promete no design e cumpre no desempenho. Confira:

- **Double Deck com High Speed Copy.** Para você copiar de fita para fita em alta velocidade.
- **Continuous Play.** Para tocar você, tocando até duas fitas direto, sem intervalo comercial.
- **Equalizador gráfico.** Super-recurso. Tem logo 5 bandas de controle para você transar os graves, médios e agudos do jeitão que você gosta.
- **Tuner 4 faixas.** Cheio de onda, esse tuner pega bem em FM, OM e mais duas faixas de ondas curtas.
- **Caixas destacáveis.** Juntinhas ou separadas, o som é massa.

PHILIPS

Standard

DIREITOS HUMANOS JÁ

Parque Antártica (SP) 12/10/88

Fotos Carlos Filho/Fotorial

A Anistia Internacional apresenta suas armas na noite do rock: Milton, Tracy, Youssou, Gabriel, Sting e Bruce!

Milton, depois da bem-sucedida turnê no exterior, recebendo aplausos brasileiros

A causa nobre ganha adeptos: o público aproveita o espaço para se manifestar

A solitária Tracy supera o vazio do palco com sua voz cheia, quente e bela

A África diz presente através do tímido Youssou

Tinha chovido a manhã inteira, uma chuvinha fina, gelada, insistente o que faria prever que o show ia ser uma aventura enlameada e submersa. Lá pelo meio da tarde, São Pedro parece ter atendido aos apelos daqueles que haviam pagado caro por seus ingressos e não estavam exatamente dispostos a pegar uma pneumonia para ver de perto Sting, Bruce e Peter Gabriel. Porque, sejamos sinceros, as trinta e cinco ou quarenta ou cinquenta mil pessoas que foram ao estádio do Parque Antártica podem até saber vagamente do que se trata a Declaração Universal dos Direitos Humanos e simpatizar com a causa da Anistia Internacional, mas não foi a solidariedade ou o apoio à causa nobre que as fez torrar os vários cruzados do bolso. Todo mundo estava lá para ver Sting e Bruuuuce. No meio do show, o folhetinho que circulava com a Declaração servia para anotar o telefone da gata do lado que estava assistindo ao show ou para pedir autógrafo para as várias personalidades presentes.

No exterior, esses shows engajados já viraram carne de vaca. A lista vai do pioneiro Live Aid até o recente Free Nelson Mandela. O Brasil teve a sua primeira oportunidade com esse evento. Nada contra a Anistia Internacional nem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, muito pelo contrário. A Anistia é uma entidade absolutamente séria e, para azar nosso, tem muito o que fazer aqui mesmo no Brasil. Mas esses megashows não descem muito bem, talvez porque fique no meio do caminho entre um show e um comício e acaba não cumprindo nenhuma das duas funções a contento. Por mais que os artistas tenham se esforçado bastante em transmitir seu apoio — a maioria lendo um discursinho num português hesitante que começava invariavelmente com: "Desculpem, eu não falo português, mas eu vou tentar" — à causa, não conseguiram disfarçar a fantástica promoção pessoal que significa fazer parte de uma turnê dessas. Sting foi o mais bandeiroso — apareceu como convidado em todos os outros shows, chamou Raoni no palco, mostrou no vídeo as mães da Praça de Maio enquanto cantava "They Dance Alone" —, tudo pela sua imagem de paladino pop da justiça.

Muita solidariedade, muito discurso demagógico, muitas tentativas de ganhar o público falando português canhestro e muito pouco som. Claro, houve bons momentos no show de Peter Gabriel; o Big Boss deu uma demonstração inequívoca de sua energia rock'n'roll e Tracy Chapman foi uma certa surpresa. Mas é muito pouco para um show que durou oito horas e meia, sendo que duas e meia foram de intervalos. Tudo bem, rock é uma coisa que exige paciência mesmo.

O megashow começou quase que pontualmente. Vale destacar: a produção e a organização não deram nenhuma bola fora. "O Exército da Salvação" entrou junto para cantar "Get Up Stand Up". Bob Marley, aliás, foi a ausência mais presente de todo o evento. Nos intervalos — todos entre 25 e 30 minutos, não mais — tocava Bob Marley e, na certeza de que ele estaria lá se estivesse vivo, foi o santo padroeiro da noite. Era claro ainda quando Youssou N'Dour atacou seu afropop com direito a dançarina e tudo. O som de Youssou pode convencer europeus mas aqui não funciona. Se ele tivesse entrado mais tarde talvez tivesse virado festa, mas sendo o primeiro, ele foi queimado. Ninguém conhecia suas músicas e ninguém estava lá para conhecer um músico africano. Ficou mais no terreno da curiosidade étnica.

Intervalo. A essa hora, ainda dava a impressão de vazio, mas as pessoas estavam chegando. As únicas falhas no som, por azar, aconteceram no show do Milton Nascimento. Ele entrou aplaudido e, com os dois telões já funcionando, fez o discursinho inicial. Dedicou "Cio da Terra" para Dom Pedro Casaldáliga, ensaiou o primeiro acorde no violão e... nada de som. Foi ligado mas ficou baixo o tempo inteiro, e mesmo quando entrou sua banda de apoio, cuja estrela era Pat Metheny — que arriscou um ou dois solos de guitarra — não melhorou. Se a voz de Milton não fosse poderosa, teria sido um desastre. Além disso, Milton persistiu no seu repertório militante ("Nos Bailes da Vida", "Raça", "Maria, Maria"). Só faltava entrar a Fafá de Belém cantando o Hino Nacional.

Tracy Chapman, a terceira da fila, entrou com seu estilinho despojado. Tênis, jeans, camiseta e um violão quase maior que ela. E que vozeirão... Só ela mesmo para prender a atenção do público, que já estava começando a se impacientar por algum nome de peso. Seu folk engajado não tem nenhum mistério, mas numa época de pop cheio de máquinas e super produzido, é um ato de coragem entrar só com um violão — e até cantar uma música inteira, "Behind the Wall", sem acompanhamento — num palco enorme e encarar um estádio, a essa hora já bem mais cheio. Se no primeiro momento Tracy encantou pela simplicidade, depois de algum tempo essa mesma simplicidade enfastiou. Apenas "Fast Car" e "Baby Can I Hold You" — essa última na trilha da novela das oito, que são mais conhecidas — espantaram o sono que se aproximava.

Quando Peter Gabriel subiu no palco e começou a pular feito um símio endiabrado com "Shock the Monkey" é que a canseira começou a valer a pena. Ele não fugiu à regra: iniciou falando em português: "Eu já estive muitas vezes no Brasil, mas essa é a melhor, porque eu vou cantar" precedeu a primeira canção, "Game Without Frontiers", que Sting cantou junto. A receita foi infalível: hits como "Sledgehammer", uma energia de fazer inveja a garotos de vinte anos e efeitos de luz mirabolantes (gruas com holofotes nas pontas faziam movimentos enlouquecidos). Gabriel, na flor de seus trinta e oito anos está mais do que em forma, e foi o primeiro bis da noite que foi concedido. Uma versão solene e climática de "Biko" tomou conta do estádio. De repente, Gabriel pula o alambrado e cumprimenta uma pessoa. Na confussão, o Beijoqueiro consegue uma brecha e Gabriel, na sua santa ingenuidade, o puxa para o palco. Se o Beijoqueiro tivesse o mínimo de bom senso — o que certamente não é possível, pois um sujeito que dedica sua vida a beijar pessoas famosas não tem nem o mínimo — tudo não passaria de exotismo. Mas ele começou a fazer um longo e confuso discurso e acabou sendo vaiado. Gabriel, é claro, não entendeu nada.

Sting... É certo que muita gente tinha ido lá revê-lo. É certo que o Police era uma boa banda pop. Mais certo do que tudo isso é que Sting ofereceu o espetáculo mais previsível, burocrático e sem graça da noite. A banda, que veio completa, com a vocalista Dolette McDonald e o saxofonista Branford Marsalis, é altamente competente. A voz roufenha de Sting é agradável. Talvez tenham sido as

Prêmio Funci: Peter Gabriel e Sting brincando de índio

Prêmio Chato da Noite: o Beijoqueiro passa dos limites

Gabriel e Youssou esbanjam energia para todos os lados. A performance mais do que vibrante foi um dos pontos altos

A voz sussurrante de Sting junto à rouquidão de Bruce num dueto inspirado

Premio "With a Little Help from My Friends": Gordon Matthew e Raoni

Quem esperou viu: Bruce inundou o estádio com seu rio de espírito rock n roll

versões mais que longas de "If You Love Somebody (Set Them Free)", "We'll Be Together", a equivocada "Fragil"; talvez tenham sido os efeitos batidos, como tirar a camisa, dançar junto com a backing vocal, chamar o "meu amigo" cacique Raoni no palco para que este o pintasse... O fato é que o som-para yuppie-contar-dinheiro-de-Sting, essa fusão híbrida de jazz e pop, soa mais do que antiquada e inoportuna. O melhor momento do show foi quando Sting chamou Bruce para cantar "Every Breath You Take". No mais, Sting provou mais uma vez que o Police foi a melhor coisa que ele já fez.

Muita gente ficou satisfeita com os cinco shows que já tinham acontecido e foi embora.

Já passavam trinta e cinco minutos do dia treze de outubro. Um vídeo preparado pela Anistia Internacional, com animações ilustrando os trinta artigos da Declaração dos Direitos Humanos foi exibido no telão, naquele que era o último intervalo da noite. Parecia impossível que alguém levantasse os que tinham resistido até aquela hora ao sono, cansaço e fome. Até que entrou Bruce Springsteen e a E Street Band.

Ele começou queimando um dos seus cartuchos logo de cara: "Born in the USA". Foi o show mais longo da noite. Bruce não poupa esforços nem suor. Dá tudo como se fosse o último show de rock da face da terra. Canta de forma absolutamente entregue. Bruce faz o modelito *working class* com a mais genuína convicção. Impossível não ficar impressionado com sua performance visceral. Seu passeio pelos sons americanos — folks, country, rhythm'n'blues — e uma tentativa séria de resgatar a faísca de sonho que ainda há no rock'n'roll. "War", "Glory Days", "Dancing in the Dark" chacoalhavam os quadris dos que tiveram paciência para esperar, e foram premiados com o melhor show da noite. Pegou fogo mesmo quando, depois de provocar a platéia com uma pergunta ("Vocês estão cansados?" em português), atacou "Twist and Shout". Até os policiais dançaram.

Bruce tocaria mais três horas numa boa. Mas já era hora de recolher acampamento. Antes do final, mais uma confraternização. Primeiro, todos os artistas estrangeiros se reuniram para cantar "Chimes of Freedom", de Bob Dylan. Depois, Milton se juntou a eles para entoar mais uma vez o hino da noite, "Get Up Stand Up".

Que Bob Marley, lá no paraíso rastafari, tenha pena de nós. *Bia Abramo*

Lobão trouxe para o rock uma verdade verde e rosa que pontuou e deu brilho ao show

LOBÃO

Canecão (RJ) 01 e 02/09/88

Quando Lobão lançou *O Rock Errou*, em 86, parecia que ali começava uma fértil carreira solo. A faixa-título, "Moonlight Paranóia" e "A Voz da Razão" faziam os primeiros de uma série de possíveis gols. O autor acabou achando esse LP muito para o jazz, assim como achou o seguinte, *Vida Bandida*, muito para o heavy. *Cuidado!*, o último, ainda arrasta a expectativa deixada em *O Rock Errou*. Ou seja, aquele que seria um germe acabou se tornando o melhor disco de Lobão pós-segunda opção por uma carreira solo. Este é um lado da moeda.

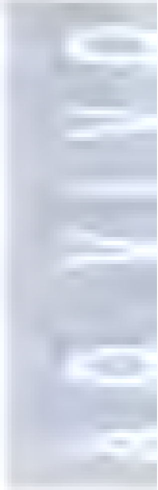
Todos sabem as intempéries pelas quais ele passou para gravar *Vida Bandida* — e, neste caso, não é nem condescendência dar-lhe um desconto. *Cuidado!* foi idealizado em três semanas e trouxe pelo menos mais três boas composições: a faixa-título — um mix samba-rock, onde os estilos são explorados com a merecida crueza e originalidade, ganhando justamente pela despretensão de ser *avant garde* etc. —, "Pobre Deus" e "No Change, No Chance". O produto como um todo, entretanto, soa falho ou preguiçoso. Se em vinil Lobão ainda tem muito o que resolver, em show parece ter encontrado um caminho ou, ainda, os companheiros certos.

Anteriormente Lobão trabalhava muito com músicos de estúdio. Era clara a falta de "jovens" talentos com garra e sangue nos shows dos dois primeiros LPs. Sua banda sempre destoava da figura adrenalínica de Lobão. Desta vez ele reuniu pelo menos dois elementos que cumpriram a função exigida pelo rock no palco. São eles: R[illegible] Jr[illegible] e [illegible] bateria. Mais: o final apoteótico trouxe emoções só comparáveis àquelas sentidas quando Lobão ataca "Corações Psicodélicos" — só o petardo deixado na companhia dos Ronaldos já justifica sua marca registrada no rock Brasil.

Ouso até dizer que o próprio Lobão sente o que foi dito até então. Nos shows anteriores, ele concentrava o repertório nos discos lançados, intercalando apenas três ou quatro sucessos antigos. Neste *Cuidado!*, ele fez uma espécie de retrospectiva da carreira. Apresentou "O Eleito", [illegible] "O Rock Errou", [illegible] "Decadence avec Elegance", "Síndrome de Brega", "Corações Psicodélicos", "Moonlight Paranóia" [illegible] com a [illegible] participação de Dante e Daúnterie no backing — "Pobre Deus", uma sessão cool só com ele, seu violão e [illegible] para cantar "Chorando no Campo", "Revanche" e "Me Chama", [illegible] "Vida Louca Vida", "No Change, No Chance". No ponto alto do show, "Amor de Retrovisor", de seu primeiro LP, *Cena de Cinema*. Depois disso começou a festa. Lobão chama Auxílio Explosão — percussionista da Mangueira que faz com as peles o que seu nome diz — para apresentar "Rádio Blá", "Vida Bandida" e aquela que fecharia a noite: "Cuidado". No final apoteótico, a presença de parte da bateria da Mangueira e do companheiro de pena e couro Ivo Meireles, fazendo o público ensaiar *rock dance* com passos de samba.

Enfim, Lobão apresentou um show mais bem cuidado — sem trocadilhos —, com energia e participação de palco equivalentes ao que a galera do rock quer, exige e merece. Só faltou mesmo a presença na platéia de João Gilberto, porque, no mais, marcou presença boa parte do estrelato tupiniquim, de Nelson Gonçalves a Renato Russo, passando por Bruna Lombardi e Simone.

Sonia Maia



SEA CLUB

THE MISSION

Projeto SP (SP) 09/09/88

Após a fulminante estréia do grupo inglês The Mission no Canecão (Rio), foi a vez da também ovacionada apresentação em São Paulo, que teve um de seus shows cancelados devido a uma pesada ressaca. Porém nem o cancelamento, a acirrada uniformidade dos arranjos, a falta de originalidade musical e a pobreza de sua performance (carente de carisma e energia) foram motivos capazes de desviar as atenções de seu convicto público, em grande parte formado pelo típico *boys meet girls*, do pretensioso curto-circuito-in.

As razões de tamanha sedução não são difíceis de decifrar. Em primeiro lugar, o Mission é um grupo altamente massacrado e "trabalhado" pela mídia, que se dispôs a executar várias de suas canções, bem como articular uma eficiente campanha de anúncios. Em segundo, o grupo executa fielmente todos os esperados hits, da maneira mais propícia à sensibilidade superficial, ou seja, em *extended versions* com infindáveis repetições dos refrões. Em terceiro, cabe frisar que uma banda anti-séptica e *clean* é bem mais fácil de cativar que qualquer outra de tendência mais espontânea e visceral. O vocalista Wayne Hussey evoca todos os cacoetes capazes de agradar, pois não possui virilidade cênica. (Já Iggy Pop, que encarna de corpo e alma o cerne do rock'n'roll, assusta o curto-circuito-in porque *punch*, visceralidade e energia são captados como devassidão, pretensiosidade e bichice.) Além disso, Hussey se comporta como um boneco grebo-dark, contido em frases e gestos de efeito.

Wayne Hussey veio ao Brasil com a missão de trazer o seu pop berrando ao descartável. Mas o público adorou

Não obstante essas colocações, o Mission chega a ser eficiente em sua limitada proposta, que é a de revestir a dark music, o neo-psicodelismo e o big rock numa tonalidade definitivamente pop, à beira da descartabilidade. E na voz criptorouca abaritonada de Hussey que se articulam as texturas musicais. A guitarra de Simon Hinkler (bastante carregada de efeitos e *ebow* — espécie de palheta eletrônica) resguarda atmosferas neo-psicodélicas e levadas de *cold wave*. A pesada e convencional bateria de Mick Brown e o baixo (empapuçado de *chorus*) de Craig Adams completam a esfera musical que, por vezes, é conveniente às achimatações do *progressive rock* dos anos 70.

Aberto por uma introdução de valsa-rock, durante 1h15 de espetáculo e mais vinte minutos de bis, o grupo totalizou 14 canções, entre as quais, obviamente, os destaques ficaram por conta dos hits "Severina" (ovacionada ininterruptamente) "Wasteland", "Garden of Delight" (ladeada por uma lentidão absurdamente progressiva), "Beyond the Pale" (a mais simpática), Tower of Strength" e a medita 'Believe". As versões de "Dream On" (Aerosmith), "Like a Hurricane" (Neil Young) e "1969" (Stooges) só conseguiram deixar muita saudade das originais.

Fernando Naporano

MÁFIA

Dama Xoc (SP) 03/09/88

O que falta para a imprensa descobrir Skowa & Mafia? Matéria na BIZZ? Não por isso. Dê-me outro motivo. O grupo desfruta, no momento, de grande popularidade entre a classe média paulista, sem perder seus vínculos com a periferia. As gangues breaks são velhas freqüentadoras dos shows de Skowa. E agora que o funk voltou a ser o prato sofisticado dos DJs da Zona Sul, Mafia está entre as sugestões do dia.

O público do Dama Xoc estrebucha na pista de dança, movido pela cadência da banda. Estes são os consumidores de LPs em SP. Mas onde está o LP da banda? Qual faixa toca no rádio? Se não há resposta, então o que explica a animação do público e as letras decoradas?

O show é praticamente o mesmo de um ano atrás. Talvez este seja o motivo maior de identificação. Abre com "Atropelamento e Fuga", cover de Akira S & as Garotas Que Erraram, que já se transformou em hit. Tem música de Jorge Ben e combustível próprio, o suficiente para chegar à Lua.

Skowa não faz rap, nem a Mafia faz hip hop. Mas seu funk sabe ser pesado. A guitarra ardente de Tonho Penhasco, neste show, está substituída pelo instrumento homônimo do guitarrista do Lagoa 66. Os metais femininos ousam um pouco mais, deixando de somente embelezar o palco. A bateria de James Müller divide a cerimônia com a drum machine programada por Akira. E o baixo, apesar de tímido, sabe como conquistar a simpatia da platéia. O "punch" da banda, entretanto, está na linha de frente com Skowa e os vocalistas Tchê e Bukassa, que rasgam suas gargantas e coreografias. Bukassa, por sinal, é dono de agudos capazes de partir os corações mais cristalinos. Taí alguém que possui *soooul*! O vocal de Skowa, por sua vez, não nega sua passagem pelo Sossega Leão. Os resquícios saleirosos, contudo, só tornam mais original o impacto de seu swing. E ele nos serve hits, hits e mais hits... virgens, pedindo para serem deflorados por um pino de toca-discos.

Skowa é um showman habilidoso. Deveria animar programas de auditório. Ao vivo, faz o que quer: conta piadas, enrola, canta... Não há como resistir a seu talento. Ele deveria se candidatar a prefeito. Mas prefere nos ver dançando a seus pés. Todo rei tem a corte que merece. E está na hora de as gravadoras pagarem seu tributo em vinil.

Marcel Plasse

À esquerda, Skowa, que poderia se candidatar a prefeito, mas prefere nos ver dançando a seus pés. Agachado, Bukassa, soooout man

THE TROGGS

Prego (Milão) 11/09/88

"Wild child/ you make my heart sing/ you make everything/ groooooovy/ wild thing." Mais *wild* do que estes versos em 1966 só mesmo estes mesmos versos saindo de um radinho de pilha no meio do delta do Mekong. Eles eram tão *wild* que o mais transpsicodélico dos *wild cats* — Mr. James Marshall Hendrix — os revestiu com um equipamento hard, mais do que adequado para encerrar seus shows à visão espetacular de uma Stratocaster em fogo. Também não é por acaso que esta emblemática *wildness* estava no centro de *Totalmente Selvagem*, de Jonathan Demme, como o símbolo do fim mundo para os adolescentes dos anos 60.

Os responsáveis por este *sign of the times* foram quatro figuras designadas (na época ou ainda hoje) como "a única banda punk inglesa" (dos anos 60, é claro). E eram mesmo. E eram muito mais. Os Troggs — originalmente The Troglodytes — praticamente inventaram o heavy metal *avant la lettre* (no caso, a letra de Jimmy "O Bruxo" Page). Ozzy "O Morcego" Osbourne entrou para a história da demência de nossa época porque ouviu muito Troggs quando era pequeno. Ainda hoje, "Wild Thing" — com sua percussão de selva do Congo, vocais sensíssimos e solo surreal de ocarina — permanece como a Magna Carta da simplicidade em um universo pop que não pode viver sem flertar com a sofisticação.

Foi no século XIX que os Troggs — especialmente no ano da graça (para o rock) de 66 — alcoolizavam as massas juvenis na Europa e América com lanças primitivas no meio do cérebro? Parece. O mais formidável é que os Troggs *ainda* existem. Reg Presley ainda é o crooner/líder e Chris Britton ainda é o guitarrista. Os outros dois originais, Peter Staples e Ronnie Bond, voltaram às cavernas e foram substituídos. A melancolia poderia nos invadir ao compararmos as fotos, por exemplo, de uma capa como a de *Best of the Troggs* (coletânea imbatível da Rhino de Los Angeles) com as faces trogloditas atuais. Não importa. O que importa é reencontrar aquele mesmo som de um auto-rádio Motorola 1966 — um sublime palimpsesto pop. Som de selva, caverna, fermentado, atulhado de pó e toxinas.

A voz de Mr. Presley é mais rouca do que em 66. Mas ainda sai um bzzzzz do equipamento e o volume ainda oscila como se o Motorola estivesse fora de onda. Perfeito. Abrem com "Peggy Sue", emprestada de Buddy Holly e massacrada como devia. Passam por uma "Satisfaction" de ferrugem secular e uma "Louie Louie" — o "God Save the Queen" do rock de garagem — envenenada por incrustações heavy. É o som que os Cramps tentam reproduzir ao vivo e não conseguem. Como respiro, atacam pastiches suaves de derivação beat. Guardam as bombas para o grand finale: "With a Girl Like You", com um dos melhores "pá pá pa pá/ pá pá pá pá pa" da história do pop, "Wild Thing", mais grave e brutal do que nunca; e "I Can't Control Myself", que encerra em seus gloriosos versos a *crème de la crème* da moral troglodita: "Me bastaria apenas uma caverna/ para ter as idéias mais claras".

A importância semiológica dos Troggs na civilização ocidental ainda está por merecer um ensaio no nível da erudição-mix de um Umberto Eco. Se você, leitor, não estava vivo em 66, não se deixe enganar por imitações posteriores (todas). Corte com a era da informática e penetre em um sono mineral no fundo das cavernas. Não deixe de levar o equipamento essencial: o mito da caverna no texto original de Platão e um *greatest hits* dos Troggs.

Pepe Escobar

este belo design foi criado para melhorar o seu.

adidas

Você gosta de elogios? Nós também. Por isso, cuidamos de colocar toda nossa tecnologia a serviço da moda. O resultado é que você vai andar por aí recebendo elogios da cabeça aos pés.

MARCELO NOVA

Concha Acústica do TCA (Salvador) 18/09/88

Afastado dos palcos ha quatro anos, Raul retornou como convidado especial de Marcelo Nova. E aproveitou para tecer as leis de sua Sociedade Alternativa

Definitivamente o tempo passou e já ha algo de errado entre a música de Marcelo Nova e Salvador — sua cidade natal — e, neste caso, não se aplica o provérbio de que santo de casa nao faz milagres porque ele já fez. Anunciado com bastante antecedência por dezenas de outdoors espalhados sob o signo de maior agitação cultural da city na década, o ex líder do Camisa de Venus trouxe a Envergadura Moral para o troféu Caymmi (uma espécie de Grammy regional) na festa dos destaques da música baiana no primeiro semestre, e encontrou o menor público para um show de rock este ano.

Na verdade, o público de Marcelo Nova atualmente em Salvador é pequeno, pois sobraram apenas aqueles que consideram o rock como mais uma religiao ou política para salvação do mundo. O vocalista da Envergadura Moral é o pastor desse rebanho perdido no tunel do tempo que o acusa de traidor por ter desfeito sua ex-banda. Ossos do ofício, tipo "Qual É a Sua, Meu Rei?", primeira música do show, que teve na sequência a fraca "Imagens na Memória" e "Coraçao Seqüestrado", a melhor faixa de seu álbum solo. Um pouco frio pelo clima da platéia que nao conseguia vislumbrar identidade própria na Envergadura Moral. Afinal, o espectro do Camisa ainda é bastante forte. A apresentação ganhou pique com dois covers alucinantes: "I Want You", da dupla Lennon/McCartney, e "The House of the Rising Sun", de Alan Price. Pique Riverte (saxofone) e João Chaves (piano) mataram a pau a interpretaçao *à la* Jerry Lee Lewis, mas o público permaneceu perdido, talvez por nao saber do que se tratava. Marcelo Nova pareceu ter entendido no ato ao detonar "uma coisa que vocês conhecem, agora" (sic).

Papel de Bandido

Foi a senha para mais um discurso primoroso pela falta de informação e coerencia, e ele atacou em seguida com "Ela Saiu um Dia", "Algum Lugar" e "Cançao do Inverno", esta um blues muito bem conduzido pela banda, que é realmente boa, mas interpretado sem a sutileza e emoçao que o genero requer — soou como uma piada. Com a galera pedindo Raulzito, o jeito foi Marcelo jogar mais covers. "Breathless", de Otis Blackwell, hit na voz de Jerry Lee Lewis, e ainda "Purple Haze", de Hendrix. Um apanhado rápido e caceteiro de "Muita Estrela e Pouca Constelação", "Simca Chambord" e "Joana D'Arc" deixou os viúvos felizes, enquanto Raul Seixas entrava no palco, depois de quatro anos de ausencia.

Contessando ainda estar fazendo vestibular para ficar maluco e visivelmente fora de forma, Raul jogou "Maluco Beleza" e mexeu com o coraçao da galera. Mostrando-se feliz por voltar a Salvador, Raul passou a dividir os vocais com Marcelo na antológica "Rock das Aranhas" e na apoteótica "Sociedade Alternativa", quando Raul leu as "leis" da Sociedade, cujo maior princípio é o respeito total e irrestrito à liberdade de expressao e às diferenças entre os seres humanos. Foram apenas três músicas em pouco mais de 15 minutos no palco, mas que valeram por todo o show. *Hagamenon Brito*

THE BLECH

Masp (SP) 30/08/88

O curioso termo *power trio* está recuperando seu prestígio à sombra de uma nova concepçao estética de instrumentaçao e composiçao. Bandas como os Young Gods (composto somente por voz, sampler e bateria), Coil (tapes, samplers), AR Kane, World Domination Enterprises (estas duas fazem milagres so com baixo, guitarra e bateria) e o Blech detonam massacres rítmicos tao encorpados quanto estimulantes, firmes demonstraçoes de como soar forte e avassalador com poucos recursos. A novidade esta na combinação e tratamento dos instrumentos (nem sempre musicais), no que e como cada um toca.

Neste show de barra assistencia (o ultimo da temporada brasileira do grupo, que teve casas lotadas em Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília), o Blech provou que o "Kraut-Rock" azedado em toneis do binomio "sentido e torça", está de tempero novo. A banda — que ensaia em Munique e veio ao Brasil a convite do Instituto Goethe — surgiu ha dois anos, tem tres LPs lançados (dois na Alemanha e um na Italia) e ja dividiu palcos e compilaçoes com Fred Frith, This Heat, Clock DVA e outros errantes visionarios. No chucrute do The Lata" so entram polirritmias pesadas e de difícil digestao. Nao é som para amcas — e para os nervos, psicotico e agressivo. "duro" na forma mas com o espirito flexivel e o encanto dada surreal dos primeiros industriais Pere Ubu, This Heat, D.A.F. e o pai de todos, Captain Beefheart.

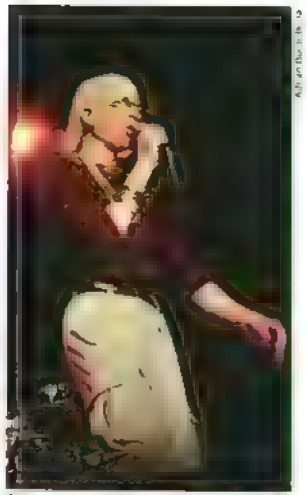
O epicentro do trio é Hubl Gretner, tranquilamente uma das maiores expressoes num continente que transborda bateristas criativos (Bil Bruford, Christian Vanders, Jaki Liebezeit, Keith Moon, Chris Cutler sao apenas alguns). Gretner conduz sua bateria em ritmos alopradas na velocidade de um "thrasher" e com uma tecnica formidavel — alias, ele tem um curioso bumbo digital, um pouco maior do que o pedal, que possibilita uma troca de timbres e volumes a cada música. Os outros integrantes nao sao menos frenéticos. O agitado Rubert Volz parecia estar tomando choques elétricos quando soltava o verbo (sabe Deus o *que* ele dizia), arranhava sua (anti) guitarra ou buzinava no seu minusculo pistom. Therofal, o de formação mais academica (estudou piano clássico), se revezava no baixo e nos teclados, sustentando praticamente sozinho o pouco que havia de "melodico" na musica do Blech.

Eles deram uma aula de como fazer um som viril com uma dosagem perfeita de ritmo, ruido e melodia (sem cair em excessos atonais magantes). O que fazem é estranho e provocante, mesmo sendo absolutamente simples (eles nao tem e nunca tiveram um *road e*). E nem por isso deixaram de ser uma das grandes atraçoes do Transmission Festival, realizado no final de setembro em Berlim, ao lado do Einstürzende Neubauten e de uma superbanda formada por Arto Lindsay, Don Cherry, Fred Frith, Charles Hayward (This Heat) e Heiner Goebbels.

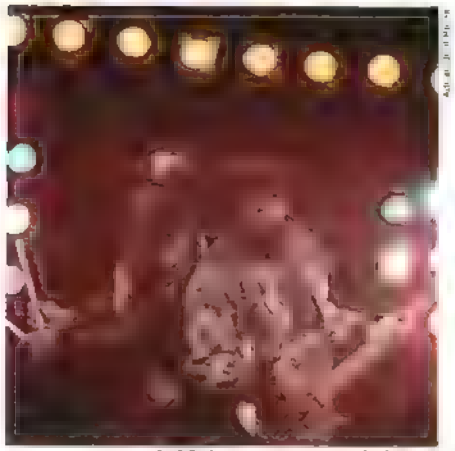
Thomas Pappon

REGGAE JAPANSPLASH FESTIVAL'88

Yomiuri Land (Tóquio) 14/08/88



Yellowman seguro firme o cetro deixado por Marley



Sly & Robbie responsáveis pela cozinha do teste

Verão é época de festival ao ar livre em Tóquio. Tem para todos os gostos: jazz, música tradicional, blues... Dia 14 de agosto foi a vez de os jamaicanos botarem para quebrar. Um domingo inteiro de som, em meio ao verde de um gigantesco parque nas imediações da cidade e com uma programação suficientemente eclética para incluir vários dos principais estilos que hoje se abrigam sob o rótulo de reggae.

O festival foi aberto por três bandas japonesas, das quais só a última — Sandi & the Sunsetz — conseguiu chamar a atenção, fazendo um gênero Talking Heads do Oriente. A coisa esquentou mesmo quando o mestre-de-cerimonias convocou "a melhor cozinha de reggae do mundo".

Sly Dunbar e Robbie Shakespeare arrasaram. À frente da Taxi Gang, a dupla detonou um repertório puxado por coisas como "Devil Pickney" e "Sitting & Watching" para fazer até zumbi sair dançando. O som redondo e encorpado do baixo de Robbie costurava a fantástica precisão da bateria de Sly, dono de uma levada de caixa e ximbau mais que hipnótica. Impressionante também a disposição da banda, que tocou por mais de quatro horas praticamente sem intervalos e funcionou como grupo de apoio para todas as outras atrações internacionais.

Leroy Sibbles veio em seguida, no momento em que o sol começava a se pôr, cumprimentando os presentes com um "Saudações em nome de Jah para todo o sempre". Ex-integrante dos Heptones, ele agitou a galera com "She Was Too Young to Fall in Love" e outras sacudidas canções de amor. Fez um discurso contra o apartheid, cantou em homenagem a Nelson Mandela e saiu de cena saudado por dezenas de bandeiras tricolores da Etiópia dos tempos de Hailé Selassié. Não deixa de ser meio absurdo ver o velho "Leão de Judá" sendo cultuado como símbolo pelos rastas, mas tudo bem.

A grande surpresa do festival acabou sendo Sophie George. Eleita a melhor cantora de 1987 por duas rádios jamaicanas, com um pique de tirar o fôlego, ela aprontou misturas as mais inacreditáveis, chegando a incursionar até por uma especie de baião-embolada-reggae. Seus improvisos vocais baseados em onomatopéias dialogavam com a bateria de Sly, até se transformarem em duelos afiadíssimos. Sophie conquistou o público ao cantar em japonês "Le-o-maite-aruko" — conhecida no Ocidente como "Sukiyaki" —, e dançou agarradinha com um fã nipônico que invadiu o palco.

Depois dela, foi a vez de Lieutenant Stitchie, *toaster* que é um autêntico representante do "dance hall style". Vestido de lamê azul dos pés à cabeça, ele divertiu a platéia com seus "causos" sobre o dia a dia das ruas de Kingston. Brigas de marido e mulher, escândalos envolvendo vizinhas e conversas de malandros são alguns dos temas dos dubs de Stitchie, que faz as vozes de todas as personagens, em interpretações embaladas pelo balanço de Sly e Robbie e seus comparsas da Taxi Gang.

Na sequência, o britânico Maxi Priest e seu som derivado da "new vogue" ou "lovers rock" — onda surgida na Inglaterra no fim dos anos 70, influenciada pelo soul e pela música pop, e que se tornou a primeira corrente estrangeira de reggae a fazer sucesso na Jamaica. Maxi temperou seu repertório com covers de "Wild World", "You've Got a Friend" e "Ob-la-di Ob-la-da" mas não esqueceu o lado místico-político ao apresentar "Marcus", com letra falando de Marcus Garvey, espécie de ideólogo e profeta do movimento rastafari.

Depois de uma rápida pausa para que a vocalista Sandi, do grupo japonês Sunsetz, cantasse o Hino Nacional jamaicano, o mestre-de-cerimônias anunciou "o rei do reggae". Em outros tempos, isso teria sido a senha para apresentar Bob Marley ou Peter Tosh, mas o albino Yellowman provou estar à altura do título. Ele atacou "Look in Me Eye" e emendou com um arranjo dub para "Blueberry Hill", o clássico de Fats Domino. Seu show não podia deixar de fora "Yellow as Cheese", numa versão enorme, com os múltiplos ecos na caixa da bateria eletrônica de Sly criando um clima cada vez mais envolvente. Yellowman incluiu ainda alguns skas no programa, com destaque para "Nobody Move, Nobody Get Hurt", sobre um entrevero com a polícia jamaicana.

O festival terminou com a volta de todos os artistas ao palco para uma animada jam session em torno de "I Shall Be Released" - sucesso de Bob Dylan, também famosa com The Band — que, devidamente recauchutado, fez todo mundo pular por mais um bom tempo. Nem parecia o Japão.

Roberto Navarro Fagundez

FREE JAZZ FESTIVAL

Anhembi (SP) De 06 a 11/09/88

Nina Simone pode precisar de uma garibada em seu repertorio, Sater mostrou um som maduro e bem acabado

Este é um país que canta e é feliz, feliz..." Mais um Free Jazz Festival se passou e ao que tudo indica trata-se de um evento já frequente no calendário musical do eixo Rio-São Paulo. Este ano foi especialmente interessante porque, de uma maneira bem estranha, ele foi uma vitrine da confusão e perplexidade em que estão mergulhados o mundo musical e a indústria da música. Nunca as palavras valeram tão pouco e seu significado foi tão enigmático.

A coisa já esquentou quando o legendário vibrafonista Milt Jackson levantou a voz contra o preconceito racial que estaria sofrendo a música e o músico negros, mas contraditoriamente se mostrou tão segregacionista quanto ao criticar a presença de músicos e grupos que, segundo ele, não tinham nada a ver com o verdadeiro jazz.

O mundo está podre e capengando neste final de século e já não há mais nenhum espaço para "as ilusões perdidas". O verdadeiro e o falso são faces da mesma moeda e a música está inserida neste contexto. Os dias de hoje nos apresentam uma situação onde a reinvenção e a criatividade são o resultado da crítica, da quebra dos padrões e da expectativa — e não mais da renovação da linguagem. Neste sentido causou muito espanto a apresentação do grupo Lounge Lizards, liderado pelo saxofonista e ator John Lurie, justamente porque eles praticaram uma desmontagem crítica dos padrões de composição e execução musical. Os *padrões-clichê* são, entre outros: a técnica tradicional do instrumentista, a afinação, a mítica do que o jazz é por definição, campo este explorado apenas por virtuoses etc. Os Lizards tiveram o mérito de expor essa corrente da música de hoje que estaria mais criativamente representada se tivéssemos a anunciada — e depois cancelada — presença de John Zorn, promessa para o próximo ano.

No setor histórico o Festival esteve muito bem representado: Modern Jazz Quartet e Stephane Grappelli. Nina Simone mostrou que está melhor do que nunca mas deve modificar o repertório de "trigésima mão". Ron Carter e Tony Williams formaram uma "cozinha de ouro" para que o jovem pianista Mulgrew Miller brilhasse, mesclando a melhor tradição do piano moderno do jazz. Perto dele, Michel Petrucciani (que se apresentou no ano anterior) é um *kitsch* anão de jardim.

Oscar Castro Neves cantou no coro dos contentes do *fusion*, ao lado de Michael Brecker, Yellow Jackets, Raul Mascarenhas, Leo Gandelman e outros. Esse é o ponto mais discutível do Festival. Por que trazer dentro do espaço de um festival — que por definição deve ter o caráter de amostragem —, um monte de grupos que suportariam uma turnê individual patrocinada pelas multinacionais do disco?

O músico mato-grossense Almir Sater ficou inicialmente com a responsabilidade de abrir o show de Miles Davis. Com o cancelamento da vinda de Miles sua participação pode transcorrer num clima mais tranquilo. E no meio de tanta nulidade musical, Sater mostrou um trabalho sério, maduro e bem acabado.

O saxofonista Courtney Pine foi considerado o grande destaque do Festival. Ok, ele é um excelente instrumentista — dos melhores, atualmente — mas precisa amadurecer seu trabalho. E seria bom se Pine não se perdesse no mundo pop do qual tanto se orgulha de pertencer. Além disso ele deve se lembrar que música é essencialmente *body and soul* e o aplauso nem sempre é o melhor conselheiro.

O grande bilete ficou mesmo por conta da cantora norte-americana Diane Shuur. Que a indústria do disco precise ocupar o espaço de mercado de uma Sarah Vaughan, E la Fitzgerald ou Billie Holiday, é compreensível. Agora, a gente não precisa acreditar na história. Não somos surdos nem cegos. Diane Schuur é mais uma jogada mercadológica dramática para os incautos. Não tem estilo nem estalo.

Caso em 89 se confirmem as presenças de Zorn e Miles, poderemos frequentar ao menos duas noites do Festival sem nos sentirmos como consumidores babacas de uma jogada de marketing e publicidade. Essa sensação de incômodo torna-se mais forte quando notamos que os músicos brasileiros (residentes no país) que participam desse tipo de evento soam, em sua maioria, como xerox: e ao longo dos anos, tem apresentado uma triste evolução no sentido de aperfeiçoamento da cópia. O Rio de Janeiro é muito mais morto que Miami, mais fricção que fusão. A música instrumental da maioria dos grupos que tocaram neste Free Jazz sofreu do que se poderia chamar "complexo de Califórnia".

A música brasileira atual é muito mais rica que a amostragem proporcionada pelos músicos programados para este ano. Já que realmente não faz mais sentido algum a terminologia tradicional — jazz, erudito, regional — para a programação nativa o Festival deve assumir um compromisso mais sério com suas raízes e não sucumbir à pauta de lançamentos das grandes empresas do disco. Porque se as coisas continuarem como estão — um desfile de *fusion music* sorridente —, a organização do Free Jazz pode começar a pensar em vender ingressos apenas para o saguão do Anhembi, onde as coisas realmente interessantes acontecem.

Lívio Tragtenberg

Lounge Lizards, da onda mais moderna, e a grande figura histórica do pai do violino no jazz, o francês Grappelli

ROCK CONEXÃO BRASIL

Aeroanta (SP) de 21 a 24/09/88

O Beijo AA Força, de Curitiba, ha cinco anos na estrada, agora entra no vinil junto a quatro conterrâneos

O evento Rock Conexão Brasil, promovido pelo Aeroanta e BIZZ, trouxe uma atenção, atualmente meio dispersa, para os novos talentos da música brasileira. Embora a editoria de BIZZ não tenha participado na escolha das bandas, esses quatro dias terminaram com um saldo positivo. Primeiro pela boa presença de público — participante e crítico mostrando-se interessado em conhecer o que se faz na música além da caceteante programação das FMs.

Tudo começou na quarta-feira dia 21 com os paulistas Peixes. Já devidamente destacados na BIZZ de julho deste ano (seção "Brasil"), o quarteto conseguiu calar a plateia principalmente pelas letras inteligentes e humoradas — fragmentos urbanos utópicos, quadriculados pela inconfundível veia poética de Pedro Vicente, além da timidez na apresentação. Aliás, este é um fato surpreendente: os "novos" têm entrado no palco como se já tivessem anos de carreira. Pelo menos isso o que se notou neste evento como um todo.

A base funk levada pelos Peixes não é tão digerível quanto o estilo costuma ser em sua versão mercadológica. A inclusão de referências ao jazz e à MPB da o diferencial e os coloca à parte de outros grupos ligados ao gênero. Ponto para os garotos: Zeli (baixo), Antônio Pinto (bateria), Pedro Vicente (guitarra base/letras/vocal) e Marcelo Soares (guitarra).

Depois de uma longa espera, pôde-se assistir aos gaúchos do Apartheid. Que o show foi competente, isso não se pode negar. Como também não se pode negar que o guitarrista André Oliveira tira timbres e frases criativas de seu instrumento. No mais era pura cheiro de rock inglês, motivo suficiente para causar um certo desespero dada a escuta do nosso campeonato incipiente gaúcho.

Quinta-feira 22. Era a vez da Africa Gumbe (ex-Africa). O Brasil do Rio de Janeiro dava seu recado. E este veio. Reggae da Guiné Bissau embalados sem firulas mercadológicas, eles ganharam o público na garra e no jeitinho carismático de Carlos Budiaga (guitarra e vocal) chamar a moçada ora para dançar um ritmo quente ora para agarrar seu par e se embalar num afro-bolero. O percussionista Humberto Abiodun deu luz à sua (e nossa) pele, tocando com a vontade que Deus lhe deu. E a festa se prolongou irresistível, mostrando como distinguir esportistas de atletas.

Depois da boa surpresa do Africa Gumbe, sexta-feira foi a noite dos paranaenses do Beijo AA Força, já conhecidos em São Paulo. Com um pop alterado, engrossado por um bom trabalho de guitarras e temperado com pitadas de samba e arrogância, o grupo foi comparado, por um crítico de mau humor, com o velho Camisa de Venus. Outro, mais entusiástico, fazia questão de encontrar em uma de suas melhores composições, "Homem de Ferro", sonoridades *à la* Sonic Youth. Como se vê, uma banda que deve render boas discussões. O vocalista e guitarrista Rodrigo Barros, oriundo de Brasília, encontrou em Curitiba um bom terreno para desenvolver um rock informado ("aquele pessoal de Brasília se orgulhava de ter ouvido Bauhaus em 79 [...] mas não conformado [...], como se isso fosse garantia de alguma coisa [...]. E ele, ao lado do outro guitarrista Luiz Ferreira, quem segura o grupo há cinco anos [...] através de várias fases e formações — atualmente a banda conta com Renato Quege (baixo), Claudio Kobachuta (bateria) e Gledistom Nascimento (sax). Ponto para a determinação e outro para as boas letras, muitas delas escritas por um "associado", Marcos Prado. De resto, o grupo esteve em São Paulo não só para o show mas também para a gravação de um disco (a ser lançado pelo mais novo selo independente de São Paulo, o Vinil Urbano) ao lado de três outras bandas paranaenses (Idolos de Maline, Tessália e Bons Garotos Vão para o Inferno).

O final acabou sendo melancólico para o Conexão Brasil. O grupo Zanba, de Brasília, fechou (literalmente) o evento, dissipando qualquer traço de animação no público que lotava o Aeroanta minutos antes da apresentação de sábado. Por volta da meia-noite e meia os sete integrantes do grupo deram início ao show com a música "High Life" — uma tentativa frustrada de incursão no gênero explorado com sucesso pelos Paralamas. As semelhanças do Zanba com seus conterrâneos não pararam por aí: a todo momento tinha-se a impressão de que assistíamos ao ensaio de um sub Paralamas em início de carreira. Mesmo trabalhando em vários ritmos — reggae, funk, high life, baladas e até uma pegada [illegible], o grupo só conseguiu arrancar bocejos do público. O tom da noite seria dado pelo próprio vocalista — Henrique Hermeto, ex-Obina Shok —, ao reconhecer lá pelo final do show: "Não foi tão ruim assim, moçada".

Sônia Maia: Peixes, Apartheid e Africa Gumbe
Alex Antunes: Beijo AA Força
Marisa Adán Gil: Zanba

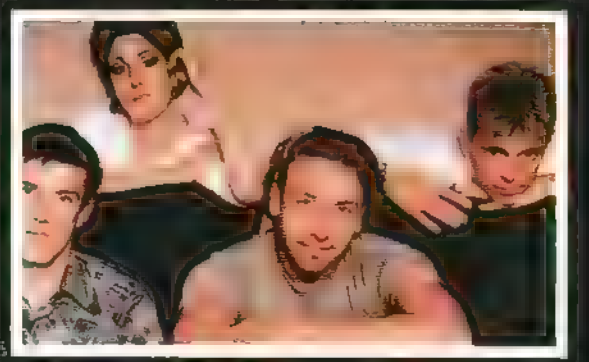
benetton

O VERÃO DO ROCK

Os parquinhos de cerâmica ficarão em cacos, as poupanças serão arrombadas. O verão chega ao Brasil trazendo a tiracolo atrações internacionais fervilhantes. Stray Cats, Peter Murphy, New Order. E o homem de mil fases, faces e disfarces, Boy George. Com vocês, um quem é quem atualizado dos visitantes

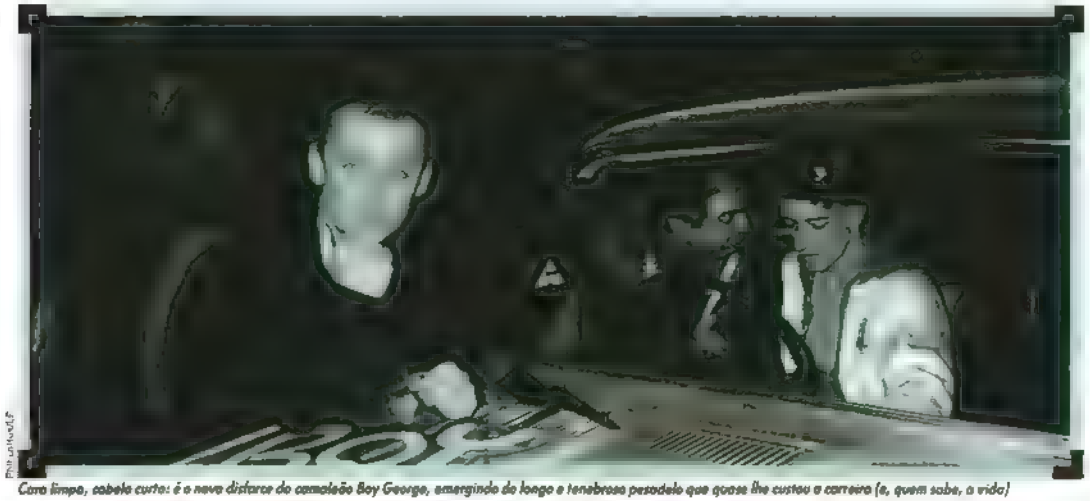
Os tapetudos Stray Cats, reagrupados pela paixão rockabilly ao som surf

Peter Murphy: dos trevos do Bauhaus à elegância sutil que estará nos palcos brasileiros



Os hot hits dos pistas de dança tomarão vez no país de Morris, Gillan, Mack e Summers

Salve o inverno! O inverno acima do Equador, bem entendido. Bastou dar uma esfriadinha lá por cima para o calendário de shows internacionais daqui de baixo começar a ferver. Esta inversão térmica é um fenômeno recente, mas tem se intensificado ano após ano, colocando o Brasil na rota das turnês mundiais. Em novembro, fique de olho no termômetro, no barômetro e nos jornais. Este mês está com um gostinho viciante. A seleção de estrelas que vêm para ser apresentar tem tudo para curar a anemia de anos de inanição. Stray Cats, Peter Murphy, New Order e Boy George são ícones de algumas das principais correntes desta década. Stray Cats são os padrinos do renascimento do rockabilly nos anos 80, Peter Murphy foi o líder da principal banda gótica da Inglaterra, New Order é o último e sofisticado estágio do synth pop e Boy George elevou o visual ao status de estilo musical.



Cara limpa, cabelo curto: é o novo disfarce do camaleão Boy George, emergindo do longo e tenebroso pesadelo que quase lhe custou a carreira (e, quem sabe, a vida)

O RETORNO DOS TOPETUDOS

O Stray Cats começou quando Brian Setzer, um guitarrista topetudo e fã de Eddie Cochran, trocou Nova York e um grupo chamado Bloodless Pharaohs pelos palcos da Inglaterra. Logo, a banda estava repartindo seu estilo revivalista com a geração emergente de rockers britânicos, levando o estilo a ser absorvido pela corrente impura da new wave. Infelizmente, depois de quatro LPs, em 1984, a banda se separou. Setzer partiu para a carreira solo, enquanto Phantom e Rocker se alinharam ao guitarrista Earl Slim para montar um novo trio. Mas nenhuma das carreiras logrou repetir o sucesso do grupo original. Setzer ainda fez uma aparição cinematográfica no filme *La Bamba*, vivendo seu grande ídolo Eddie Cochran. Entretanto, há alguns meses, o trio voltou a se apresentar como Stray Cats. Não era apenas o encontro de velhos amigos unidos em torno de um show: o Stray Cats estava realmente de volta. E, antes mesmo que os fãs pudessem perceber o que estava acontecendo, eles desembarcam no Brasil para realizar um show que ninguém mais pensaria vislumbrar.

O MENSAGEIRO DA LUZ

Bauhaus foi outra banda que encerrou suas atividades e teve seus integrantes dispersos em projetos paralelos. O vocalista do grupo, Peter Murphy, chegou a tentar uma parceria com o ex-baixista do Japan, Mick Karn, antes de se aventurar em carreira solo. Ficou três anos sem se apresentar ao vivo, tentando exorcizar a sombra de seu grupo e agora está lançando seu segundo LP. O público brasileiro, que chegou a alimentar um culto póstumo ao Bauhaus, não deve estar acreditando na vinda do cantor, que pode estranhar encontrar debaixo de um sol tropical uma platéia religiosamente vestida de preto. Mas Peter Murphy não é mais o príncipe das trevas do rock. Suas músicas abandonaram o morbidez terminal por mensagens luminosas. Os fãs vão querer "Bela Lugosi's Dead", o hit máximo do Bauhaus, que se imortalizou na cena de abertura do filme *Fome de Viver* — onde Murphy dava seu show de vampirismo para a displicente "aprendiz" David Bowie. Ele tocará? No Brasil, como todo mundo sabe, tudo é possível.

A ONDA QUENTE

New Order dispensa apresentações. Já foi capa da BIZZ e tem praticamente todos os seus LPs lançados no Brasil. Com o suicídio de Ian Curtis e o congelamento da cold wave, os integrantes remanescentes do Joy Division chamaram uma tecladista e tentaram fazer a árdua transição entre as sombras, as cinzas e as cores vivas. As cores não vieram nas primeiras gravações nem no primeiro LP — talvez isso explique o fato desse material ser justamente o que falta ser lançado no Brasil. Mas, aos poucos, eles foram se tornando uma fabrica de hits dançantes. Aprenderam tudo a respeito das técnicas de mixagem com Arthur Baker, um dos seus melhores produtores, que trabalhou com Afrika Bambaataa. Lançaram uma coleção de remixes antológico. Há pouco, seus standars mais dançantes foram embalados num álbum duplo, *Substance*, e colocados à disposição dos animadores de festas locais. O show deve se concentrar nesses hits e não permitir um minuto de descanso ao público. Sua performance cool, clássica, vai destoar barbaramente da horda de fãs ensandecidos que insistirão em pedidos de bis, que talvez sequer sejam acatados.

Quanto à Boy George... Bem, ele é a nossa capa.

Adeus trancinhas, maquiagem exagerada e vestuário extravagante! O efuziante Boy George dos tempos do Culture Club cedeu lugar para um rapaz de cara lavada, cabelo raso e visual cool. Os caminhos da transformação foram os mais acidentados possíveis, com lances dignos de novela.

A verdade é que Boy George soube dar a volta por cima de uma série de acontecimentos que poderiam ter encerrado facilmente a sua carreira e está pronto para começar uma nova fase em sua vida. Dessa vez, o ponto de partida é o Brasil. O cantor inicia este mês uma superturnê pelo país, apresentando-se não somente no eixo Rio-São Paulo, mas também, numa proeza inédita, pelas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul.

Boy George vem ao Brasil para iniciar a turnê mundial de lançamento do novo LP *Tense Nervous Headache*. O título é significativo. Amigos morreram, ele perdeu o namorado e se encontrou num dos maiores escândalos que envolveram um pop star dos últimos tempos. Deve estar, realmente, com uma bruta dor de cabeça. O público brasileiro, entretanto, pode até encontrá-lo bem disposto, trajado ao velho estilo. Afinal, a única informação que ele tem do Brasil é a impressão do Jon Moss, seu ex-namorado e baterista, que passou um Carnaval no Rio. Será que ele vai ter uma recaída de Cármem Miranda?

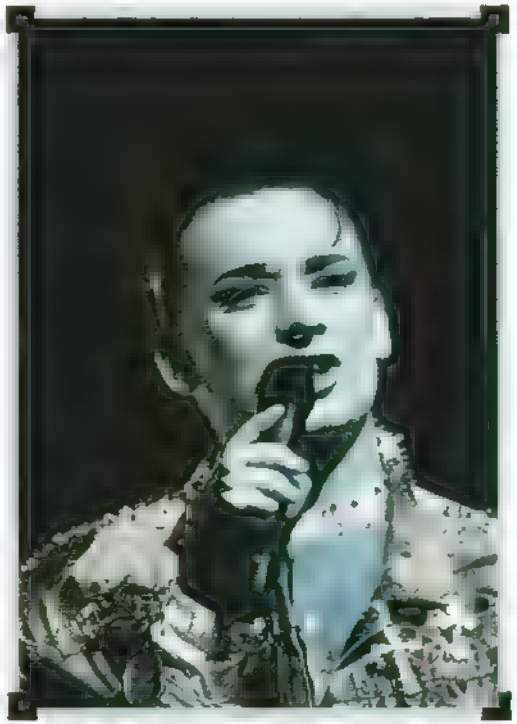
O recente tumulto já foi ultrapassado. Os fatos são conhecidos. Tudo começou com o jornal *The Mirror*, que, em julho de 86, publicou que George consumia heroína. Estourou com uma matéria no jornal *The Sun*, onde o irmão do cantor, David, abre o jogo a respeito do vício. O jornal, num rasgo de sensacionalismo, chegou a publicar que Boy George tinha apenas oito semanas de vida. O que aconteceu a seguir foi fartamente documentado pela mídia, ávida em demonstrar a decadência de um pop star. A prisão de Boy George, logo após a notícia do jornal inglês, tremendo em virtude das drogas que tomava para se livrar da heroína, ilustrou telejornais em todo o mundo. Mas o pior ainda estava por vir.

Boy George resolveu mergulhar no trabalho para esquecer o escândalo. Sua banda, Culture Club, acabara de se desfazer, como repercussão do rompimento entre o cantor e o baterrista. Ele começava a trabalhar em seu primeiro LP solo, tendo chamado de Nova York o músico Michael Rudetsky. Na madrugada seguinte à sua chegada Rudetsky foi encontrado morto na casa de George. E dá-lhe cobertura completa e mais confissões exclusivas de amigos íntimos, com os últimos fatos a respeito da vida sexual do "roqueiro gay viciado".

"Eu me lembro de abrir minha janelas e ver câmeras de TV e desatar a chorar. Eu fiquei louca", ele recorda. "Eu só pensava, Deus, todo mundo vai me odiar..." Por ironia, ocorreu o oposto. Primeiro foram as cartas: "Crianças de 7 anos me escreviam dizendo 'eu te amo, por favor não se mate!'" Depois foi o sucesso. "Quando eu ouvi no rádio que 'Everything I Own' estava no primeiro lugar da parada, eu não sabia se ria ou chorava. Eu me senti tão feliz."

Boy George teve um diagnóstico de oito semanas de vida. .. e renasceu. Sua nova carreira deu um basta aos rumores que lhe davam por enterrado. Hoje, ele brinca: "É muito glorioso ser uma vítima. Com certeza eu sou a novo Bete Davis... ou talvez a nova Edith Piaf. Algumas pessoas nasceram para sofrer. Eu amo a tragédia." O curioso é que essa tendência pode ser conferida mesmo nos dias mais ensolarados do Culture Club. O primeiro sucesso da banda, "Do You Really Want to Hurt Me?", de 81, dizia: "Me dá um tempo para tomar consciência do meu crime... você quer mesmo me machucar?/Você quer mesmo me fazer chorar?"

Boy George teve que ouvir muito nos últimos dois anos. Chegou, inclusive a ser apontado como portador do vírus da Aids. Mas isso sempre fez parte da sua vida. No início do Culture Club, não havia entrevista em que o repórter não lhe perguntasse "porque você usa roupas de mulher?"



Como será Boy George no palco. A pergunta será respondida em breve...

GRAVE UMA HOT TAPE PARA A GAROTA MAIS BONITA DA SUA RUA.

Uma fita gravada é sempre uma maneira original de dizer eu te amo. Com a Hot Tape da BASF você tem até 90 minutos para fazer sua declaração. Nela cabem todas aquelas músicas que mexem com o coração de qualquer um. E, pode apostar, não existe melhor pombo-correio que este

BASF

VOCÊ GRAVA E ACONTECE.

ELA NUNCA TEVE HOJE NO MÍNIMO VAI TE OUVIR

BASF 90

Ferro Extra I 90

NEW IMPROVED QUALITY

Os Georges (Michael e Boy) levando um papo: um másculo e despojado; o outro ambíguo e fantasiado. O pop se impõe com um supermercado de imagens bizarras

George Alan O'Dowd tinha apenas 15 anos quando declarou a sua família que era homossexual e passou a se maquiar para badalar nos clubes londrinos. Em 1978, ele já era um notório freqüentador das festas new romantics que ocuparam a cena após a retração do punk. Sua presença era sempre notada pela extravagância de seu vestuário. A carreira musical foi uma conseqüência. Começou fazendo *backing vocals* para o Bow Wow Wow, armação de Malcolm MacLaren. De repente, era uma figura mundial, à frente do Culture Club, vendendo dez milhões de cópias e liderando o que, em 1983, a revista *Rolling Stone*, em matéria de capa, chamava de "A Segunda Invasão Britânica". Sua influência foi tão marcante que lançou uma nova maneira de vestir entre as estrelas que depois surgiram nos EUA, como Madonna, Cyndi Lauper e mesmo Prince.

Hoje ele sabe que a fama é suscetível à lei da gravidade. E a pressão é violenta. "Eu sou apenas alguém que canta e gosta de música", desabafa. "Eu não sou George Michel, eu não sou Prince; eu sou apenas eu... A indústria não me interessa tanto. Eu já fiz todas as festas que quis. Isso é tedioso."

Ele está nervoso, tenso e com dor de cabeça. Até sua voz está diferente. "Yeah, e vai mudar ainda mais... Eu estou doente de ver cantores brancos de soul, isso me irrita."

A mudança chegou até seu último single, "No Close 28", um anti-hit pelos padrões do Culture Club, sem corações partidos ou lamentos de rejeição. O título é um protesto contra a hipocrisia do Código Civil Britânico que proíbe e condena o homossexualismo. A letra é uma paulada: "Eles falam sobre Aids e a chamam de praga/Mas, irmão, você sabe que isso vai piorar/Você sabe que não vão curá-la com campanhas na TV/E divulgando essas caretices sobre o que por em suas veias/Quando vocês, parasitas, vão começar a usar a cabeça/Colocando o dinheiro em leitos hospitalares/Vocês estão dificultando nossa causa/As ruas estão uma bagunça/Dêem uma olhada no que vocês fizeram à saúde pública/Todos parecem iguais de uma fábrica/Não me fale em opção política/Eu não gosto do seu tom e eu não gosto da sua voz..." Isso é Boy George. *Boy George*! E é uma bomba. "No Close 28" deixa cristalino o elo existente entre os ataques à liberdade sexual e os cortes selvagens no serviço de saúde pública britânica. Isso é um escândalo muito maior do que um pop star viciado em heroína.

O *boy* está chutando. E sua aparência é séria. A turnê brasileira acontece no momento mais importante de sua carreira. Quando ele cantar "Todo dia é uma questão de sobrevivência", na letra de "Karma Camaleon", ele sabe o que está cantando. *Marcel Plasse*

NA LONGA ESTRADA DA VIDA

Muitos torcem o nariz, chamam os rapazes de oportunistas etc etc. Mas a verdade é que eles são a banda de maior sucesso desta temporada. E, o mais importante, suam cada ingresso pago em seus shows com um prazer ímpar, numa perambulação incansável. BIZZ acompanhou tête-à-tête uma dessas viagens — do embarque ao café da manhã, após mais um memorável show dos Paralamas em Salvador

"Sentiu o peso?" Quem fazia a pergunta era Herbert Vianna, vocalista e guitarrista dos Paralamas do Sucesso. Sim, não só senti, como quase dava para ver o peso naquele final de show do Olodum no Esporte Clube Peri Peri, Salvador, Bahia. A Ladeira da Memória me remeteu a um show de Gilberto Gil em São Paulo, 1973, num auditório na Universidade de São Paulo. O show fora histórico: Gil sozinho no violão cantando "Filhos de Ghandi" e fazendo um longo discurso sobre o afoxé, se lamentando porque o afoxé ia acabar, que o Carnaval de Salvador estava se descaracterizando. Que bom Gil errou. Quinze anos depois, os ritmos afro-baianos não só não sucumbiram como estão experimentando uma popularidade inédita. Essa é uma das demonstrações inequívocas de vigor da música brasileira — e foi esse mesmo vigor, aliado à conexão Caribe-Jamaica-rock, que os Paralamas emprestaram a partir de *Selvagem?*, que os destacou da turma do rock brasileiro.

O longo caminho do hotel em Ondina até Peri Peri havia sido vencido debaixo de uma chuva fininha. Meia hora antes, a chuva era uma preocupação da banda. Da janela do quarto 609, onde havíamos acabado de conversar, espreitávamos o tempo. Nublado sim, mas a luz de lua cheia atravessava a massa de nuvens, iluminando o mar que batia nas pedras da praia de Ondina. A piada era óbvia: "Será que vai chover?". O lugar é parcialmente coberto. "Você está brincando, mas quando lançamos 'Será Que Vai Chover?' fazia meses que não chovia em Brasília, estava a maior seca. Quinze minutos depois que passou o clip no *Fantástico*, começou a chover. Saiu até uma foto num jornal, o pai do Barone mandou o recorte para a gente. Ainda bem que com 'Alagados' não aconteceu a mesma coisa."

A conversa tinha sido tranquila, mas permeada pela expectativa do show, dali a 2 horas. Herbert, todo de branco, com apenas um lencinho colorido no pescoço e uma jaqueta de jeans, careca como o Matt Biondi, não parava de anunciar: "Hoje você vai ver uma coisa legal, vai ser demais", e assim por diante. Eles são unânimes em afirmar: adoram tocar em Salvador. Não é por acaso. Como depois do show ia ficar patente, Salvador os recepciona de braços abertos e quadris rebolando. Os Paralamas haviam acabado de vir de uma bem-sucedida excursão pelo interior de São Paulo (Marília, Bauru, Sorocaba), cuja média de público havia girado em torno de 5 mil pessoas/show. Salvador já havia dado mostras de ter adotado o som dos Paralamas, como quando eles tocaram "Alagados" num show, antes mesmo de gravá-la em disco, e um gaiato no público tinha um gravadorzinho. Uma semana depois, a versão ao vivo de "Alagados" estava circulando pelas rádios soteropolitanas. Ou como quando foram ao ensaio do Ara Ketu, que é nos Alagados verdadeiros, e foram homenageados, como eles já contaram numa entrevista à BIZZ. Quando eles recontam essa história, pergunto se isso não é uma forma de desagravo para quem diz que o som dos Paralamas é derivativo e oportunista. "A gente sabe como faz as coisas, a gente não tem a menor insegurança. A gente ri pra caralho quando pintam coisas assim em entrevistas", replica Herbert depois de um silêncio um pouco tenso. A observação *in loco* que viria em seguida seria mais eficiente: aquela moçada, pobre e negra, que fez do show dos Paralamas um verdadeiro carnaval, que recebeu três garotos brancos da zona sul do Rio de Janeiro da mesma forma que o Olodum, se encarregou de fazer o que Herbert (ou Bi ou Barone) não poderiam fazer em horas de entrevista.

Por mais que o pontapé inicial possa ter sido dado com alguma vaga intenção, o gol nasceu da soma do talento e da facilidade dos três. Ou seja, se o som sugere uma escolha proposital em abocanhar a riqueza dos ritmos negros — seja direto da África, seja com escalas no Caribe e Jamaica —, isso não se sustenta sozinho. Está apoiado num destravamento que legitima o safári de influências na capacidade que eles têm de transformar seus shows em festas, na naturalidade e na curiosidade com a qual eles tratam suas matérias-primas.

É essa a chave para entender o sucesso deles, não só em Salvador mas também no resto do Brasil? É isso que explica que a banda, em plena época de hiperinflação, venda duzentas mil cópias em seis meses? Ou a resposta está numa demanda diferenciada do público? Por exemplo, a onda da lambada ajuda vocês a estarem em tanta evidência? "De uma certa forma ajuda, mas já tinha coisas parecidas com lambada no *Selvagem?*, como 'Alagados', 'O Marinheiro', 'A Novidade'", rebate Herbert.

É verdade, o sucesso dos Paralamas data de antes de o Sul ter descoberto a lambada. Pode-se dizer que foram duas fases distintas: o primeiro pico aconteceu no Rock in Rio, em

"Uns Dias' vinga muita gente. 'Eu quis te matar...' É uma coisa difícil de dizer mas que todo mundo pensa e sente"

85. Já eram dois os LPs lançados, *Cinema Mudo* e *O Passo do Lui*, já eram vários os hits que haviam circulado na rádio — como "Vital e Sua Moto" e "Oculos" —, mas a consagração foi no megashow. "A gente viveu uma época muito especial para o país e para o panorama musical. Tinha muita coisa legal para acontecer e a euforia do momento fez com que cada um que tocasse tivesse um contrato, isso abriu o cenário. Em cada esquina tinha milhares de bandas", relembra Herbert. Depois veio o *Selvagem* — o disco mais polêmico e o mais bem-sucedido em termos de vendas. O Hollywood Rock, no ano passado, marcou outro ponto alto na escalada da popularidade. No ano de 87 eles haviam passado muito tempo fora do Brasil, tocando em vários outros países, na América Latina, nos Estados Unidos, em Montreux, show que rendeu o LP ao vivo, o *D*. Já estava rolando uma canção no rádio, "Será Que Vai Chover?", mas foi no palco do Morumbi, em São Paulo, na noite em que tocavam UB40 e Simple Minds, que a faísca fez fogo novamente ("O Hollywood Rock foi memorável", Herbert Bi "Arrebentante"). O lançamento de *Bora Bora*, em maio de 88, encontrou um público já preparado para devorar a bolacha com apetite.

"Eu acho um negócio legal, porque é o quinto disco e porque, não apenas o trabalho da gente, mas essa coisa do rock pós-Blitz era meio estigmatizada, diziam que ia acabar logo. E agora já está incorporada ao panorama da cultura do país, é grande, vende disco, movimenta um monte de gente. A gente tem o bom senso de sair na hora certa. Tem bandas que já pecaram por insistir demais. A gente tem um certo *feeling* de tirar o time na hora certa." O banco é de Herbert, e Bi lembra. "Na época do Rock in Rio, a gente poderia ter feito duas turnês pelo Brasil e fizemos só uma." Herbert retoma a palavra. "E, nessa que a gente fez, às vezes chegava nos lugares, estava tudo *sold out*, e fazíamos dois shows na mesma noite. Agora está começando a acontecer isso de novo. Estamos de saco cheio de controlar o quanto a gente cresce. Ficamos só controlando nossas vidas o quanto a gente trabalha. Só que calha que os negócios que a gente faz todo mundo gosta. Dá supercerto, talvez porque estejamos bem sintonizados. Isso faz com que a gente vá crescendo."

Os Paralamas estão no palco — o power trio mais João Fera nos teclados. Matos no trombone, Demetrius no trompete e Paulo no saxofone. Já desfiaram algumas canções de *Bora Bora* e uma nova, "Pólvora". Na animação, Herbert atropelou um pedestal de costas, e caiu no chão. Não é nada. Barone tinha me contado histórias piores: "Você quer uma história engraçada? Uma vez, em São José dos Campos, o palco afundou. O Herbert caiu, só ficou com a cabeça de fora, dos olhos para cima." (risos) Em Goiânia foi pior, jogaram um frasco de cheirinho da loló e bateu na guitarra. Os cacos foram parar entre a guitarra e a barriga do Herbert". "Quando eu vi o sangue estava escorrendo", conta Herbert. "Ontem, em Jequié, foi a primeira vez que eu toquei bebado. A gente soube que ia tocar no Japão e comemorou com um champanhe que tinha no frigobar do hotel. Cara, foi horrível tocar bêbado. Toda hora eu ia perguntar para o Bi se eu não estava fazendo nada errado." Japão?

De fato, a agenda — controlada por Zé Fortes, o afável ex-arquiteto, atual empresário dos garotos — não é bolinho. Antes de Salvador eles haviam tocado em duas cidades do interior da Bahia, Jequié e Vitória da Conquista. Depois Belo Horizonte. Hiroxima (*o show foi adiado em virtude da viagem do imperador Hirohito*) e, na sequência, São Paulo. Mais para a frente, Nordeste e Centro-Oeste. Não é um sacrifício passar tanto tempo fora de casa? "É legal pra caralho. A gente está tentando fazer as coisas o mais simplificadas possível, o mais barato para poder fazer o máximo de shows possível." O "mais simplificado" de Herbert consiste numa equipe de 20 pessoas — entre músicos, técnicos de som e luz, roadies e segurança — mais os instrumentos e equipamentos de som e luz. Pelo menos duas pessoas dessa equipe, e das mais fundamentais, estão trabalhando com os Paralamas desde o início: Zé e Savala, o engenheiro de som que inclusive coproduziu *Bora Bora* com os Paralamas. A coesão da equipe é essencial para que os shows funcionem direitinho. E shows tecnicamente impecáveis e empolgantes são uma marca registrada da banda. Neste de Salvador, por exemplo, a barra não era fácil. Fazia um calor dos demônios — só não suou a camisa quem a tirou, e Herbert chegou ao exagero de acabar o show não só com a camisa mas com a *calça* encharcada —, as brigas estouravam a cada minuto diante do palco, as pessoas dançavam como se estivessem atrás do trio elétrico — para quem não conhece, basta dizer que pogo é ciranda-cirandinha perto daquilo. E o som estava bom, acredite se quiser.

As lições de geografia musical não são o único aspecto do som dos Paralamas. Há um lado intimista, confessional, romântico, embalado pelas heranças do rock'n'roll. Pop eficiente com letras simpáticas que fazem os casais dançarem juntos e se beijarem. "Esse disco é tão passional... Em todo lugar que a gente toca 'Uns Dias', eu faço uma experiência

Herbert Vianna

Arnt. Brighetti/Ator

quando a música está acabando, eu a dedico a todos os corações pisoteados, a todo mundo que já se machucou. As pessoas batem no peito, como que dizendo: sou eu, sou eu. É como 'Meu Erro': ela vingou muita gente. 'Uns Dias' também vinga muita gente. 'Eu quis te matar...' É uma coisa difícil de dizer, mas que todo mundo pensa e sente."

O show acaba, são quase 4 horas da manhã. Herbert, exausto, conclui: "Isso é showbiz." enxugando a testa. "Não será hoje que eles encontrarão energia para fuçar, ir nas casas noturnas." "Nós vamos conhecer as pessoas, vamos nas lambaterias dançar. Acho que isso é uma coisa legal, traz muita informação para a banda". Essa canseira vale a pena? Vocês ficaram ricos? "Não", em coro. "Rico é o Michael Jackson", dispara Bi. Barone faz uma comparação mais razoável: "A gente está remando o barco; se parar de remar, ele afunda." Vocês ficaram famosos? "Hoje eu saí na rua e ninguém me reconheceu, porque eu saí de óculos e careca. Um mensageiro aqui do hotel me pediu autógrafo e me perguntou: 'O que você toca nos Paralamas?' 'Guitarra', eu respondi. 'E o Herbert?', continuou o mensageiro. 'Sou eu.'" Barone, sempre atrás de uma bateria, diz: "Eu não sou muito reconhecido na rua mas é incrível a quantidade de bateristas que vai ao camarim depois do show pedir autógrafo, informação e baquetas. Só que baquetas eu não posso dar porque são americanas, custam 10 dólares o par."

O ônibus faz o percurso de volta, pelos barracos, o cais, os casarões do passado colonial de Salvador. Está todo mundo cansado ou alucinado em graus variados — Edgard e Nasi, do Ira!, convidados especiais do show (haviam feito um show na cidade no mesmo dia), iam pegar o avião às 8 da manhã. Ainda deu tempo para um café da manhã no hotel, enquanto amanhecia sobre a praia de Ondina. Bi circulava com dois pedaços de melão e conversava com Paulo (do saxofone). Matos (do trombone) devorava pedaços de mandioca e banana cozida. Barone começa a me contar vagos planos de fazer "um vídeo, viajando pelo Brasil, um clima tipo *Bye Bye Brasil*... Acontecem umas coisas legais, que seria legal registrar. Outro dia nós fomos viajar, eu, Bi e o Herbert de moto até Parati. A gente chegou de noite, armou uma barraca. Quando a gente acordou a cidade inteira já sabia que a gente estava lá. Estava toda a molecada que estava desfilando no 7 de Setembro, com aqueles uniformes... A gente teve que ir embora rapidinho de lá." Isto é showbiz... *Bia Abramo*

Eu usava óculos desde pequena. Mas eles tiravam minha liberdade. Por isso mudei para as lentes de contato Bausch & Lomb, que são as mais finas do mundo. Elas não custam caro, e são tão confortáveis que eu saí com elas no primeiro dia. E ainda me dão liberdade para praticar meu esporte, agitar mais a vida, ser como eu sou. Eu nasci assim.

Conheça também as lentes de uso prolongado exclusivas da Bausch & Lomb. Muito mais conforto para você.

BAUSCH & LOMB

PATROCINADOR DA EQUIPE OLÍMPICA BRASILEIRA DE 1988

KEITH RICHARDS

"Eu tento não dizer isso..." Steve Jordan remove do rosto o longo dreadlock que sai do lado esquerdo da testa e pende até o queixo, solta um suspiro conformado e conclui a frase: "... mas ele é o coração e a alma do Rolling Stones". "Ele" é Keith Richards. Jordan conhece bem o assunto: "Eu tinha oito anos quando vi Keith pela primeira vez na TV. Conheço a música de Keith como se fosse minha própria vida". E Keith, por sua vez, descobriu em Jordan a sétima pessoa no mundo com quem gostaria de colaborar. A sexta era Ian Stewart, o pianista que Richards conheceu no primeiro ensaio dos Stones, fez parte da banda até ser deslocado para uma função técnica por ser "feio", tocou em quase todos os discos dos Stones e algumas turnês e morreu em 86, vítima de um ataque cardíaco.

Cinco das outras pessoas são os Stones, que após a gravação de *Dirty Work*, resolveram debandar. Sem os Stones e sem Stu (o apelido de Ian Stewart), Keith não tinha o que fazer. Na verdade, Keith preferiria não ter feito esse disco solo mas, pior, talvez, seria ficar parado. A indústria fonográfica, quando soube que Richards ia gravar um disco solo, iniciou um disputado leilão pelo passe individual do Stone. A Virgin — que então estava entrando nos Estados Unidos de forma agressiva, coletando os melhores executivos de cada concorrente para seu próprio *staff* — ganhou a briga, mas talvez não saiba um dos motivos para a escolha final de Keith. "Uma gravadora com um nome desses, eu não poderia deixar em branco".

Com características de rock dos *fifties*, soul, rhythm'n'blues, gospel, rock de Nova Orleans e, logicamente, dos Rolling Stones, *Talk Is Cheap* é o melhor álbum solo de um Stone, talvez pelo fato de não pretender ser um produto do que Richards chama de "a bolha dos Stones". Muitas vezes Keith reproduz sonoridades, marcas e cacoetes da banda onde passou os últimos vinte e cinco anos, mas, em canções como "Big Enough" ou "It Means a Lot", compõem um material muito mais rico e abrangente do que os Rolling Stones conseguiriam conter. "Make no Mistake", por exemplo, teria virado uma caricatura de Al Green se tivesse sido cantada por Mick Jagger, em sua atual forma desproporcionada de interpretação.

Keith Richards esteve fazendo nesses últimos tempos o que o título de seu álbum solo condena: falando, dando entrevistas em que dava conta dos últimos dois, três anos de sua vida profissional e pessoal. Uma dessas entrevistas — realizada numa suíte de um andar no alto do Hotel Le Mondrian, no Sunset Strip de Los Angeles, a porte mais chique do lado oeste de Hollywood — está aqui. Keith chegara a Los Angeles na noite anterior vindo de Nova York, onde mora.

Em pessoa, Keith parece mais saudável do que aparenta em fotos. O rosto está decorado por diversas rugas, mas o corpo está enxuto e os braços exibem bíceps musculosos. No mão direita ele carrega o mesmo anel de caveira que tornou-se uma espécie de marca registrada. No lóbulo da orelha esquerda uma argola trabalhada em prata. Mais acima, na mesma orelha, oculto pelo cabelo, que já está ficando grisalho, outra brinco, uma cobra enrolada em marfim.

Se falasse português, Keith soaria como uma cruza de Jorge Ben (depois de três noites sem dormir, oito maços de cigarro e vinte litros de visque) e um exu. Quando fala — com cadência de um contador de "causos" — Richards é de uma franqueza total e absoluta. Ele chegou pontualmente. Vestia uma calça de veludo verde garrafa, combinando com botas de salto baixo e uma camisa de seda salmão sem mangas que fazia par aos óculos vermelhos espelhados. Feitos os cumprimentos, ele se dirigiu ao frigobar e tirou de lá uma garrafa de Jack Daniel's e misturou num copo com gelo e Ginger Ale. Acende o primeiro de uma interminável série de Marlboros e comenta: "Entrevista é um negócio esquisito. A idéia de ter que dar uma entrevista (faz cara feia): 'Ih, preciso acordar e conversar com esse cara que eu nem conheço' Mas depois, na hora que eu estou falando, acabo gostando".

Os Stones Keith Richards, Ron Wood e Bill Wyman parecem bastante sorridentes na ausência de Mick "Lábios de Borracha" Jagger

BIZZ — *Neste álbum entraram muitas que você havia composta muito tempo antes de começar a gravar* Talk Is Cheap?

Keith — Não, eu não queria fazer isso, saca? Porque eu estava trabalhando com pessoas diferentes e, se era pra fazer... Olha, eu nunca quis gravar um álbum solo *(pausa)*. Era uma coisa pessoal, tinha a ver com... fato de não admitir que eu não fosse capaz de manter minha banda junta. Se fizesse um disco solo, aquilo significaria que eu não havia conseguido manter os Rolling Stones juntos. Então, eu relutava muito.

BIZZ — *Mas você já havia lançado um compacto, nos anos 70.*

Keith — Mas era só um disquinho de Natal *(uma regravação de "Run Rudolph Run")* e saía de dentro da "bolha" dos Stones. Gostar de cantar, eu sempre gostei, mas não era minha função. Se eu tivesse cantado em todas as faixas dos discos dos Stones, que porra Mick Jagger ia fazer? *(risos)* "Ai, *(como se estivesse dando ordens a alguém invisível)* vai lá fora comprar um maço de cigarros enquanto eu termino esta música." Enfim, não era minha função. E dentro dos Stones — como em qualquer outra banda — cada um tem uma tarefa específica. A nossa — a minha e a de Charlie Watts, e, acho, a de Bill também — era fazer com que Mick se sentisse totalmente seguro — especialmente no palco — para que ele não ficasse preocupado, olhando sobre os ombros, para trás, querendo saber se o motor ia parar. Seja lá o que ele quisesse fazer, tinha total segurança para fazê-lo, não importa o quê. Se tivesse rolando o maior tiroteio no palco, ainda estaríamos lá atrás tocando, entendeu?

BIZZ — *Foi muito diferente tocar com outro grupo de músicos depois de ter tocado com os mesmos pessoas durante mais de 20 anos?*

Keith — É claro que durante esses anos eu também trabalhei com outras pessoas. Até excursionei com os New Barbarians *(banda formada em torno de Ron Wood com Stanley Clarke no baixo)* durante seis semanas. A primeira coisa era achar alguém com quem eu pudesse tocar e com quem me desse bem. Eu acho muito importante formar um time. Nada dessa coisa de contratar um cara, gravar uma faixa com ele e no dia seguinte chamar outra pessoa. É a minha maneira de ser, preciso me sentir parte de uma banda. Steve Jordan e eu começamos a nos aproximar em 85, durante as gravações de *Dirty Work*. Steve havia acabado de sair da banda de Paul Schaffer *(que toca no programa da TV norte-americana* Late Night with David Letterman*)* e, de repente, estávamos olhando um para o outro sem porra nenhuma para fazer. Aí surgiu a gravação com Aretha Franklin *(de um compacto produzido por Richards para a trilha sonora de* Salve-me Quem Puder *com uma versão nova do clássico dos Stones "Jumpin' Jack Flash" em 86)*. Pouco tempo depois veio o negócio do Chuck Berry *(o filme biográfico homenagem show* Hail, Hail Rock n Roll*)*. Chuck havia me telefonado: "Esse Steve, com aqueles dreadlocks... *(imita uma cara de louco e ri)*." Chuck se liga em outras áreas da cultura negra [illegible]

®M.R.
Lee
DE LEE E DE LOUCO
TODO MUNDO
TEM UM POUCO

thadas. Mas enfim, numa noite fui a casa dele e ele me mostrou uma fita de vídeo com aquele baruto do Rock and Roll Hall of Fame. Chuck: "Como é bom esse baterista." Era o Steve. E eu nem me lembrava da cara do sujeito! Foi assim que eu e Steve começamos a procurar outros caras para trabalhar com a gente no projeto do Chuck Berry. Ele conhece muito mais músicos do que eu, porque não ficou tantos anos trancado em uma mesma sessão, entendeu? Eu trouxe o pianista Chuck Leavell *(ex-Allman Brothers, que participa de discos dos Stones desde o final dos anos 70)*. Mas foi Steve quem me apresentou Joey Spampinato, do NRBQ, talvez o único baixista qualificado para o serviço. Charles Drayton é um grande baterista e um velho amigo de Steve Wadey Watchel, o guitarrista, eu conheço há uns 12 ou 13 anos. Durante muito tempo ele trabalhou com Linda Ronstadt, Stevie Nicks sempre com uns garotões *(risos)* e louco para ficar numa sala cheia de caras só homens, nem que fosse só uma vez. Pelo menos essa seria a minha atitude. Ivan Neville, excelente compositor, tecladista, cantor, baixista, baterista, e talentoso demais para mim *(risos)*, eu o conheci por intermédio do pai dele *(um dos integrantes da banda The Meters, de Nova Orleans)*. E Johnnie Johnson. A história com ele começa um pouco antes, com Ian Stewart. Uma das coisas que Stu me disse antes de morrer foi: "Não esqueça, Keith, que Johnnie está vivo e tocando muito bem em Saint Louis". Quando estive com Chuck Berry, depois disso: "Johnnie Johnson ainda anda por aí?" *(Ela lendo cuidadosamente cheio de dedos)* Porque com Chuck você nunca sabe qual será a reação dele. Eu estava morrendo de medo, pensando: "Isso não vai dar certo." De repente *(começa a imitar Berry)*

"Sabe que você deu uma boa ideia?" *(risos.)* Johnnie é um dos gigantes desconhecidos da música. O filme ajuda a mostrar às pessoas como ele foi importante para Chuck Berry e para o próprio rock'n'roll. E o barato do cara é que ele não acha isso. Ele é lindamente modesto. O negócio dele é tocar.

BIZZ — *E durante as gravações você sentiu falta dos outros Stones?*

Keith — Esse tipo de pensamento me ocorreu antes de fazer o disco. Mas isso precisava ser feito de uma maneira totalmente separada. Não quero misturar isso com os Stones. Se foi só meu nome *(no disco)*, então ele é meu e não dos Rolling Stones. Em hipótese alguma vou misturar as estações *(pausa)*. Depois, quem sabe, se tudo der certo a gente pode misturar as estações *(risos)*. Trocamos uns caras daqui com outros caras de lá.

BIZZ — *Uma característica de sua carreira é a presença constante de um segundo guitarrista sempre a seu lado. Brian Jones, Mick Taylor, Ron Wood e, agora, Waddy. Um segundo guitarrista é tão importante assim?*

Keith — A não ser que você seja um Segovia, a não ser que você tenha todo o preparo do mundo — e não tenha 10 dedos tocando rock'n'roll *(risos)*. Mais interessante do que uma guitarra, para mim é a interação de duas guitarras. Dois caras tocando juntos são mais que o dobro de apenas um. Eles podem se transformar num só grande instrumento.

BIZZ — *Você vê algum ponto comum entre todos eles?*

Keith — Todo mundo é diferente. Por exemplo: eu nunca falaria com Brian Jones do jeito que eu falo com Ron Wood. Ou com qualquer outra pessoa. É uma coisa muito pessoal. Tocar com uma pessoa é a mesma coisa que conversar com ela *(finge que está tocando e que cada gesto corresponde a uma sílaba de uma frase)*. "Você gosta ou não desse cara?" "Yeah, gosto sim." Você toca para se misturar com o que ele estiver fazendo. Se ele for o cara certo, fará o mesmo com você, até que chegue um ponto que você nem está mais pensando nisso. É saber que, se de repente você resolver segurar a onda — sem que você precise olhar para o cara —, ele vai estar lá pra não deixar a bola cair. E ficar misturando, tecendo. E isso para mim é fascinante.

"Mais interessante do que uma guitarra, para mim, é a interação de duas guitarras. Dois caras tocando juntos são mais do que o dobro de apenas um"

BIZZ — *Foi muito diferente compor com Steve depois de você ter passado duas décadas compondo com a mesma pessoa?*

Keith — Para mim, compor é como tocar guitarra, entende? Detesto ter que fazer qualquer coisa sozinho, principalmente fazer amor *(risos)*. Então, eu disse: "Vou ter que compor algumas canções. Tenho uma ideia básica do que fazer, mas desenvolvê-las e tudo mais... eu realmente preferiria trabalhar junto com outra pessoa!". Tom Waits e eu chegamos a fazer algumas coisas juntos — fizemos até uma música inteira que acho que vai acabar saindo no próximo disco dele, porque ficou pronta tarde demais para o meu. Enfim, quando fomos começar a compor essas músicas, Steve e eu simplesmente nos fechávamos num quartinho onde havia apenas uma guitarra e uma bateria. E, enquanto fazíamos aquela zona toda, aos poucos — aos poucos nada, bastante rápido até — foi ficando óbvio que poderíamos compor aquilo juntos. Depois de uma semana viré para ele: "Não preciso de mais ninguém. Por que não compomos as músicas nos mesmos e mantemos tudo em família?" Foi o mesmo com a produção. No começo: "Preciso de um produtor, vai ser menos uma preocupação". Mas, depois *(falando em tom conspiratório)*: "Não vamos querer ninguém interferindo. Nós já sabemos o que queremos". E engraçado fazer músicas e fazer discos. Quando elas começam a se "mexer", vão adquirindo um ímpeto tal que tudo o que você pode fazer é dizer "tudo bem!". No começo elas podem ter saído de você, mas depois você é que fica pendurado nas costas delas. E vai atrás delas. Por exemplo, tem uma música nesse disco, "Make no Mistake". E ela falava pra gente: "Se quiserem me fazer direito, levem-me pra Memphis" *(risos)*. Daí dissemos: "Agora vamos ter que levar essa música a Memphis, vamos lá ver Willie Mitchell *(arranjador de Al Green, que acabou arranjando "Make no Mistake")*". É uma questão de prestar atenção no que as canções estão dizendo a você. Pra mim nunca coube essa de que "essa música é minha criação, que eu fiz". É minha". Para mim, as canções estão voando dentro deste quartinho agorinha mesmo! Se você quiser uma, tudo o que precisa fazer é ficar bem-disposto, com um instrumento, esticar o dedo para cima e uma canção desce. Você não cria as canções, você precisa é ser uma antena receptora, você apenas recebe as canções. E então você dá a música. Mas ela não é sua. Acho uma tremenda arrogância dizer que é sua uma coisa que já estava toda lá.

BIZZ — *Ouvindo o disco pela primeira vez, imediatamente comecei a ouvir diferentes qualidades no som do álbum: tem James Brown, tem rock dos anos 50, tem Sly Stone, tem Stones, tudo misturado. Ressaltar essas características foi uma coisa proposital?*

Keith — A parte dos anos 50 (*I Could Have Stood You Up*, *um rock tipicamente chuckberryano, sabe fifties*) aconteceu porque eu queria realmente fazer uma gravação com Johnnie Johnson. Disse pro Steve: "Se a gente conseguir descolar uma boa música, já vai ser uma

razão para gravar com Johnnie". Então fizemos a música. Como não estávamos muito seguros em relação a ela, ficamos no estúdio com Johnnie durante quatro, cinco dias só gravando blues antigos. No último minuto jogamos aquela música para cima dele *(risos)*. O negócio do James Brown (*"Big Enough"*, *que abre o disco*) — são Maceo Parker *(sax)* e Bootsy Collins *(baixo)*, tocando. Ambos homens de James, sacou? No final do ano passado Steve e eu fomos a um show de James Brown, no Apollo. Enquanto Maceo tocava (*Keith começa a abanar a cabeça positivamente, com uma expressão de total contentamento no rosto*), olhamos um para a cara do outro: "É esse o homem!" O engraçado é que só no final da gravação do disco é que fui perceber que o álbum é meio como um passeiozinho pelo rock'n'roll alley, sacou?

BIZZ — *O disco foi gravado ao vivo — todo mundo tocando junto numa mesma sala ao mesmo tempo?*

Keith — Yeah, todo ao vivo! Com montes de microfones pendurados no teto, bastante ambiência. Um belo trabalho de Don Smith *(engenheiro de som)*. Ele é ótimo para gravar bandas. Hoje em dia, existem muitos engenheiros de som que nunca trabalharam com mais de um cara na sala ao mesmo tempo! Alguns jamais sequer gravaram um kit de bateria! São engenheiros, mas o negócio deles é apertar botão, o que me parece ser um saco de trabalho, porque você não tem amplitude, não tem dinâmica, não há chance para que aconteça um acidente que possa se transformar num milagre. Logicamente as gravadoras e o business de música adoram a ideia de música sem músicos. *(Cantarolando e fingindo que está num estúdio.)* Aperta um botão aqui, aperta um botão ali, e faz-se um disco. Adorariam isso. Não ter que lidar com babacas temperamentais! Eles adorariam se livrar de nós. Mas nunca conseguem.

BIZZ — *Você chegou a fazer alguns shows em teatros menores — com os Stones, nas últimas excursões?*

Keith — E, começamos a fazer isso no final dos anos 70, a partir de *Some Girls*. Durante a excursão vez por outra, tocávamos num teatro pequeno, só para recuperar a perspectiva. Tenho muita saudade disso. Estádios de futebol não foram feitos para isso. Você fica muito à mercê dos deuses: se bate um vento, quem estiver a quatro quilômetros do estádio vai estar ouvindo um ótimo som. E quem está na primeira fila fica procurando o som *(põe a palma da mão na testa, como se estivesse protegendo os olhos do sol, e olha para cima e para os lados)*. "Cadê? Onde é que foi parar?" E é a maior operação. Tocar música é uma questão de pegar a guitarra e tocar! O problema com os Stones é que com eles as coisas se tornam gigantescas demais e você acaba não fazendo as coisas direito. Com os Stones você precisa começar a planejar com um ano de antecedência. É muita gente, muita coisa envolvida no meio *(falando com uma expressão de nojo)*: Diet-Pepsi... Coca-Cola... Se o seu negócio for manter lá embaixo o preço do ingresso..., que foi a razão pela qual fizemos aquele contrato de patrocínio.

"Como eu sempre digo: muitas noites, os Rolling Stones não foram a melhor banda de rock do mundo mesmo!"

BIZZ — [illegible]

Keith — [illegible] entendeu? Mas se [illegible] Mas se [illegible] que você [illegible] fazer for pegar o dinheiro *(do patro-[illegible])* [illegible] para [illegible] cobrando uma fortuna pelo ingres-so [illegible] pensar? [illegible] ingresso para um show precisa [illegible] um braço e uma perna e [illegible]. Vai chegar [illegible] hora em que as pessoas não [illegible] querer [illegible] shows [illegible] por uma noite. E se naquela noite o artista não se apresentar tão bem assim. Isso acontece com qualquer banda. Nenhuma banda é a melhor banda de rock do mundo toda noite!

BIZZ — O que [illegible] Stones [illegible] ou foi um exagero?

Keith — Até hoje gostaria de saber quem [illegible] cara que [illegible] aquilo. [illegible] parte do business. Antigamente era bastante ser uma estrela. Agora você precisa ser uma superestrela. Esse tipo de coisa certamente [illegible] um exagero. Como eu sempre digo, muitas noites os Rolling Stones não foram a melhor banda de rock do mundo mesmo. E talvez um carinha tocando com os amigos numa boate a seis quilômetros dali estivesse nos dando a maior surra no pedaço. Você nunca sabe. Claro que os Stones são uma tremenda banda. Mas a melhor banda de rock [illegible] do mundo? É um título do tipo "o gatilho mais rápido do Oeste" ou "[illegible] da guitarra" ou qualquer babaquice desse tipo. Não entendo para que se faz esse tipo de coisa. E [illegible] o barato do vídeo deu [illegible]. Esses caras [illegible] mesmo e de ficar fazendo pose [illegible] pedaço de madeira pendurado no pescoço [illegible]. E aí [illegible] e fazem aquela coreografia, se esticam e abrem bem as pernas. Aí dão um pulo rapidinho para o alto. Grande parte é só isso [illegible] bem, entendeu? Mas não venha me dizer que isso é rock'n'roll.

BIZZ — [illegible] imagem [illegible] Stones [illegible] entender [illegible] O Stones [illegible] sua própria imagem [illegible] sando. Então, qual é a diferença entre os Stones [illegible] agora?

Keith — A diferença é que agora tem muito mais dinheiro envolvido na jogada e muito mais gente. Naquela época foi quase uma escolha [illegible] para nós. Tínhamos diante de nós os Beatles dando a [illegible] e não tínhamos a menor intenção de ser um grupo pop. Não imagina antes o que estava por acontecer. Foi como pular na piscina e de repente descobrir que você está [illegible]. Antes que você se dê conta disso, já está dentro. Obviamente [illegible] com os Beatles vieram de Liverpool. E nós... Precisamos ser diferentes de alguma forma, precisamos usar algo que já tenhamos e que nos faça ser mais do que apenas outro bando de caras pendurados nos paletós dos Beatles. Nosso cabelo é maior, não tão lavado quanto o deles [illegible] nós não usamos uniformes. Vamos fazer dessa diferença uma coisa positiva". Bem que tentaram nos fazer uniformes certa vez. Durou uma semana! "Cadê seu paletó?" *(Faz cara de inocente)* "Esqueci! Seiscentos quilômetros antes!" Então não deu certo. Eu disse: "É nessa que nós temos de ir. Isso é que são os Rolling Stones!" De certa forma, os antibeatles. Embora fôssemos — como geralmente acontece nesse tipo de situação — muito bons amigos. Paul eu nunca conheci muito bem. John, Ringo e George, sim. Ou seja, quanto à imagem, ficou bem óbvio e bem rápido que se tomássemos o caminho oposto ao dos Beatles, teríamos mais chance de as pessoas prestarem atenção em nós. Depois, [illegible] você começa a exagerar. O barato da imagem é o exagero: "Você deixaria a sua filha se casar com um rolling stone?" Aí você começa a pedir encrenca.

BIZZ — Vocês, então, se rebelaram [illegible] Beatles. [illegible] Stones [illegible] foram um dos alvos favoritos dos punks. Qual foi sua reação?

Keith — Vamos ver onde eles andam hoje. *(faz uma longa pausa, ergue o queixo, põe um cigarro na boca sem acender, passa a coçar o queixo, o tempo todo me encarando com as sobrancelhas [illegible])* Vamos ver por onde andam esses Sex Pistols *[illegible] longa pausa [illegible]* Johnny ainda está excursionando, tratando de negócios, certo? Steve Jones, em L.A. Sid Vicious está debaixo de onde se plantam flores... Eles descobriram que não é fácil... O fato é que o que o Sex Pistols fez com Malcolm MacLaren foi quase uma cópia idêntica do que nós fizemos com os Beatles, entendeu? Exceto que a questão ali era a idade: "Velhuscos ricaços!" Sou rico, é? Quer ver como eu sou rico? Eu não sou tão rico assim, meu chapa. Gastei quase tudo com advogados. Especialmente na época do punk. Eu estava tentando ficar fora da cadeia. Mas foi uma boa jogada a dos Pistols. Malcolm MacLaren [illegible] era bastante esperto. Era o Andrew Oldham deles! *(Oldham foi o primeiro empresário produtor dos Stones e o que tornou famosa a imagem [illegible] da banda.)* Ele viu que havia espaço para eles. De certa forma eles renovaram o ar do business de música dos anos 70, que estava ficando demasiadamente engomado e empolado. Só que esqueceram que havia um detalhe importante chamado "música". Não basta você cuspir nas pessoas com uma guitarra pendurada no pescoço. Num disco isso não aparece.

BIZZ — Os Stones sempre [illegible] uma aura de decadência e devassidão. Essa imagem era [illegible] em relação a [illegible]

Keith — Como eu disse antes, você fica procurando encrenca [illegible] o barato da imagem vem e rebate em você. Os Stones... os Stones são uns caras bastante normais. Claro que eles [illegible], mas certamente os Beatles, debaixo dos panos, eram pelo menos tão — às vezes muito piores do que os Stones! E tem uns outros caras aí que eu poderia mencionar, que [illegible] são da pesada! Mas é aí que a imagem começa a trabalhar contra você. As pessoas começaram a descobrir as coisas que nós fazíamos. A tal ponto que hoje estou cagando. Não tenho mais "roupa suja" a esconder. Já foi parar tudo nas primeiras páginas dos jornais, durante anos. Isso me ensinou a desistir de querer mentir. Hoje eu consigo saber praticamente sempre quando alguém está mentindo para mim. Eu fui a juízo! Dizia: "Tudo bem, seu guarda. Mas não é justo. Você não compreende a minha vida, entendeu? Seja justo, porque não é fácil". Então, quando alguém me conta uma mentira, aquilo me parece uma perda de tempo sem valor algum, sem sentido.

BIZZ — No início dos anos 70 foi feita na Inglaterra uma lista com os [illegible] istros do rock que todo mundo achava que fossem morrer [illegible]

Keith — Número uno!

BIZZ — ... qual o segredo da sua longevidade?

Keith — Não posso falar pelas outras pessoas, só posso falar por mim. Também, quantas pessoas já encabeçaram a lista dos mais cotados para morrer? Para mim é uma questão de se conhecer... tudo bem, se eu vou tomar alguma droga, primeiro eu vou querer saber sobre ela. Não sou desses que chegam tipo *(imita um doidão chegando perto dele e oferecendo alguma coisa)* "Aí, cara, tá a fim de uma coisinha?" e eu pego e *[illegible] para [illegible] nariz um pó [illegible]*. Nah, nah! Já que vou tomar, vou tomar do bom! Se não tenho certeza da qualidade, descubro. Se você está com vontade de se meter com coisas perigosas — e eu acho que parte do barato é isso —, então não importa o que for necessário, faço de tudo para ter certeza de que aquilo não está cheio de estricnina *(rindo)*. As pessoas aceitam qualquer pedaço de papel com um pozinho em cima que dão a elas. "Ah, é heró? Tá legal" *(aspira)*.

BIZZ — Mas também mudou muito a atitude das pessoas em relação ao uso de drogas. Antigamente se tomavam drogas para descobrir-se o desconhecido, para tentar-se aprender alguma coisa. Hoje o uso de drogas parece simplesmente destrutivo.

Keith — Precisamente. Tornou-se meio que uma recreação, um negócio de "vamos nos divertir um pouco". Não que a gente não se divertisse nos anos 60. Mas você está certo. Antes era praticamente o único jeito de se tentar entender alguma coisa, ou de se fazer alguma coisa de uma maneira nova. Quer dizer, que maneira mais patética, usando produtos químicos, mas *[illegible] se estivesse falando consigo mesmo)* "Eu vou transformar meu corpo num laboratório para ver se consigo achar a saída desta confusão". Vamos ser justos, a motivação não era ficar doidão. Mais do que qualquer outra coisa, aquilo era um experimento. É estranho ver essa mudança de atitude em relação a drogas. Agora o mais mortal é a falta de conhecimento que as pessoas têm sobre drogas.

Lee ®MR
ESTÁ TODO MUNDO
LOUCO PRA USAR

BIZZ — *Você conversa com seus filhos sobre drogas?*

Keith — Meus filhos? Eles viram tudo em primeira mão, certo? Eles cuidam de mim *(risos)*. Minha filha acabou de terminar a escola. Acorda todo dia às 5 horas da manhã e vai varrer estábulos. Ela adora cavalos e ensina crianças a montar. A essa altura ela já deve ter um namorado, mas nunca a vi tomar uma bebida que fosse. Ela está com 16 anos. Meu filho Malon tem 19, gosta um pouquinho de champanhe *(ri)*. Esse é o único vício de rico que tem. Fora isso eles são bem caretas, mesmo. Quer dizer, eles viram tudo de primeira e eu acho que isso teve um efeito que os afastou das drogas. Deve ter sido muito confuso para eles: guardas arrombando portas, apontando armas, "você está preso!". Vai ver então que eles disseram a si mesmos: "Isso não tem nada a ver. Esse negócio de drogas... Drogas são uma desculpa de gente paranóica que acha que guitarristas são uma ameaça à sociedade. Por isso é que não moro na Inglaterra. Durante anos tentaram nos pôr em cana por causa de drogas. Quando não conseguiram, o passo seguinte foi afetar nossas finanças. Nos pressionaram até que saímos da Inglaterra. Se quiséssemos manter a banda junta, era mudar ou ficar duro. Adoro a Inglaterra, mas não o suficiente para parar de fazer o que eu estou fazendo.

BIZZ — *Você começou a gravar* Talk Is Cheap *com um sentimento de derrota, de fracasso, porque estava admitindo que não havia sido capaz de manter os Stones juntos. Acontece que hoje, quando o disco está pronto, fala-se da volta dos Stones. Você se sente vitorioso agora?*

Keith — De certa forma. Aliás, isso começou antes de o disco ter ficado pronto. Eu ficava pensando: "Se esse disco ficar bom, vai ser um bom chute na bunda daquela galera". Só que eu não esperava que isso acontecesse tão rápido! Também não esperava que as pessoas já fossem saber tão cedo da volta dos Stones. Mas, enfim, a notícia se espalhou. Três meses atrás eu estava tentando terminar esse disco e toca o telefone: "Reunião dos Rolling Stones em Londres" *(falando com ar de mistério)*. E eu tão ocupado... mas para os Stones nunca digo "não". Então *(pausa)*, soltei um palavrão e depois disse "OK". Quando cheguei em Londres, nos reunimos em torno de uma mesa e eu disse: "Vocês estão a fim de me ferrar? Souberam que o disco está ficando bom e agora querem me ferrar?" *(Risos.)* Se pelo menos pra isso o disco servir, então não me sinto mais derrotado. Na verdade precisávamos de um descanso uns dos outros. Especialmente Mick e eu — nos conhecemos há 40 anos! Desde que eu tinha 4 anos e era menor do que essa mesa *(aponta para a mesa do telefone)*. De uma forma ou de outra realmente um estava dando nos nervos do outro. Depois de anos e anos vendo outras bandas se ferrando e dizendo um para o outro "ah, pelo menos não temos esse tipo de problema", de repente tivemos aquele tipo de problema! Acho que depois de tantos anos tocando juntos você e os outros se dissecam tanto que

param de funcionar por um tempo.

BIZZ — *A morte de Ian Stewart não teria contribuído também para a separação dos Stones? De certa forma ele parecia uma espécie de*

Keith — Cola! Ele era a cola! E a cola saiu. Foi o golpe final. Eu estava em Londres, de visita, por uma semana. Stu passaria no consultório do médico, para fazer um check up e depois iria me visitar no hotel.

Daqui a umas duas horas eu passo aí", disse ele. E eu fiquei esperando. E foi ficando tarde, tarde.

Isso não é normal, o Stu não é assim, mas, sei lá..." Quando deu 4 horas da manhã tocou o telefone e era Charlie Watts: "Tenho más notícias". Eu: "Pois é, bicho, estou aqui esperando Stu". Ele: "Essas são as más notícias. Ele não vai aparecer. Ele morreu no consultório do médico. Embarcou e bum!" É engraçado o que acontece com você quando morre um amigo. Você fica puto com a cara. "Como você teve coragem de me deixar aqui!", esse tipo de reação esquisita. Foi um choque grande para todo mundo. Stu era indestrutível. A impressão que eu tinha era de que, se caísse uma bomba nuclear, Stu ia sair dos escombros, com aquela mesma cara *(muda a cara de Stu, com o queixo todo para a frente)*, dizendo "chega mais, seu chuveiro de merda". Sem a morte de Stu talvez as coisas tivessem sido diferentes. A cola saiu e os pedaços caíram todos no chão.

BIZZ — *Você já foi ao Brasil em 1968.*

Keith — Jesus Cristo! Vinte anos! Ja? Incrível.

BIZZ — *Que lembranças você tem dessa viagem?*

Keith — Cheguei logo depois do Natal... Tinha macumba na praia *(olha para o vazio, buscando na memória)*, o mais difícil era tentar organizar alguma coisa. Para conseguir tirar dinheiro no escritório do American Express, levava três dias. Fomos eu, Mick — Marianne Faithfull estava com ele — e Anita. Lá eu descobri que ela estava grávida de nosso primeiro filho, Malon. Pegamos um barco em Lisboa e fomos para lá — "vamos fazer isso à maneira antiga" *(risos)*. Ficamos no Brasil um mês... Lembro muito é de correr dos paparazzi... Ah! Um caso que aconteceu: de tão cheios dos fotógrafos correndo atrás de nós, Mick e eu fomos para uma praia distante da cidade *(pelas descrições, eles devem ter ido ou para a Barra da Tijuca ou para o Recreio dos Bandeirantes)*. E não é que uns dois jornalistas nos seguiram! Aí fizemos o seguinte: Mick ficou conversando com eles enquanto eu fui em direção ao carro deles. Aí roubei as chaves do carro e joguei no meio do mato *(gargalhadas)*. Depois foi só ir embora dali calmamente. Ouvi altos sons quando estive lá. Até hoje tenho um violão que comprei de um cantor de rua, no Rio. Nós estávamos num restaurante, numa mesa na calçada da rua, e ele veio cantar perto de nós. Tinha uma voz linda... Como é que se diz "God is great" em português?

BIZZ — *Deus é grande.*

Keith — Isso *(depois de repetir a frase em português)*. No violão tem uma placa de metal onde está escrito isso: "Deus é grande".

José Emílio Rondeau

A Philips é mundialmente reconhecida pela avançada tecnologia que emprega para dar a você produtos de alta qualidade, que combinam estilo atraente com facilidade de operação. O Philishave Tracer é um exemplo do que estamos falando. Se você examinar esse aparelho mais de perto, vai notar que seu design arrojado e moderno não é apenas bonito. Um desenho que demonstra que a Philips também considera a maneira de empunhar e utilizar o aparelho: aquilo que os especialistas chamam de ergonometria.

Tudo isto para evidenciar o cuidado que a Philips tem para com o gosto e o estilo de vida do jovem moderno.

Como você pode ver, não é difícil acrescentar algo mais a um produto quando se sabe o que fazer e para quem fazer.

O mesmo cuidado em pesquisar e atender o gosto da juventude está também presente no Double Sound Machine, um dos mais sofisticados Micro System do mercado brasileiro. Um som sempre perfeito que

Philips. Chegando junto com a juventude.

transforma música em emoção, realidade em ficção. É a tecnologia de miniaturização a serviço do som, combinado a um design do jeito que você gosta. Controles de graves e agudos, cópia em alta velocidade, duplo cassete deck para reproduzir fitas em sequência. A cada característica técnica, um detalhe cuidadosamente estudado no estilo do aparelho. É a emoção da música afinada com a beleza do design. Philishave Tracer e Double Sound Machine.

Patrocinador Oficial dos Jogos Olímpicos de 1988

Dois exemplos de como a Philips sempre chega junto com a juventude.

Philips.
Produtos de última geração.

PHILIPS

PHILIPS

A DECADANÇA DO POP INGLÊS

O que diabos está acontecendo na Inglaterra? Quem são essas caras novas e inexpressivas que tomam de assalto as paradas inglesas e somem depois de seis meses? Será o sinal da decadência inexorável e irreversível? Ainda há salvação? Se há, onde está ela?

Os ingleses têm a indiscutível capacidade de destacar todo e qualquer tipo rebelde e alienado, acariciá-lo e absorvê-lo em uma enorme, morna e sedosa placenta maternal. Blues, rock n'roll, beatemania, Stones, heavies, punk, rap — de repente, é a absorção da essência de um som um estilo: como se sempre tivesse sido assim, desde o tempo do dub das cavernas. A Inglaterra é o quarto mercado musical planetário de uma indústria que movimenta dezesseis bilhões de dólares por ano em vendas. É o primeiro e definitivo mercado no que concerne à credibilidade. Conquistar a América é uma questão de toneladas de $$$ e marketing. Conquistar a Inglaterra — ou Londres, Manchester e outros blocos hip — é uma questão de talento e ousadia.

É? Era. Em termos de parada de sucessos as coisas nunca foram assim tão rígidas. Pode-se traçar uma linha qualitativa impecável do pop inglês nos últimos 25 anos — e todos com sucesso, em gradações variadas, de massa. Em 63, Beatles. Em 68, Stones. Em 72, Bowie. Em 78, Pistols, Clash, Jam. Em 83, Echo, Bauhaus. Em 85, Smiths, New Order. O que temos em 88? Rick Astley, Kylie Minogue, Bros, Wet Wet Wet, T Pau, Eight Wonder, Voice of Beehive, Sugarcubes, Pet Shop Boys, Glenn Medeiros, Transvision Vamp, Kim Wilde.

De quem é a culpa? Do ministro do Tesouro? Do anatolá? É sinal dos tempos? É sinal do fim?

É um assunto de conformação cultural e é um assunto industrial. Sim, a nova geração pop planetária é mais alienada que a precedente — entre outras razões, pois, de acordo com tradicionais ciclos históricos, reage contra o bombardeio supremo de informação refugiando-se na ignorância. Ao mesmo tempo é uma geração de ferozes animais de business. Está mais que a vontade na contemporânea e rentável descartabilidade do pop e pode utilizar a mais extraordinária bagagem tecnológica já vista na história a serviço da indústria do entretenimento. O passado, para essa garotada é uma orgia na história do disco — sampling, roubo, apropriação. O futuro não existe. O presente é um produto que renda o máximo de $$$ no espaço de tempo de uma partida de videogame.

É absolutamente inócuo emitir um juízo moral sobre essa situação. Os fatos são claros: reaganismo, thatcherismo, materialismo, consumo conspícuo, yuppismo desregrado, necessidade de se preencher um imenso tempo livre com uma imensa massa sonora. Para os centros de decisão da indústria de entretenimento (não estamos falando de cultura), é um negócio do caralho. A partir do meio dos anos 80, acabou de vez o pós-disco blues no qual estava mergulhada a indústria da música. Madonna completamente a configuração do mercado de quem compra música — aumentou a faixa de adolescentes, aumentou a faixa de adultos filhos do baby-boom pós-guerra, alimentaram todas as possibilidades do crossover com o estouro de *Thriller*. Mais tecnologia, mais sons, em decorrência, mais estrelas, dezenas, centenas com tempo de duração máximo de seis meses ou de um fatídico single.

Kylie Minogue, Bros, Wet Wet Wet, Rick Astley e congêneres surgiram e ou foram fabricados por, no mínimo, um milhão de dólares cada um para suprir a expansão de mercado. "Indústria de música" é algo que não existe mais. O que existe são tentaculares conglomerados que produzem distribuem uma confusão de vinil, celulóide, tapes magnéticos e discos a laser. O mercado mundial é controlado por seis conglomerados: CBS (inclui Columbia e Epic), Warner (inclui Elektra e Atlantic), PolyGram (inclui Mercury e Deutsche Grammophon), Bertelsmann (inclui RCA e Arista), EMI (inclui Capitol) e MCA (inclui Motown). Juntas dominam o topo das paradas de todas as latitudes e faturam mais de oito bilhões de dólares por ano. Walter Yetnikoff, o executivo supremo da CBS na América, resumiu o estado das coisas na indústria em geral em 88 para *Business Week*: "Estou tão otimista quanto possível, sem cair na loucura. A música é boa. A economia parece que vai bem e as vendas no estrangeiro estão batendo na lua."

O raciocínio é simples: a música é boa porque vende. Vende porque a economia vai bem — consumo alucinado nos EUA fim da era Reagan, nos hiperafluentes Alemanha e Japão, na Inglaterra do *free-spending* thatcheriano, nas camadas afluentes do resto da Europa e em certos países do Terceiro Mundo. Aqui entra a idolatria, salve, salve. O Brasil, até 86, ainda não estava completamente integrado ao megamercado planetário. Pode-se dizer que agora, em termos das "seis grandes", está. Para quem consome música pop, isso se traduz em dois detalhes básicos: algumas estrelas internacionais vão tocar aí e há mais discos nas lojas. A questão é *o que* interessa ser lançado aí, como e quando. E esta decisão é relativa apenas ao interesse exclusivo das "seis grandes". Vejamos um exemplo, em 85, não interessava lançar Smiths no Brasil, embora já tivessem três LPs, vários singles e altíssima credibilidade. Não venderiam, não teriam apelo de massa. Em 88, interessa, e muito, lançar Rick Astley. Afinal, custou caro, surgiu "de cima para baixo", não "de baixo para cima" como os Smiths, e deve ser rentabilizado o mais cedo possível em todos os mercados disponíveis.

Mas você que está lendo esta página se interessa por música pop de qualidade. Se tivesse acesso a arsenais secretos, organizava bombardeios a todas as rádios que tocam Bros e T Pau. Fica pensando se o pop inglês perdeu-se sem retorno nos sulcos da história e de agora em diante só restará o eterno retorno da nostalgia. Nesse caso, você que está lendo esta página não é o consumidor ideal nas projeções de marketing das grandes corporações. Mas, ao contrário de seu equivalente inglês, você não tem a possibilidade de escolha, nem mesmo a certeza da dúvida. Só tem Dire Straits ou Kylie Minogue. Desse jeito, é melhor cair direto no eurotrash de Sabrina — a voluptuosa rameira que se amarra em agarrar boys, boys, boys.

O pop inglês de qualidade sobrevive? Sobrevive em escala reduzida, como o Wire ou o Pop Will Eat Itself e chega a alcançar o Top 20 das paradas independentes de compactos e LPs. Mas em uma análise radical de qualquer lista de qualquer semana do *New Musical Express* ou *Melody Maker* só restam mesmo dois ou três, ao lado de cristais oportunistas do passado como *Substance* do Joy Division lançado para quem tinha 12 anos quando Ian Curtis se suicidou. O que realmente interessa no pop inglês contemporâneo não é exatamen-

New Order — bons tempos de sucesso com qualidade...

te pop, nao é exatamente branco e nao é exatamente ingles. Está nas paradas de rap radical, house, acid house (ver box) e world music. E coisa essencialmente de preto — seja americano, seja afro, com um ou outro DJ ou produtor ingles no meio para o veneno tecnologico. E o dominio de Eric B. & Rakim, Ice T, Public Enemy, JVC Force ou Isaac Hayes reeditado. E o dominio de Phuture, Mr. Lee ou D-Mob. E o dominio étnico de Mory Kante, Fela Kuti, Hugh Masekela, os Wild Tchoupitoulas, da Louisiana, Ali Farka Toure, os mix yementas de Ofra Haza, os Sandinistas Guerrillas, da Nicaragua, ou o impagavel Trio Bulgarka, da Bulgaria. E o lugar de uma coletanea como *Brazil Is Back, vol. 1* (selo Brazilloid) ou *Viva el Ritmo*, de Cuba-Brazil (selo Earthworks). A maioria absoluta da armada rap/house/world music e permutações entre si não vai chegar ao Brasil porque não pertence as "seis grandes" ou porque nao teria apelo de massa. O que chega — e vai continuar chegando — é Wet Wet Wet, Bros e Rick Astley. Para o Primeiro Mundo, o Terceiro continua sendo um pouco mais que um depósito de detritos. Temos motivos para esperar que um dia passe o caminhão de lixo e deixe a rua completamente limpa?

Por *Pepe Escobar*, de Londres

A ESCADARIA PARA O CÉU

A definitiva bacanalia tecnopagã baixou como um OVNI em êxtase no verão londrino de 1988, que será sempre lembrado como o "summer of love", 21 anos depois do original em Sao Francisco — quando a dissidencia hiperliberal usava flores no cabelo ou na ponta dos fuzis do exercito mais poderoso da Terra, enviado para sucumbir ao LSD e aos nativos nas selvas do Vietnam. No "summer of love" revivido estouraram camisetas "Love Child" e os sorrisos do bonequinho amarelo Smiley. E estourou a materia-prima do som dos anos 90 — a dança em transe, na tribo, sob tremores, a possessão possivel nas arenas-disco de todos os amores. Aciiiid"!

E — era — o último — até esse momento — fenômeno no canibalismo estilistico da cena clubistica londrina. Londres lança: Nova York, Berlim, Toquio, Paris e provincias copiam. Desta vez, Chicago lançou (como house), Ibiza rebateu, Londres rearranjou.

O som do futuro não tem voz. Não tem solo de guitarra. Não tem faces. É um sintetizador de duzentos dólares com um oscilador rudimentar operado por desconhecidos. É acid — derivado do acid rock psicodelico dos anos 60 — e é house — derivado da house disco robotica dos anos 80.

É um desenvolvimento inevitavel da cultura pop — tecnologia barata acessível a todos, história do pop passivel de ser pilhada de trás para a frente através de qualquer samplagem. Acid house, em conceito, deriva de acid rock e funk de vanguarda como uma fantasia primitivista de absoluta desrepressão. Não é fusão: é fissão, um espelho a laser de moleculas liberadas. A monotonia da batida induz ao transe. Uma groove é encadeada ao infinito. Dissolução sensorial apunhalada por efeitos alcatórios como bits e bips, ruidos indecifráveis sampleados.

Ninguém sabe exatamente de onde veio o OVNI acid. Acid house, o termo, pode ter vindo de Chicago, via o single "Acid Trax", do Phuture Phantasy Club. Pode ter vindo de *burning*, termo de rua que significa roubar do disco alheio. De qualquer maneira, acid house é uma progressão natural de deep house, jackin' house e garage house, além de qualquer formalismo, herdeira distante de Kraftwerk, DAF, Front 242 e Liaisons Dangereuses.

Há nuances cada vez mais aceleradas. Acid house urbano *made in USA* funciona só em box-beats de *high energy*, sequenciadores distorcidos e edição frenética. Acid house *made in England* é um carnaval de sampling — de som de descarga de privada até Concorde decolando. Acid house é um fenômeno de estúdio e é um fenômeno de espirito punk. A diferença em relação ao punk é que agora nem é mais necessario saber dois acordes, basta apertar alguns botoes em qualquer sintetizador, sampler ou drum machine.

Todo mundo toma LSD? Todo mundo toma ecstasy? Acid house é o estouro da cultura psicodélica para os filhos dos hippies dos anos 60? Depende. Ecstasy produz o feeling de "comunhão com os semelhantes" absolutamente antitetico à ética "WASP" (branca, anglo-saxã e protestante) dominante do materialismo corporativo. Produz interessantes sinais de desregração, incita ao hedonismo pelo hedonismo. A aliança de acid house com um meio ambiente de dissolução sensorial e quimicas auxiliares é, em última análise, subversiva. Retomou o slogan de Timothy Leary: "Tune in, turn on, drop out" (ligue-se, sintonize-se e caia fora), agora sem cinismo, manuseado com sorrisos. A garotada freakbeat sintoniza, liga-se, mas cai fora (do sistema) só por uma noite, para depois retornar a sua luta pela fama e à cultura "montes de dinheiro".

Acid house já está incorporada ao patrimônio da evolução da cultura pop nos anos 80. E — sem dúvida — uma das bases radicais para o som dos anos 90. Explodiu como autêntica pesquisa de alternativas sonoras. Sua herança será mais influente do ponto de vista cultural do que apenas musical. Acid house revitalizou a cultura psicodélica de uma maneira irreversível para a próxima década. "Abriu" cérebros. As cabeças se ligaram e terminaram caindo fora de seu tédio e apatia na *stairway to heaven* que aponta, em espiral, para uma paz de espirito surreal e, por que não?, dançante.

Acilid"! Vai continuar ecoando o grito de guerra (e paz) nas torridas noites do "summer of love". O resto é sociologia. *P.E.*

VZYADOQ MOE
"O ÁPICE"

novo lançamento wop-bop

Solicite já o nosso catálogo, inteiramente grátis, contendo a maior e mais variada quantidade de discos nacionais e internacionais.
FAÇA SEU PEDIDO POR CARTA OU TELEFONE (só para o interior de São Paulo e outros Estados). Também por REEMBOLSO POSTAL para todo o Brasil.

WOP BOP DISCOS
Rua Barão de Itapetininga, 255 - Loja 25
CEP 01042 - São Paulo/SP - Tel.: 231-4960

EXCLUSIVIDADE
TOC DISCOS
QUANTIDADE LIMITADA
LANÇAMENTOS

Atendemos pelo correio.
Dispomos de catálogos completos de todas as gravadoras.

Pedidos: Rua Sete de Setembro, 139
Centro - RJ - CEP 20050
Tels.: (021) 232-4539 - 232-6768
Atacado: 232 9404

BREVE: • Johnny Winter • Billy Holyday • Beny Goodman • Bob Dilan • Mahalia Jackson • Blue Jam in Chicago • Thelonius Monk • WeatherReport • Stanley Clark.

SIOUXSIE & THE BANSHEES

ATRAVÉS DO ESPELHO

Siouxsie & the Banshees, acreditem ou não, ainda têm fôlego para surpreender. Depois de alguns desacertos, eles foram buscar energia nova no hip-hop (sim, é isso mesmo que você leu) e se saíram com um LP, *Peep Show*, que está reafirmando o prestígio da velha feiticeira. O caldeirão está fervendo...

Depois de quase dois anos de silêncio, Siouxsie e seus Banshees estão de volta. O single "Peek-a-Boo" escalou um lugar surpreendente nas paradas inglesas. Numa tarde chuvosa do verão londrino, estamos reunidos num club do Soho para uma entrevista coletiva porem intima, com apenas seis jornalistas. Siouxsie, Budgie e Severin estão de muito bom humor e começam a responder pacientemente as perguntas, ja feitas pelo menos um milhao de vezes, sobre o movimento punk.

Nunca gostamos de ser incluidos no movimento punk, do qual nao faziamos parte. Muitas pessoas nos ligavam a ele, porque éramos e somos, contra qualquer categorização. Não temos visão fixa de nada", afirma Siouxsie para que nao restem dúvidas. Mas o grupo existiria se nao fosse pelo punk? Severin é rapido: "O movimento punk teria existido sem nós? *(risos)*. E, somos produto do nosso tempo.

Obviamente", continua Siouxsie, "o punk tornou muitas coisas possiveis. Trouxe de volta a possibilidade de as pessoas criarem. Eu ainda acredito nessa ideia, por isso fico chocada com o que está acontecendo agora, muitas portas foram fechadas." Alguem neste momento mencionou Sid Vicious, John Peel e Robert Smith. Um momento de silencio. Siouxsie responde: "Sid Vicious está morto ha bastante tempo, John Peel ainda é um DJ. E Robert Smith toca no Cure.

Por que voces lançaram um disco como *Through the Looking Glass*, só com covers?

Sempre fizemos covers, mas sempre pusemos algo de nosso nas musicas. Com o passar do tempo, vai ser possivel ver que este disco foi um veiculo útil, algo que precisavamos fazer para voltarmos a estar juntos. E bom ter o trabalho de outra pessoa para olhar objetivamente e ajuntar alguma emoção nossa", explica Siouxsie.

O disco novo, *Peep Show*, tem algo de muito intencional, como se vocês estivessem querendo provar alguma coisa. "E", responde Siouxsie, havíamos atingido um platô. Ainda estavamos fazendo coisas boas, comparaveis ao que já tinhamos feito antes, mas nosso trabalho não estava tão consistente quanto antes." Budgie a interrompe: "E nos aprendemos muita disciplina trabalhando com Mike Hedges no *Through the Looking Glass*. Fizemos muita pré-produção antes de ir para o estudio. Antes, levavamos tres ou quatro musicas prontas para o estudio e o resto aparecia naturalmente. Desta vez, nós levamos umas dezoito musicas. E mesmo assim, muita coisa surgiu no estudio. Tivemos o melhor dos dois mundos.

O single "Peek-a-Boo" mostra uma influência grande do hip hop. "E mais disco Washington go-go. Washington é uma cidade incrivel, tem crianças na rua batendo em latas de lixo. Vem daí a batida... Depois demos a música para alguem remixar, uma pessoa acostumada a trabalhar com house music. Ele ficou muito confuso com todos aqueles sons — nenhum vinha de maquinas. Acho que ele não estava acostumado com isso", Budgie emenda.

O hip hop certamente nos influenciou. Quando estavamos em nossa turne americana, eu comprei o disco do Run DMC. Nos ouvimos sem parar. A melhor coisa que eu tinha ouvido em anos!" Siouxsie concorda. "Acho que a coisa mais saudável das paradas é o hip hop. Ele trouxe coisas de volta, empurrou para tras essas coisas horriveis que estão nas paradas. Acho otimo que "Push It", de Salt n Pepa, esteja fazendo tanto sucesso. E divertido, é uma coisa que não se leva a serio, algo que alivia que se afasta da especialização, dos grandes produtores. Nos ultimos anos as pessoas regrediram. Estão promovendo discos, dizendo quanto custaram, qual foi o grande produtor envolvido... Mas não o hip hop. Por isso ele é saudavel." Nós vamos ver "Peek-a-Boo" nas paradas de dança?" "Sim. Sim. Sim."

"Que outros grupos americanos voces gostam? A resposta é imediata e unanime: "Prince!" A ponto de ter influenciado o som de vocês? "Vamos a go na musica dele que reconhecemos em nossa propria musica, como a psicodelia do *Kaleidoscope* e *A Kiss in the Dreamhouse*", considera Siouxsie. E *Peep Show*? Vai ser uma influencia para muita gente? Porque as influencias sao bastante claras no disco... Severin corta: "Tem mais a ver com ouvir e desenvolver nosso proprio potencial."

E isso", continua Budgie, "é quase o oposto de ser influenciado. E uma espécie de isolamento, é necessario deixar de ouvir coisas dos outros." Siouxsie ajuda a defesa: "Sempre fomos fãs de musica. O proprio Prince é fã de música. O que ele ouve obviamente o influencia. As melhores musicas sao sempre engalhadas por alguem ou algo de fora. Mas ha uma grande diferença entre isso e ser derivativo. Não gosto de pessoas que são copias do que ouvem. Nao faz sentido. E inutil, se você nao for acrescentar algo seu, reinterpretar. E como copiar um desenho linha por linha.

Um dos jornalistas comenta que a musica "Last Beat of My Heart" tem algo de Billie Holiday, não no sentido musical, mas na delicadeza. Siouxsie lisonjeada, responde: "Foi a ultima a entrar para o disco. Nos sabiamos que, nesta musica, uma mao mais pesada poderia estragar tudo". "Sempre houve um lado mais quieto e calmo dos Banshees, que acabava sobrando para o lado B dos singles. Para nos foi uma grande mudança incluir essas musicas no LP. De novo, é perceber um potencial e realiza-lo", entusiasma-se Severin. E Budgie pega a bola: "'Peek-a-Boo' ia ser um desses lados B, mas ai nos a seguramos e foi o começo da mudança. Uma reação em cadeia. O final do ciclo foi lançarmos 'Peek-a-Boo' como single.

Quando um grupo chega onde vocês chegaram, ele tem liberdade para fazer o que quer? Para mudar em qualquer direção? Siouxsie ri e diz: "As roupas começam a vestir melhor! Isso tudo é ter mais confiança para exigir e o tempo é muito bom para testar as coisas. O tempo passa e voce consegue ver muito melhor". As perguntas vão chegando a um assunto inevitavel: os inumeros concertos beneficentes ou "a musica pop servindo as causas nobres". Detalhe: Siouxsie & the Banshees nao tocaram em nenhum deles. Siouxsie pensa durante alguns minutos e responde: "Esses concertos estão um mais na moda do que o outro. Por exemplo, nos tivemos aqui na Inglaterra, no mesmo periodo, os concertos para Nelson Mandela, para a Aids e para a Anistia Internacional. O publico escolheu qual desses eventos recebeu mais atenção da imprensa — e foi o de Nelson Mandela, enquanto que os outros perderam dinheiro", "Além disso", interrompe Severin, a ideia da musica pop é justamente virar as mesas, chocar as pessoas, mas agora está ficando tudo muito seguro. Espera-se sempre que os popstars sejam pessoas "legais".

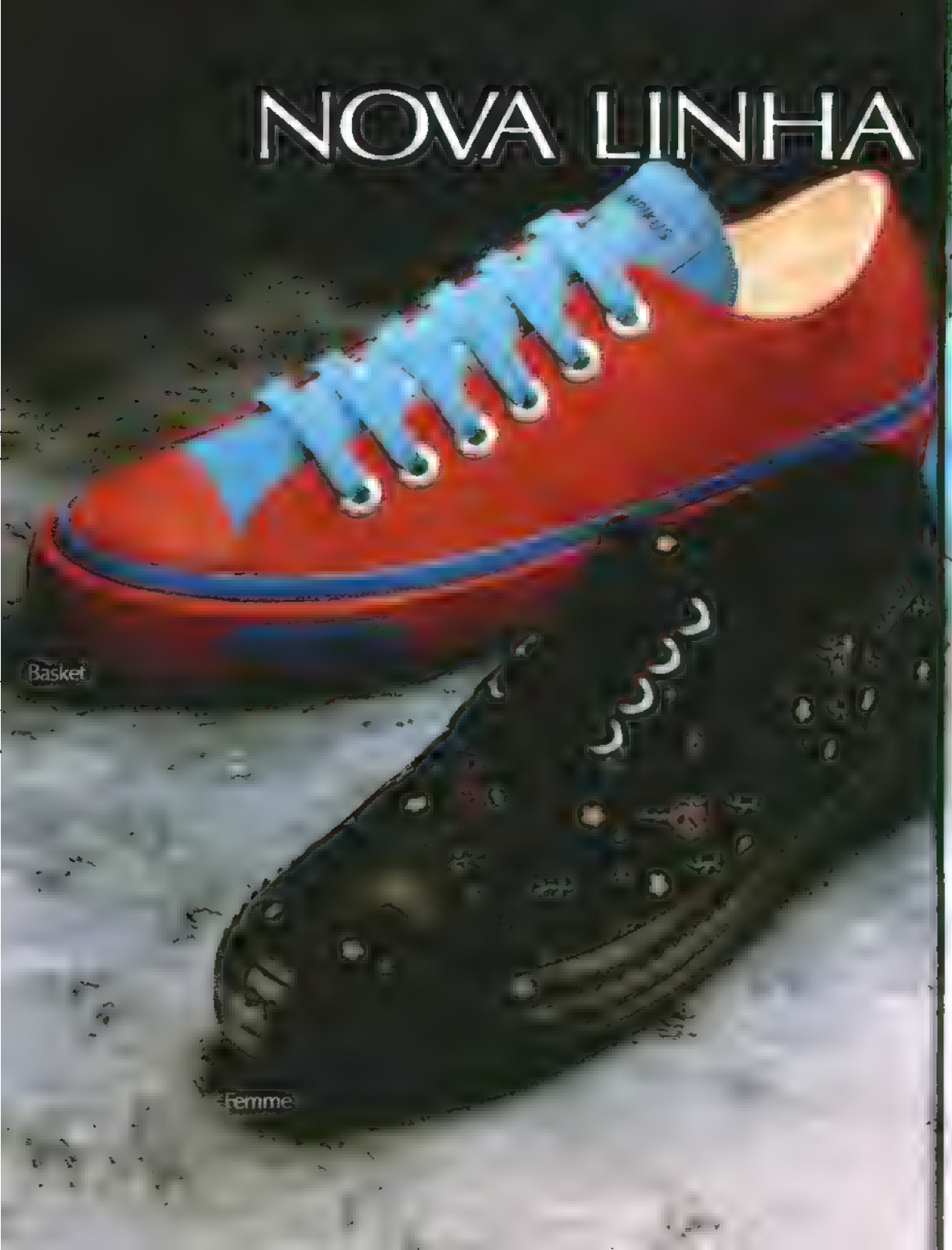
Por que o nome *Peep Show* para o disco? Nos sentimos que muitas das musicas foram escritas de um ponto de vista secreto, escondido. E como estar observando as coisas de longe, mas, ao mesmo tempo, de maneira intima." O disco foi composto e gravado numa pequena vila no campo ingles. Isso influenciou alguma coisa? Siouxsie, mais uma vez toma a dianteira: "Era um lugar muito ingles, muito rural. A area tinha acabado de ser atingida por um daqueles tufões e era como se um gigante bebado houvesse pisado em cima da terra, brincado com o campo. As árvores estavam todas arrebentadas... E, de uma certa forma, isso tinha a ver com o que estávamos fazendo — arrancando as coisas pela raiz.

O tempo esta quase acabando, mas há tempo para uma última pergunta. Voces voltarao ao Brasil? A resposta positiva é outra vez unanime: "Tivemos uma impressão maravilhosa do lugar e das pessoas em geral", anima-se Siouxsie. E as bandas brasileiras? Voltei para cá com uma pilha de discos brasileiros", responde Budgie, "e levei tudo na Radio One e eles tocaram os discos — o que não é muito comum. Acho que a melhor coisa das bandas brasileiras é o entusiasmo.

Depois, quando eu já estava saindo, Severin me chama de lado: "Vamos para o Brasil em fevereiro... para pegar o Carnaval.

Por *Anamaria G. de Lemos*, de Londres

NOVA LINHA OLYMPIKUS.



O LANÇAMENTO DO ANO.

OLYMPIKUS
TECNOLOGIA E DESIGN.

LUNI

OS NOVOS VELHOS DE GUERRA

Consagrados pelo público e mídia, eles gravaram o primeiro LP já com todas as garantias de veiculação. O que eles têm que os outros não têm?

O Luni é um grupo que chegou a uma grande gravadora com um bom cacife. Antes mesmo de assinarem um contrato com a WEA, já tinham demos rolando nas principais capitais brasileiras, a veiculação de um programa especial na TV Gazeta de São Paulo, 90 shows pelos Estados e interiores e até um possível clip no *Fantástico*, que acabou não indo para o ar. Tudo isso, mais bochichos e títulos na imprensa, os colocavam ao lado do Nouvelle Cuisine e Os Mulheres Negras, como porta-vozes de um "novo movimento musical ou a nova tendência". "Era mais fácil para a mídia agrupar algumas bandas como gancho para vender a matéria. Chegaram até a forçar a barra. Mas, se fosse para levar em conta *movimento*, teria de incluir ainda Fabrica Fagus, Mafia, Tribo, Sinsemilia", atestam Marisa e Theo, dois integrantes do Luni. Mesmo assim, eles toparam esse amálgama, primeiro pela identificação "pelas diferenças musicais e segundo, porque a publicidade é boa e providencial. "O legal é que, com o tempo, cada um ficou com seu próprio espaço, seu público", fala Fernando, aliviado.

Mas qual é o doce, afinal? Vamos por partes. O Luni entrou no cenário 87 com uma forma de show pouco explorada pelos grupos da época: a noção de espetáculo. São oito integrantes — um número de sorte nos dias de hoje para o rock/pop brasileiros — que mesclam música dançante, bem executada, teatro, rodízio de instrumentistas, luz, figurinos... Separando, porém, o joio do trigo, temos um trio já velho de guerra no cenário *underground* paulista — André Gordon, Fernando Figueiredo e Natalia Barros, vindos do extinto e inexpressivo Fix Pá, e do teatro de bonecos XPTO, que chegou a fazer, inclusive, algumas apresentações na Europa. De outro lado, vindos de tendências artísticas diferentes, Theo Werneck, artista plástico e atento frequentador do "maldito cenário paulista"; Marisa Orth, psicóloga, atriz, com uma presença cênica de chapar os olhos; e Lloyd Bornemanson, nascido em Java, Indonésia, frequentador dos "terreiros" africanos por cinco anos e aluno da prestigiada Berklee School em Boston. Completando o time, Gilles Eduar (sax alto, clarineta, backing vocal) e Lelena, a baixista que arrancou baba dos espectadores que acompanhavam os shows da Mafia, sua última ex-banda.

A grande aquisição de Fernando (vocal/teclados), André (vocal, teclados, percussão) e Natalia (vocal/teclados) — primeiros armadores do Luni — foi, sem dúvida, a do trio formado por Theo (guitarra, vocal, percussão), Marisa (vocal) e Lloyd (sax tenor, percussão e vocal). Lloyd, por exemplo, tem um conhecimento raro da música de raízes africanas. Os ritmos crus e bem estruturados que aparecem no Luni são, sem dúvida, obras sua. Marisa, por sua escola teatral e competência, arranca gargalhadas em suas interpretações em músicas como Johnny" e The Best". E Theo (vocal, guitarra, percussão) demonstrou, ao integrar o Luni, uma precoce intuição para o universo musical e um potencial de voz a ser ainda mais explorado.

Com um repertório eclético — lembrando, muitas vezes, trilha sonora de filme ou fundo musical de peça de teatro, incluindo mambos, sambas, salsa, funks e blues — eles foram para o estúdio. Toda essa mistura corria o risco de soar dispersa no vinil, principalmente se eles deixassem apenas o computador rítmico cuidando da cozinha, como nos shows. Foram espertos: quatro bateristas contribuíram com suas peles, o que levou o Luni a cogitar a entrada de um "oficial" para integrar o time. Mais: o grupo obteve a certeza de uma produção respeitosa, já que, como diz Natalia, "estamos numa fase em que eles (gravadoras) não sabem o que está rolando. Então, nem dá para interferir muito".

Bem, faz mesmo falta uma bateria de verdade no Luni ao vivo. No mais, é ouvir, ver e avaliar; ou você vai gostar, ou vai achar que é muita onda para pouca água.

Sonia Maia

TOP PLUS ORIENTAL.

NOVA COR PEQUIM.
GRAFITE NAS MURALHAS DA CHINA.

ACABA DE PINTAR UMA NOVA COR NA LINHA TOP PLUS ORIENTAL: É PEQUIM. UM TOM DE GRAFITE QUE SÓ TOP PLUS TEM. AS CALÇAS, SAIAS, CAMISAS E BERMUDAS OBEDECEM AO REVOLUCIONÁRIO MODELO CHINÊS DE CONFORTO. TÊM UM CORTE AMPLO E SÃO CONFECCIONADAS SOMENTE COM FIBRAS NATURAIS. NO ACABAMENTO, VOCÊ ENCONTRA DETALHES QUE SÓ A SABEDORIA TOP PLUS PODERIA COLOCAR. LINHA TOP PLUS ORIENTAL. A ÚNICA QUE LEVA VOCÊ ATÉ PEQUIM. O GRAFITE TOTALMENTE À PROVA DE PICHAÇÕES.

C&A ELDORADO PLAZA
MAPPIN MESBLA

top plus

A ROUPA QUE VALORIZA SEU CORPO.

ROXY MUSIC

PARTE II

No capítulo passado, vimos como, em menos de três anos, a Música Roxy tomava a Europa e começava a "morder" as paradas americanas, não sem perder um tripulante importante no meio do caminho. Estamos agora no verão inglês de 1975, na trilha final da glória e da fortuna

O Roxy está chegando de sua terceira *tour* consecutiva pelos EUA — onde a censura à capa de *Country Life*, relançado só com a folhagem de fundo da foto original, tinha ajudado e muito na divulgação do grupo. Desta vez, Japão, Austrália e Nova Zelândia já são acrescidos ao roteiro.

Seria um ano de várias reviravoltas, em que viveriam o auge da popularidade, a maturidade no estúdio e na estrada, uma mutação musical e, no final, uma repentina dissolução que duraria até o final de 78.

RE-FEITA/RE-MODELADA

Incrivelmente, porem, todos os boatos sobre uma iminente separação do núcleo Ferry-Mackay-Manzanera foram sufocados com o lançamento de *Siren*, o quinto LP no mês de outubro.

Um disco estupendo, com uma remodelagem radical da *roxy music* explícita desde sua primeira faixa, "Love Is the Drug", substituindo o rock n'roll 50's, como chassis, pelo soul e rhythm n'blues em todas suas ramificações até um fenomeno que despontava naquele exato momento: esse emblema dos anos 70 que é a *discotheque*.

Alguns meses antes, David Bowie — com quem Ferry disputava a cadeira de "mentor estilistico" da adolescência britanica — já tinha dado o pontapé inicial para o que seria chamado de *white soul*, ou *plastic soul* nas palavras de Bowie o LP *Young Americans*, uma coisa sedosa e sacaroleante com *backing vocals* e uma *horn section* de matar mais a participação especial de John Lennon e um Number One na America (com direito a Grammy) na faixa "Fame", um riff pinçado de James Brown e utilizado por Bowie e Lennon para discutirem sobre o peso da face publica.

Ferry, seu amor pelo pop negro ja manifesto em trabalhos de seus discos solo não podia ficar atras. Funky e muito mais sedosa, "Love Is the Drug" sintetiza uma nova fase no Roxy, muito mais proxima do *cool* filigranado que seria dilapidado progressivamente até a epifania de "Avalon", faixa-titulo do ultimo album da banda e fonte das canções gravadas solo por Ferry na década de 80.

Em compacto, "Love Is the Drug" chegou ao trigesimo posto do *Hot 100* da *Billboard* (segundo lugar na terra natal) e *Stranded* foi eleito pelos criticos da *Rolling Stone* — ainda hoje um dos mais fieis espelhos da psique do jovem elitizado tanque — como um dos melhores LPs daquele ano.

Em outras faixas como "Sentimental Fool", "Just Another High" e "Both Ends Burning" a ênfase em climas e texturas foi levada à obsessão, com uma "riqueza" no trabalho de estudio em si nunca ouvida nos discos anteriores. Os jogos de guitarra e sax entre Mackay e Manzanera, explorando a capacidade de ambos instrumentos de "gritar", "chorar" etc. — outra marca *roxy* desenvolvida com a saida de Eno — diaceravam corações hipersensiveis e com as unhas de Afrodite.

O Roxy Music ainda faria *mais um* giro pelas grandes cidades dos E.U.A antes de — no final do ano — declarar à imprensa que estava "saindo de férias".

O núcleo do Roxy, em gala para o lançamento de Avalon. Da esquerda: Manzanera, Bryan Ferry e Andy Mackay

A verdade é que, com a carreira solo que Ferry levava paralelamente, Mackay e Manzanera tambem começaram a desenvolver outros projetos. O saxofonista tinha, inclusive, tido um certo sucesso com sua trilha para *Rock Follies*, um seriado de TV sobre as aventuras e desventuras de um *girl-group* no carrossel da industria fonografica e lançava um solo intitulado *In Search of Eddie Riff*. Manzanera lançaria seu primeiro solo — *Diamond Head* uma exposição de suas raizes latinas com momentos limos —, reuniria sua primeira banda, Quiet Sun, para outro LP e apareceria até trabalhando com Brian Eno no grupo 801 (cujo LP ao vivo chegou a ser lançado no Brasil) e em discos de John Cale e Nico. Anunciadas como um "break" de um ano, as ferias do Roxy duraram quase tres.

Enquanto a gravadora tapava o buraco com uma coletanea e um "ao vivo" (nao só arrebentador, como excelente introdução ao Roxy fase 72-75), Ferry entregava-se a sua carreira solo passando a gravar tambem composições menos suas, junto aos ja habituais *covers*. Ao lado da modelo texana Jerry Hall, a "roxy musa" da capa de *Siren*, o crooner figurava entre os casais prediletos dos colunistas sociais. Até a noite em que teve a idéia de, após um show dos Rolling Stones, ir cumprimentar a banda no camarim.

A perda da atual sra. Jagger não só levou Ferry ao auto-exilio (primeiro na Suiça, depois em Nova York) como a um álbum amargurado, batizado sintomaticamente de *The Bride Stripped Bare — d'apres A Noiva Despida Inclusive por Seus Solteiros*, de Marcel Duchamp, uma das fixações do Ferry estudante de artes plasticas. Foi o unico fracasso comercial na carreira do cantor, mas retumbante. A Inglaterra — e todo o mundo pop — a essa altura já estava completamente remodelada pelo furacao punk/new wave e a imagem de casanova *jet setter* nao batia muito bem com o clima do momento. A resposta é de arrepiar, uma de suas gravações mais tipicas: Ferry recupera do folclore irlandes, so voz e violão, a balada "Carrickfergus", em que um velho marinheiro, arruinado e destituido de sua amada, pede para que os rapazes da "nova geração" venham quebrar sua cara e afoga-lo.

Não se sabe o quanto as baixissimas vendagens de *The Bride* pesaram no reagrupamento do Roxy. O fato é que, no final de 78, o trio-em-comando voltava a entrar em estudio.

Manifesto, lançado em março de 79, reavivou a chama, com Ferry-Mackay-Manzanera retomando o funk cinemascope embutido em *Siren*, enquanto a capa rompe a linhagem das musas com um séquito de manequins "produzidos" e fotografados numa noite de muito *confetti* e serpentina. Uma bela alegoria da Londres de 79, ja bem diferente daquela que, um ano antes crucificara o Roxy e o Led Zeppelin junto com Queen e Emerson, Lake & Palmer.

No intenso *nightclubbing* da temporada, cena emergente de *white soul tecnopopped* e fantasias neo-romanticas", Ferry e Bowie eram colocados em um duplo pedestal por toda uma geração que teve deles as primeiras lições em pop music. *Manifesto* permaneceu alojado por um bom tempo no Top Ten britanico e o Roxy voltava ao circuito estudio-turne-estudio-turne-estudio até sua dissolução definitiva em 82.

Apesar de gerar mais dois compactos clássicos, com "Dance Away" e "Angel Eyes", *Manifesto* é o ultimo album em que uma pessoa interessada em conhecer o Roxy devera pôr a mão. Reesquentadas as turbinas, o trio voltaria ao seu rigoroso padrão de qualidade em *Flesh + Blood* — o pop dourado de "Oh Yeah" e "Same Old Scene" convivendo com covers fabulosos de Wilson Pickett e Byrds — e *Avalon* o ultimo LP.

O nome vem da ilha em que os grandes guerreiros tam descansar após a morte, passada da mitologia celta para o ciclo medieval arturiano. Para Bryan — que no meio tempo abandonara a noite, casara com Lucy Helmore, filha de um dos diretores do complexo bancario Lloyds, e fora ser um pai de familia no campo — esse continua sendo o lugar certo para o Roxy Music. *J.A.L.*

ROXY MUSIC: DISCOGRAFIA COMPLETA

Atualmente retirado no countryside, o artista plástico frustrado Bryan Ferry — ou o Cole Porter do rock n'roll

ROXY MUSIC
LP — *ROXY MUSIC* (72, Island); **CS** — *'Virginia Plain'/'The Numberer'* (72, Island); **CS** — *"Pyjamarama"/The Pride and the Pain* (73, Island); **LP** — *FOR YOUR PLEASURE* (73, Island); **CS** — *'Street Life'/Hula Kula'* (73, Island); **LP** — *STRANDED* (73, Island); **CS** — *"All I Want Is You"/Your Application's Fee'ed"* (74, Island); **LP** — *COUNTRY LIFE* (74, Island); **CS** — *'Love Is the Drug'/'Sultanesque'* (75, Island); **LP** — *SIREN* (75, Island); **CS** — *Both Ends Burning'/'For Your Pleasure'* (ao vivo) (75, Island); **LP** — *(75A Ao vivo)* (76, Island); **CS** — *Do the Strand/War Brides* (76, Island); **LP** — *GREATEST HITS* (coletanea) (Polydor/EG); **CS** — *Virginia Plain'/'Pyjamarama'* (77, Polydor/EG); **CS** — *Do The Strand/'Editions of You'* (78, Polydor/EG); **LP** — *MANIFESTO* (79, Polydor/EG); **CS** — *('Trash'/'Trash 2'* (79, Polydor/EG); **CS** — *Dance Away/Cry Cry Cry* (79, Polydor/EG); **CS/MS** — *'Angel Eyes'/'Manifesto Girl'* (79, Polydor/EG); **CS** — *Over You/Manifesto* (80, Polydor/EG); **LP** — *FLESH + BLOOD* (80, Polydor/EG); **CS** — *'Oh Yeah (On the South Downs'* (80, Polydor/EG); **CS** — *'The Same Old Scene'/Lover* (80, Polydor/EG); **LP** — *THE FIRST SEVEN ALBUMS* (caixa com os primeiros sete LPs — Polydor/EG, 81); **CS** — *Jealous Guy/'To Turn You On'* (81, Polydor/EG); **LP** — *AVALON* (82, Polydor/EG); **CS** — *More Than This'/'India Awaits Your Return'* (82, Polydor/EG); **CS** — *'Take a Chance with Me'/The Main Thing'* (82, Polydor/EG); **LP** — *THE HIGH ROAD* (ao vivo — 83, Polydor/EG); **LP** — *THE ATLANTIC YEARS 1973-1980* (coletanea — 83, Polydor/EG).

ROXY MUSIC
BRYAN FERRY
LP (2) — *STREET LIFE* (coletanea com faixas do Roxy Music e da carreira solo de Ferry até *Boys and Girls* — 86, Polydor/EG).

BRYAN FERRY
LP — *THESE FOOLISH THINGS* (73, Island); **CS** — *A Hard Rain's Gonna Fall/'NEH* (73, Island); **CS** — *The In Crowd'/'Chance Meeting* (74, Island); **LP** — *ANOTHER TIME, ANOTHER PLACE* (74, Island); **CS** — *Smoke Gets In Your Eyes/'Another Time, Another Place'* (74, Island); **CS** — *You Go to My Head'/'Re Make Re-Model'* (75, Island); **CS** — *'Let's Stick Together'/'Sea Breeze'* (76, Island); **EP** — *EXTENDED PLAY* (76, Island); **LP** — *LET'S STICK TOGETHER* (76, Island); **CS** — *'This Is Tomorrow'/'As the World Turns'* (77, Polydor/EG); **LP** — *IN YOUR MIND* (77, Polydor/EG); **CS** — *'Tokyo Joe'/'She's Leaving Home'* (77, Polydor/EG); **LP** — *THE BRIDE STRIPPED BARE* (78, Polydor/EG); **CS** — *'What Goes On'/'Casanova'* (78, Polydor/EG); **CS** — *"Sign of the Times"/'Four Letter Love'* (78, Polydor/EG); **CS** — *'Carrickfergus'/'When She Walks in the Room* (78, Polydor/EG); **LP** — *BOYS AND GIRLS* (85, Polydor/EG); **CS** — *"Slave to Love* (85, Polydor/EG); **EP** — *WINDS WEPT* (85, Polydor/EG); **CS/MS** — *'Don't Stop the Dance"* (85, Polydor/EG); **CS** — *'In Your Love Strong Enough"/'Windswept'* (instrumental (85, Polydor/EG); **LP** — *BÊTE NOIRE* (87, Virgin); **CS/MS** — *"The Right Stuff* (87, Virgin); **CS/MS** — *'Kiss and Tell'* (88, Virgin); **CS** — *'Limbo (Latin Version)/'Limbo (Brooklyn Mix'* (88, Virgin); **MS** — *Limbo (Latin Version)/'Limbo (Brooklyn Mix)'/'Bete Noire'* (instrumental (88, Virgin).

ANDY MACKAY
LP — *IN SEARCH OF EDDIE RIFF* (74, Island); **LP** — *RESOLVING CONTRADICTIONS* (78, Island).

PHIL MANZANERA
LP — *DIAMOND HEAD* (75, Island); **LP** — *K SCOPE* (78, Island); **LP** — *PRIMITIVE GUITARS* (80, Island); **LP** — *LISTEN NOW* (79, Island).

THE EXPLORERS (Manzanera e Mackay com o vocalista James Wraich)
LP — *THE EXPLORERS* (85, Virgin); **MS** — *'Two Worlds Apart'/'Voodoo Isle'/'It Always Rains in Paradise* (85, Virgin); **MS** — *'Venus de Milo (Lovelier Than Louvre Mix)'/'Another Lost Soul on the Run'* (85, Virgin).

801 (Manzanera e Eno com Bill McCormick, Francis Monkman, Simon Phillips e Lloyd Watson)
LP — *801 LIVE* (76, Island).

BRIAN ENO
LP — *HERE COME THE WARM JETS* (73, Island); **LP** — *TAKING TIGER MOUNTAIN (BY STRATEGY)* (74, Island); **LP** — *ANOTHER GREEN WORLD* (75, Island); **LP** — *DISCREET MUSIC* (75, Obscure); **LP** — *BEFORE AND AFTER SCIENCE* (Polydor/EG, 78); **LP** — *MUSIC FOR FILMS* (78, Polydor/EG); **LP** — *AMBIENT 1/MUSIC FOR AIRPORTS* (79, Polydor/EG); **LP** — *AMBIENT 4/ON LAND* (82, Polydor/EG); **LP** — *APOLLO ATMOSPHERES & SOUNDTRACKS* (83, Polydor/EG); **LP** — *MUSIC FOR FILMS VOL. II* (83, Polydor/EG); **LP** — *WORKING BACKWARDS 1973-1973* (84, Polydor/EG) (caixa com 11 LPs); **LP** — *THURSDAY AFTERNOON* (85, EG); **LP** — *MORE BLANC THAN FRANK* (86, EG — coletanea).

ENO com MOEBIUS & ROEDELIUS
LP — *AFTER THE HEAT* (79, Sky).

ENO com ROGER ENO
LP — *VOICES* (85, EG).

ENO com KEVIN AYERS, JOHN CALE & NICO
LP — *June 1, 1974* (ao vivo — 74, Island).

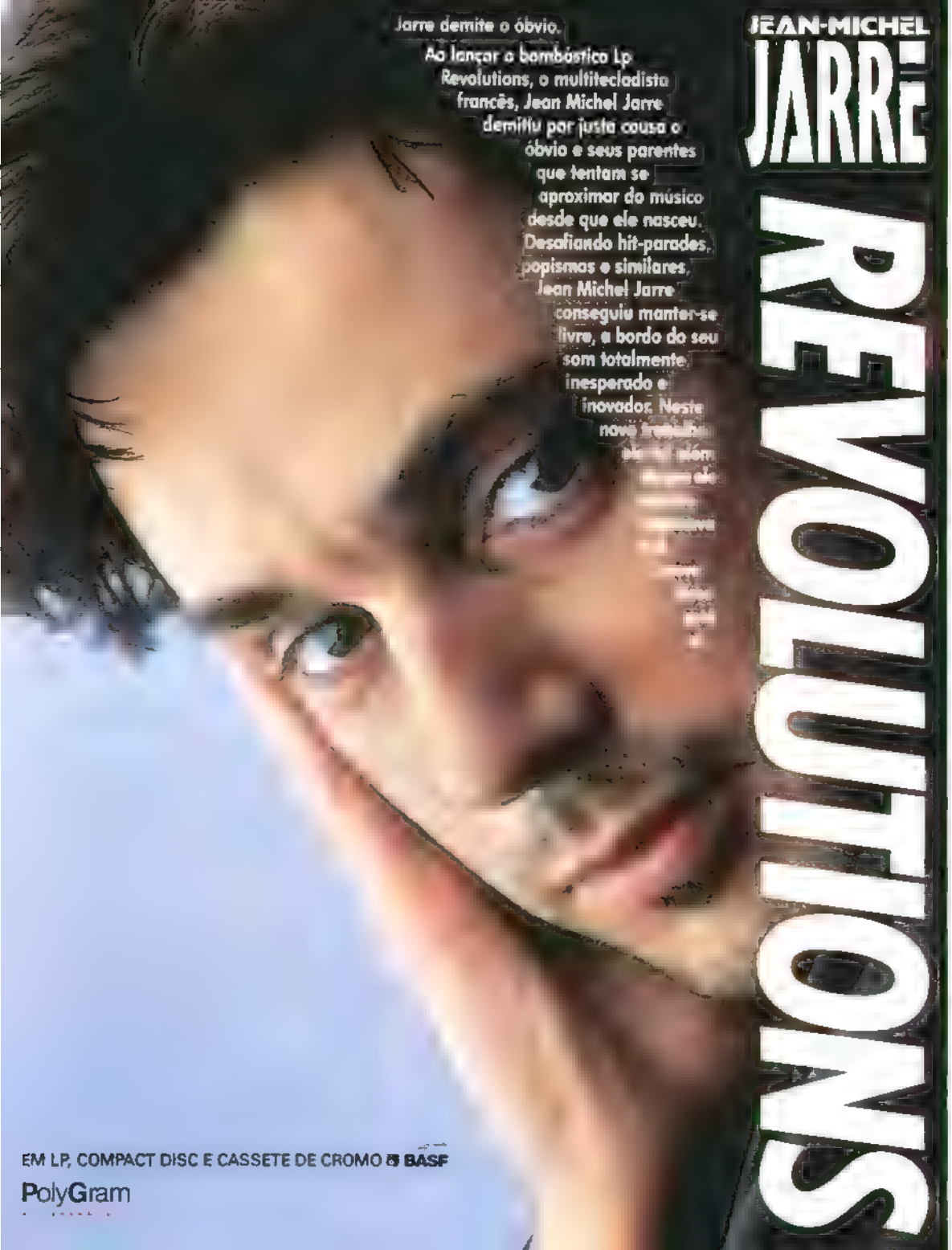
ENO com HAROLD BUDD
LP — *AMBIENT 2/THE PLATEAUX OF MIRROR* (80, EG); **LP** — *THE PEARL* (84, EG).

ENO com CLUSTER
LP — *CLUSTER AND ENO* (78, Sky — selo alemão); **LP** — *OLD LAND* (85, Realworld).

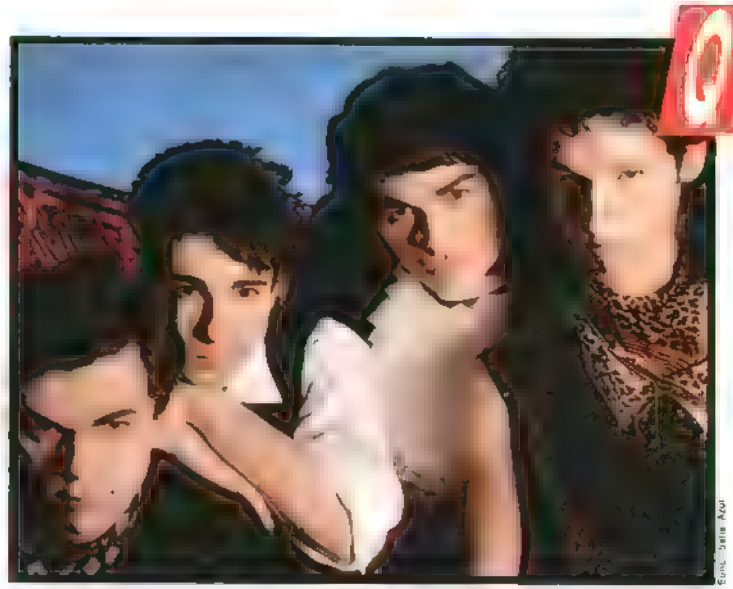
P.S. PIRATA
O material é farto — mas de todos os discos piratas com o Roxy Music o mais interessante talvez seja *WHEN YOU WERE YOUNG*, que reune gravações de musicas que seriam lançadas nos dois primeiros LPs em gravações feitas na BBC (radio e televisão). O título "Quando Você Era Você" — é apropriadissimo, pois o disco revela um som muito mais radical, agressivo e solto nas improvisações do que as gravações oficiais em Roxy Music e *For Your Pleasure*.

CONVENÇÕES: **LP** — *Album Simples*. **LP (2)** — *Album Duplo*. **CS** — *Compacto Simples*. **MS** — *Maxi Single*. **EP** — *Extended Play*.
As datas e gravadoras nos parênteses correspondem à edição original.

Multimidia ao redor do globo: Eno e sua instalação na Bienal de SP



OS CASCAVELLETES



Quem tem saudade do rock despretensioso dos anos 50/60 ou ainda, do que um dia representou em ironia o Ultraje a Rigor e em detonação de libido a 100°C o RPM pode se sentir aliviado. Existe um grupo em Porto Alegre chamado Cascavelletes pronto para estourar nas FM's do Brasil e embalar as garotinhas e garotinhos ligadocos em sexo, sexo e seu complice maior rock'n roll. Querem um filão de ouro? Pois ai esta ele

LIÇÕES DE PORNOGRAFIA GINASIANA

' Gata .../ Se tu quer banana split passa creme na minha banana/ E engole internnha ..." Mau gosto? Bobagem. As letras dos Cascavelletes são deliciosas bobagens. No Rio Grande do Sul, pelo menos deixaram de ser um caso de amor e morte. O grupo acaba de lançar seu primeiro disco, um LP com seis faixas, que vende como camisinha no interior do estado.

A iniciativa do vinil partiu justamente de um distribuidor de discos do interior do RS que cansou de ser assediado por lojistas em busca do inexistente disco dos Cascavelletes procurou os rapazes e propôs a sacanagem. O disco, porem, nao é lá essas coisas — mal mixado, com sonzinho suave e nada da cacetada documentada em suas demos "oficiais".

Ao vivo é o inferno. Sua música é um mix revivalista de *mersey beat* e rhythm'n blues. Soam como uma *garage band* americana dos anos 60, tipo The Moon Rakers, The Marauders, Leo & The Prophets ou The Five Americans. Flavio Basso se transforma num clone de garagem de Mick Jagger, mimetizando o gestual do cantor como se tivesse assistido a mil horas de clips e shows em sessao continua, madrugadas a dentro. O guitarrista Nei Van Soria e o baixista Frank Jorge fazem os backings na cadencia dos *veah-veahs* dos Beatles. E o baterista Alexandre Barea incorpora Keith Moon. As mocinhas gritam e arrancam os cabelos. O segredo de tanto alvoroço? "Nosso carisma natural", resume Barea.

Sua pornografia ginasiana, entretanto, não se livrou do estigma da censura. "Menstruada", seu primeiro hit, acabou valendo um processo à Rádio Ipanema FM, de Porto Alegre, que chegou a tocar todo o repertório do grupo num especial. O verso que despertou a maior celeuma diz: "Tá menstruada. / Mas mesmo assim eu vou/ transar". E... enquanto o potencial antipreconceituoso da canção encontra identificação imediata entre as meninas descabeladas, os bigodudos da censura nacional torcem o nariz e proíbem o sexo com mulheres menstruadas.

O nome Cascavelletes provém de uma família mafiosa italiana. A banda, por sua vez vem de um racha do grupo TNT. Flavio e Nei eram integrantes do grupo apontado entre as revelações de 87 pelos leitores de BIZZ. Como suas letras, sua produção visual é marcadamente brega. Um brega irônico, calcado na Jovem Guarda. Mais brega e mais irônico apenas Graforréia Xilarmônica, banda paralela de Frank Jorge, que possui uma antológica fita cassete lançada pelo selo Vortex, do mesmo modo que os proprios Cascavelletes.

Cascavelletes, a fita da Vórtex, é uma preciosidade do *garage rock* brasileiro. Traz uma versão impagável de "Surfin' Bird", dos Trashmen, e uma dezena de odes libidinosas. Alguns títulos do repertório dizem tudo: "O Dotadao Deve Morrer", "Mini-Saia sem Calcinha", "Estupro com Carinho"... Do psychobilly à balada, uma zona freudiana com perfume de calcinha. "Debaixo daquela saia. Existe uma foguetinha/ Que deixa vermelha e inchada/ A minha salsichinha ...". Ô, zé! Disco é cultura, bébe!

Marcel Plasse

GO BACK

O DISCO - O SHOW

..."Porque a nossa arte é o nosso jogo"... (TITÃS)

wea

OVER NIGHT

Uma overdose de som, luzes e efeitos especiais.

Com este TICKET você ganha 20% de desconto no valor do ingresso.
Válido até 31-12-98
INDIVIDUAL

Rua Juvenal Parada,35-Mooca. f.92-1070-291-3362

BDP é o melhor grupo da nova escola de hip hop do South Bronx (embora não aceite esta divisão). Sua história é digna de um *film noir*. O rapper e atual líder do grupo, KRS-1 (alias, Kris Parker), conheceu seu DJ num asilo para pessoas sem lar, logo após sair da prisão por tráfico. Scott La Rock (alias Scott Sterling), um conhecido DJ da noite nova-iorquina, era o assistente social do estabelecimento.

Enquanto os rappers de maior penetração na mídia apostavam em mixes com heavy metal ou europop, KRS-1, um iniciado nas manhas do *toasting* jamaicano, preferiu o potencial do reggae. O resultado musical, transformado no LP *Criminal Minded* (lançado pelo selo B-Boy Records, criado pela dupla em 86), é hoje um clássico. DJ Scott La Rock, porém, não viveu para colher seus frutos. Sua carreira foi bruscamente encerrada com uma bala na cabeça e outra no pescoço, vítima da violência das gangues de crack.

KRS-1, cujo apelido é uma sigla de seus dias de grafiteiro — *Knowledge Reigns Supreme Over Nearly Everyone* ("O Conhecimento Reina Supremo Sobre Quase Todo Mundo") —, não deixou cair a peteca. *By All Means Necessary* é seu atestado de sobrevivência. Seu mix de rap e reggae é um manifesto. KRS-1 está empenhado em denunciar a violência das ruas e a hipocrisia dos que a têm associado ao hip hop. O disco fecha com um discurso sombrio, sobre uma base glacial, que bate direto na tecla: "Oh, não, não é violento encontrar uma arma sob a árvore de Natal/ Violento é ter um disco de KRS-1."

A capa do LP traz KRS-1 revivendo uma cena familiar da cultura black: a pose de uma fotografia famosa de Malcolm X, ideólogo dos Panteras Negras, observando, armado, os acontecimentos do lado de fora da janela de sua casa, temendo pela vida de sua família. Malcolm X foi assassinado com um tiro na cabeça, como Scott La Rock e Martin Luther King.

BDP, além de KRS-1, é Ms. Melodie (sua esposa), D-Nice, MC Boss, ICU, Scott, Morris e Keith Washington. A presença de Scott La Rock é evocada em cada faixa. O vinil ainda traz samples de James Brown e Deep Purple. Mas o melhor mesmo são as faixas de rap-reggae "My Philosophy" e "Stop the Violence", incomparáveis até mesmo entre as gravações de Just Ice e Shinehead, ambos feras do gênero.

By All Means Necessary ainda levanta a lebre do negócio mais rentável dos EUA, as drogas, na faixa "Illegal Business", e fala sobre Aids e camisinhas na faixa "Jimmy". É uma lição dançante de sociologia. Um scratch rente aos sulcos da realidade.

Marcel Plasse

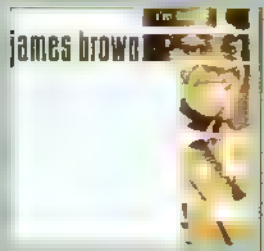
DREAM OF LIFE — Patti Smith (BMG-Ariola)

Escapando de um silêncio de nove anos, a musa da quarta geração do rock reaparece no quinto LP de uma carreira iniciada nos umbrais dos anos 70, época em que deambulava como poetisa do underground. Sua aparição oficial com o disco *Horses*, em 75, causou nos EUA o mesmo impacto que o punk causaria na Inglaterra no ano seguinte. Marcada por uma personalidade atormentada, Patti evocou ao plano do rock a devassa erudição de Antonin Artaud e filtrou em música as iluminações de Rimbaud, estraçalhando com todos os dogmas e tabus da Ordem Kareta. Junky, bissexual, excêntrica e desbocada foram apenas algumas das conotações surgidas a partir de sua musicalidade, que, aderente ao rock primitivo e ladeada pelo inconformismo do punk, desafinou todos e quaisquer coros de contentes.

Hoje, no "sonho da vida", Patti, uma mulher casada e mãe de dois filhos, sabe que a dor perdeu a graça, que não vale mais a pena ficar dando murros em ponta de faca e já não vê o mundo com aquela angústia desoladora. Assim sendo, para os velhos outsiders, *Dream of Life* será uma decepção, porém se visto imparcialmente é uma obra que atesta sua maturidade como cantora e compositora. Claro que não é mais aquela Patti Smith em que as palavras pareciam granadas ou sem querer viravam lágrimas. É uma mulher que renasceu dessa situação e passou a encarar a vida de uma forma *cool* e esperta.

Num total de oito canções compostas em parceria com seu marido, o guitarrista Fred Sonic Smith (ex-integrante do fabuloso MC-5), há pelo menos três momentos em que sua interpretação atinge a inigualável e intransferível dramaticidade que tanto seus álbuns anteriores. Esses estilhaços de sensibilidade estão no romantismo de "Paths That Cross", no apaixonado tom confessional da faixa-título e na candura de "The Jackson Song" (ou/ra balada dedicada a seu filho de 2 anos). As cinco restantes, com exceção do rock n'roll "Looking for You (I Was)" e da hard atmosfera psicodélica de "Where Duty Calls", são mais convencionais, mas mesmo assim respeitáveis. O aspecto lamentável fica por conta da não inclusão das letras, que, em se tratando de uma Patti Smith, são imprescindíveis.

Fernando Naporano



I'M REAL — James Brown (PolyGram)

Mr. Dynamite é real. Mas não é realmente ele o responsável por este inventivo LP. O grupo Full Force, que também assina a capa, cuidou da produção, execução, composição e arranjos das canções (com a exceção de "It's Your Money", que parece um *out-take* de um dos antológicos shows de JB no Apollo). Full Force, que já trabalhou com Lisa Lisa e UTFO, confronta o mito com a tecnologia do sampler. Resultado: o artista mais sampleado do planeta dispara o verbo contra os larápios de suas músicas logo na primeira intervenção de seu gogó privilegiado. Diz que a letra é de Full Force. Sem dúvida. A seguir, sua voz mergulha num mar de scratch, beatbox, drum machine e sampler, o que não chega a ser novidade para JB, que já gravou com Afrika Bambaataa. O que faz este ser o seu melhor disco desta década, na verdade, é a justaposição do peso tecnológico a um imprescindível sabor de sebo. Na faixa "Static", por exemplo, os instrumentos e a voz de JB coexistem com um tradicional ruído de disco velho, riscado — estática. Full Force ainda aproveita o refrão de "Sex Machine", um dos favoritos dos sampleadores, em "Can't Git Enuf". O ego de JB vai pra lua. Deve crer que inventou o hip hop. E por que não? O controvertido *Godfather* do soul está à vontade entre as fusões eletrônicas desta década.

M.P.

THE SHOUTING STAGE — Joan Armatrading (CBS)

Logo na abertura do LP, "The Devil Knows" nos faz lembrar Djavan. Os paralelos não terminam aí. A garra e a vibração, os competentíssimos voz e violão de Armatrading, que fascinavam em LPs como *Show Some Emotion* (77), foram sendo diluídos ou triturados ao longo de treze LPs — numa diluição que atacou também Djavan, cando ambos naquele mundo pergosamente perto do paraíso *yuppie* de Al Jarreau. Uma pena.

J.E.M.

DISTANT THUNDER — Aswad (WEA)

Com exceção do UB40, as melhores bandas inglesas de reggae permaneceram durante anos desconhecidas dos brasileiros. As mais importantes: Max Prest e Aswad. Esta, formada em 1975, edificou uma sólida reputação sobre sete LPs e uma dúzia de hits, até *Distant Thunder* voltado para um pop fácil e descartável.

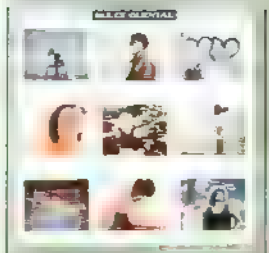
Justamente este disco resolveram lançar no Brasil. Ainda mais irritante quando se percebe o potencial por trás da pasteurização. Quem puder botar a mão em *Showcase*, uma compilação de singles, e *Rebel Souls*, de 84, não vai se arrepender.

J.Y.N.

OUTRIDER — Jimmy Page (WEA)

É difícil acreditar que um guitarrista tão experiente quanto Jimmy Page tenha caído num erro chamado *Outrider*. O primeiro LP solo do gênio e uma verdadeira *overdose* de guitarras, um exagero agravado pela incomoda presença de Chris Farlow cantor sutil, como uma locomotiva sem freios. Apesar da voz chatíssima de Chris, o disco se salva pelos blues sempre bons e envolventes de Page. "Prison Blues" e "Blues Anthem" valem por todo o disco, que dará um excelente compacto simples. *Outrider* conta ainda com a participação de Barrymore Barlow, baterista eficiente que trocou com Jethro Tull.

N.P.Q.



DULCE QUENTAL (EMI-Odeon)

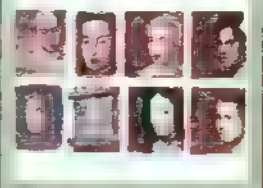
Referenciando-se no fluxo poético de Arnaldo Antunes, Itamar Assumpção, Cazuza, Arrigo Barnabé e Humberto Gessinger, entre outros, Dulce Quental sai com seu terceiro e mais interessante LP um disco tramado às custas do desejo da memória e do imaginário. Neste pout-pourri afetivo perpassam-se histórias de amor marcadas por idas e vindas, *demarches*, intrigas tudo bem ao feitio da instabilidade destes tempos. Os sentidos ficam por conta dos arranjos de Dino Vicente que vez por outra, forçam demais pela via da sintetização.

A.G.C.D.

CORAÇÃO IMPREVISTO — Eugenia Melo e Castro (EMI-Odeon)

Vários músicos brasileiros fazem sucesso em Portugal, mas, infelizmente, a recíproca por enquanto não é verdadeira — as gerações mais velhas lembram-se de Amália Rodrigues e as mais novas engolem forçadamente os trinados de Roberto Leal. Por tudo isto, muito bem-vindo o quarto LP de Eugenia Melo e Castro, que acompanhada em quase todo o LP apenas pelo sutil piano de Wagner Tiso, desfia oito canções pontuadas de melancolia em inflexões suavemente dolorosas. Ela abre com Fogo de Palha, onde faz uma cortante síntese da paixão. E no lugar que a dor aperta arde um fogo eternamente um fogo eterno de palha. Em 'Pensamento' um violino e cavaquinho (Carlos Zingaro) lembra o clima geral do disco: o de provocar reminiscências, de nos deixar a um canto quietos e mudos, ouvidos atentos. Destaque para Maldita Cocaína, num arranjo à Piazzolla, e 'Os Argonautas', de Caetano, aqui em versão menos áspera.

J.E.M.



UB40 (BMG Ariola)

O tal emocionado corre até a loja da esquina, compra o disco de sua banda predileta, volta pra casa, bota o vinil sobre o prato. Após ter ouvido atentamente, a decepção. Então é isso que Astro, os irmãos Campbell, Earl Falconer e companhia estavam preparando quando vieram ao Brasil em janeiro? Triste, ele tenta ouvir de novo "Breakfast in Bed", que tem a participação de Chrysse Hynde, como da outra vez, ou ainda "I Would Do for You", desiste, enfia o disco na capa com a certeza de ter ouvido o pior disco do UB40.

J.Y.N.

ISLAND LIFE — Grace Jones (WEA)

Modelo — Pessoa ou objeto cuja imagem serve para ser reproduzida em escultura, pintura, fotografia, filmes propagandas, discos etc. Outra definição inspirada do Aurélio Pessoa ou ato que por sua importância ou perfeição é digno de servir de exemplo. Exemplo: Grace Jones encarna com perfeição a plasticidade elegante e fria que marcou os anos dez anos. *Island Life* é o registro definitivo de seu impecável itinerário multimediático.

Em dez faixas pinçadas de sete LPs, dez instantâneos dez poses. Grace rainha da disco gay ("La Vie en Rose"). Grace mutante ("Pull Up to the Bumper"). Grace diva do tecno-soul narcisista ("Slave to the Rhythm"). Nada de se jogar fora. As músicas não tem sequer uma fuga. E se você é jovem demais para saber quem foi Grace Jones, saiba que sua geração vai ter que inventar uma. Uma estrela capaz de atrair para si o espírito do tempo, sua cor, seu estilo.

J.Y.N.

COLORS — Vários (WEA)

Raros são os discos que, como este, conseguem transmitir tamanha sensação de modernidade. Não é a primeira vez que Dennis (Hip) Hopper, diretor de *Colors* (*As Cores da Violência*) arma uma trilha sonora de peso. Ninguém esqueceu da trilha de *Easy Rider*. Desta vez, para ilustrar uma guerra entre gangues rivais de Los Angeles, a trilha superou de longe o filme. Dez flashes que espocam sobre a vanguarda do hip hop.

E Ice-T, o mais importante rapper de Los Angeles, quem abre o fogo com a faixa-título, um poema épico suburbano. Sintetizadores, scratches alucinados, *beat* francamente funk com amostras de sons desfechadas dentro do próprio ritmo. Vozes superpostas captadas em transmissões de rádios. Climas "Six Gun (44 MAG Mix)". São as especificações técnicas de uma arma de guerra em forma de tecnofunk. O Decadent Dub Team não deixa pedra sobre pedra com seu *beat à la* Material. E confirma a tendência iniciada por Ice-T: o rock industrial britânico entrou de sola e sampler no mundo do hip hop. As pérolas se sucedem, com as tagarelas espertas do Salt-N-Pepa ("Let the Rhythm Run"), o rap de feitura mais clássica e não menos violenta de Big Daddy Kane ("Raw"), com o dedo do produtor Marley Marl, também presente em três outras faixas — explosões, com Kool G. Rap, Roxanne Shante e M.C. Shan.

A influência dos herdeiros da *cold wave* britânica — hoje batizada *acimud* — atinge o clímax na versão delirante de "Paid in Full", o hit de Eric B. & Rakim remixado por Cold Cut. Os DJs londrinos Matt Black e Jonathan Moore, autores do megahit house "Doctorin' the House", recortaram o original em pedacinhos espalhados em sete minutos de loucura, intercalando as sonoridades mais esdrúxulas e até um refrão da cantora israelense Ofra Haza. O mais sério candidato ao título de melhor coquetel *acid* do ano. Vale ainda mencionar o rap house hipnótico "Go on Girl" de Roxanne Shante. Desta colisão entre a cold wave acid britânica, a go go music, a house e o hip hop, nasce em 88 a mais excitante experiência musical desde 77, feita de sons novos e força pura.

Jean-Yves de Neufville

HOT COOL VICIOUS — Salt N' Pepa (PolyGram)

SILÊNCIO! CENA UM, AÇÃO! Duas garotas colegas de trabalho na mesma escola de enfermeira do Queens, Nova York, esbarram na vaidade com o ambicioso estudante de comunicações Hurby Luv Bug. Entre outros deveres escolares este tem como projeto a gravação de um disco. Sem defesa, as moças acabam cedendo aos seus desejos e servem de *rampers*. CENA DOIS. Hurby vai da escola com uma fita *master* debaixo do manto. Seu destino: a gravadora independente Pop Art Records, onde seu amigo Marlew Mar, eminente parda do hip hop, está esperando. CENA TRÊS. A música chamada The Show's topper é um arraso. Imediatamente registrada e remixada, é colocada em órbita. *Top 20* da *Billboard*. Estava desfechado o golpe mortal contra o machismo retrógrado que sempre predominou no rap.

Cheryl James, Sal Sandy Denton (Pepa), logo relegadas pela DJ Dee Dee (Spinderella), montaram o primeiro *girl-group* da história do rap e abriram caminhos para outras incursões femininas, como Ms. Melodie e Roxanne Shante. Elas provam com este álbum de estreia, já seu segundo, *A Salt with a Death Pepa*, que não ficam atrás das produções dos *tough guys*, pelas qualidades. Push It, que abre o álbum, é irresistível — e pelos defeitos, essas tagarelas não param de fazer.

J I N

ROLL WITH IT — Steve Winwood (BMG-Ariola)

É constrangedor constatar a decadência de Steve Winwood. Ladeira abaixo desde "Back in the High Life", o ex-garoto prodígio de Birmingham, autor de canções antológicas, como Gimme Some Lovin' e "Glad", optou definitivamente pelo *mainstream*, deixando para trás a invenção e a paixão que sempre caracterizaram sua trajetória.

Resultado: um pop burocrático, esvaziado de qualquer interesse.

A G C D

LIVE IN TOKYO — The Lounge Lizards (WEA)

Lançado com um atraso de dois anos, o terceiro LP dos Lizards serve bem como uma apresentação da banda aos brasileiros. Como disco ao vivo ele deixa descontinuidades: o grupo soa muito certinho perto do que pode ser conferido em sua apresentação no Free Jazz Festival em setembro último. Isso vale como uma recomendação: de ouvir o disco e não ver o show. O que os Lizards registraram nessa suposta ida ao Japão é uma sequência de temas magnéticos, com detalhes preciosos como o baixo scratch de "Big Heart" e o tango esquisito de "The Punch and Judy Tango". Esta música é a existência dos Lizards.

M M

PARIS, TEXAS — Ry Cooder (WEA)

Mais do que um grande guitarrista-violonista, Cooder é uma verdadeira enciclopédia do folclore musical americano em ramificações negras, latinas e *country*, o que o levou a se especializar também em instrumentos de cordas "exóticos", como o bandolim, o banjo, o *tiplo* mexicano e o *saz* do Oriente Médio. Um currículo fiel à abrangência de sua visão, acompanhou de Jackie DeShannon a Taj Mahal — com quem montou uma das preciosidades ocultas da década de 60, a banda Rising Sons —, participou até da Magic Band de Captain Beefheart e foi o responsável pelo molho "rural" — sua finíssima *slide guitar* — de *Let It Bleed*, dos Stones (é seu também o cortante solo de bandolim no *cover* de "Love in Vain").

Antes desta maravilha — em que Cooder merece tanto crédito quanto o roteiro de Sam Shepard e a direção de Wenders —, ele já tinha feito as trilhas para *Candy*, *Performance* (uma das transposições mais iluminadas da cosmologia rock n'roll para o cinema, até hoje inédita no Brasil), *Long Riders*, *The Border* e *Southern Comfort*. O atraso do lançamento é inexplicável, já que — há três anos, quando o filme foi exibido comercialmente no Brasil — nove e meia entre dez pessoas saíam do cinema falando (também) da música.

Um daqueles raríssimos casos em que uma trilha se sustenta perfeitamente sem as imagens para as quais foi concebida. O violão de cordas de aço acariciadas pelo *bottleneck* chora notas esparsas até agrupá-las em delicados harmônicos, rasgando o litoral mexicano do *folk* germinado onde o Texas se encontra com o México. Ao longo do percurso, a genialidade discreta de Cooder é apoiada com a mesma sutileza por Jim Dickinson (teclados) e David Lindley (outro especialista em instrumentos de cordas fora do comum, como o *jumbush* armênio, e que até teve um disco lançado aqui na década de 70 sob o codinome El Rayo X).

Além destes climas e atmosferas, *ambient music* cozida no sol do deserto, o disco traz duas curiosidades: "Canción Mixteca", cantada em espanhol por Harry Dean Stanton, e o *showdown* debulha-lágrimas entre ele e *la* Kinski.

José Augusto Lemos

SHADOW MAN — Johnny Clegg & Savuka (EMI-Odeon)

Preocupações políticas, especificamente contra o *apartheid*, não têm peso na música de guerrilha e amor de Johnny Clegg. Este segundo LP tem muito mais a cara e a marca que o sucesso de "Asimbonanga" no Savuka: o padrão radiofônico impera sobre os ritmos africanos. E é uma embalagem mais apropriada para as rádios americanas com alguns refrões puxados para o "everybody now" dos grupos de rock arena.

Nessa situação, é sintomático que as duas melhores músicas do disco praticamente mimeografem o Paul Simon de *Graceland* e o que aconteceu em "Cry Your Name" e "The Waiting". Uma pena. *M M*

HEARTTACK AND VINE — Tom Waits (WEA)

Antes de mais nada é preciso dizer que este foi o sétimo LP do cantor, então vinculado ao selo Asylum. À época de seu lançamento original, 80, *Heartattack* foi recebido com reservas pelos fãs uma vez que fazia meio-tom em sua carreira. Waits ousava explorar o universo da música erótica. As inovações incluíam o uso de *surf* nas guitarras e a performance do genial baixista Larry Taylor (ex-Canned Heat e John Mayall) provocando nos puristas um susto só comparável ao de Dylan no Festival de Newport.

A C C D

WORD 2 — Vários (BMG-Ariola)

Belíssima coletânea de hip hop, que completa o leque aberto pela trilha do filme *Colors*. *WORD 2* é mais punista.

As dez amostras aqui apresentadas são clássicos do gênero: abre Kool Moe Dee ("Let's Go"), o Boogie Down Productions aponta uma esquisita incorporação do jazz em "My Philosophy", DJ Jazzy Jeff & the Fresh Prince são os pioneiros (samplam James Brown melhor que todos), os veteranos do Whodini, tentam acompanhar o movimento em "I'm Def", Jump Back and Kiss Myself).

Seguem pesos cada vez mais pesados como Steady B, Schooly D e Ms. Melodie — uma mulher que soa realmente perigosa, além de ser integrante do Boogie Down Productions.

J I N

LOVELY — The Primitives (BMG-Ariola)

Entre todos os novos grupos estrelados por deliciosas *platinum blondes* (Transvision Vamp, Darling Buds, Parachute Men) o Primitives (nome extraído do primeiro grupo de Lou Reed nos *sixties*) ocupa um lugar primordial. Formado em fins de 85 em Coventry (Inglaterra) por Tracey Tracey (vocais), Paul Court (guitarra), Steve (baixo, guitarra) e Tig (bateria), é inicialmente uma banda de *regressive rock* ou seja, prima pela releitura, sob uma nova linguagem, de algumas essências dos anos 60.

Contando com a excelente produção de Paul Sampson (*expert* em *sixties*), Craig Leon (exímio produtor americano) e Mark Wallis, os Prims resgatam o bubblegum (sequência mais pop do psicodelismo) como pano de fundo, ao qual são inseridos elementos derivados da *60's beat music* (Monkees, Beatles, Searchers) do folk-rock psicodélico (Byrds, Buffalo Springfield), dos *60's girl groups* (Shangri-Las, Ronettes, Crystals), da safra inicial da new wave americana (Blondie em primeiro plano), do psicodelismo americano (Velvet Underground, Love) e doses de punk (Ramones, Pistols). A saga de influências é tão grande quanto a originalidade do quarteto, que em suas 14 faixas recria esses gêneros, mantendo uma compacta unicidade bem como um inconfundível estilo comandado pelas guitarras (ora cristalinas ora imersas em *feedback*) e a sensual voz de Tracey. As letras de suas canções optam por *short love stories* que transbordam um frescor definitivamente adolescente.

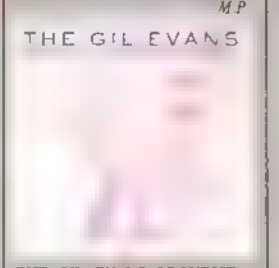
Lovely é um disco bastante estável, ou melhor, não há nenhuma faixa que, qualitativamente, se sobreponha a outra. Todas são magníficas composições. O mais puro sabor de *bubblegum* está em faixas como "Crash" e "Thru the Flowers", o popismo blondieano decola em "Nothing Left" e "Out of Reach", as veias velvetianas se manifestam em "Ocean Blue" e "Run Baby Run" e as *noise apuncalhações* transitam em "Stop Killing Me" e "Dreamwalk Baby". De quebra, há curiosidades como a raga psicodélica "Shadow" e a folk psicodélica (com harmonias vocais resgatadas de Crosby, Stills, Nash & Young) "Carry Me Home". O único pesar é a capa da edição nacional, que simplesmente omitiu os tons azulados que formam o rosto de Tracey X, descaracterizando totalmente o original.

Fernando Naporano

COMING BACK HARD AGAIN — Fat Boys (PolyGram)

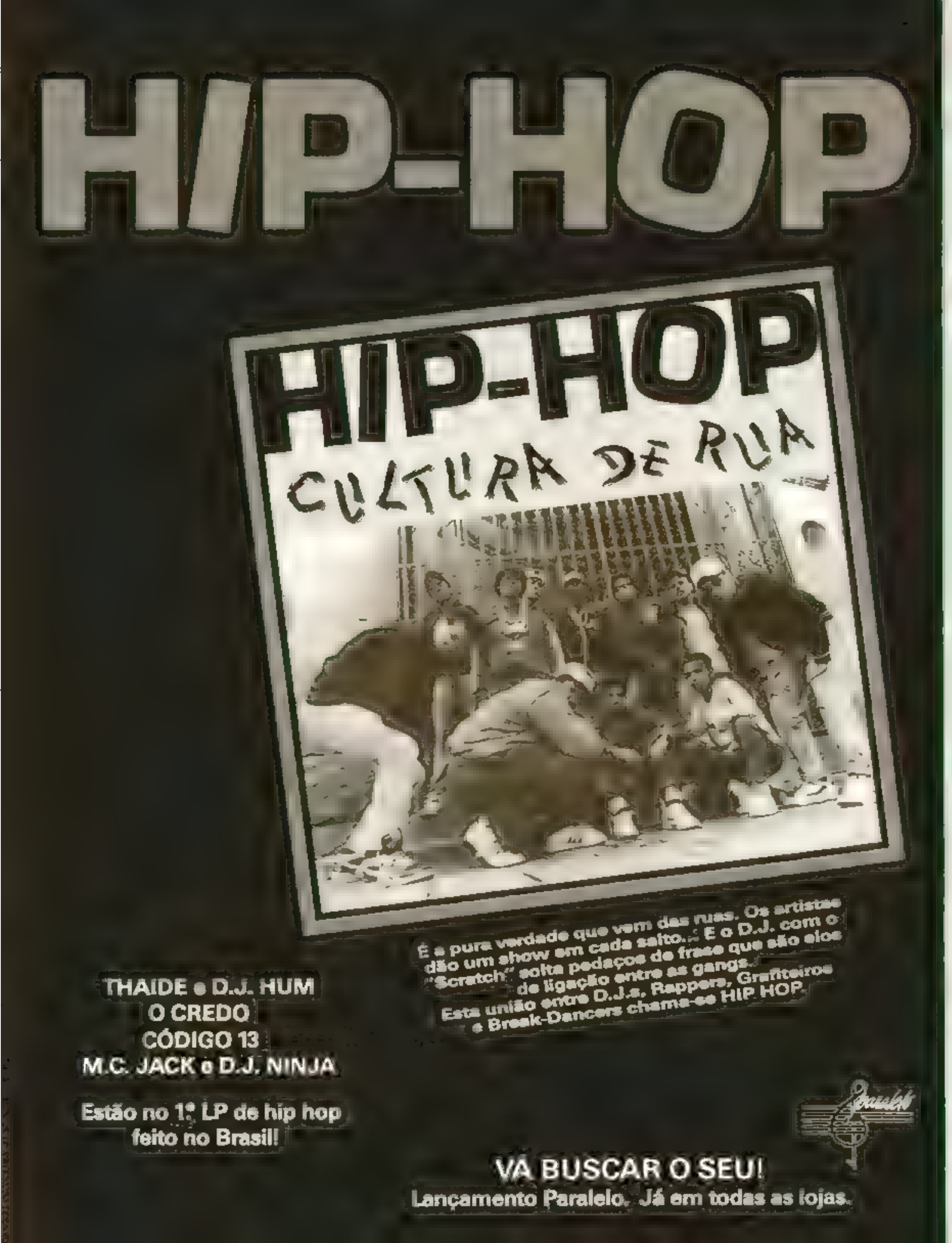
Os palhaços barrigudos do rap voltam a fazer gracinhas. Seu quinto LP (terceiro lançado no Brasil), abre com o grunhido do cover de "Wipe Out", sucesso do grupo no ano passado. So que desta vez quem aparece para cantar não são os Beach Boys e Chubby Checker. A música que abre o disco é um cover de "The Twist", sucesso antigo de Checker. Esta fórmula manjada estourou a canção nos E.U.A. Não falha nunca. Há ainda um cover meio aloprado de "Louie Louie", hit dos Kingsmen nos anos 60 e mais uma participação especial: Freddy Krueger (aliás, o ator Robert Englund), o monstro de *A Hora do Pesadelo* na faixa "Are You Ready for Freddy?", da trilha de *Nightmare on Elm Street 4*. Nada de vanguarda, nada de pauleira. Apenas um repertório de filme B. E você já viu este filme. Este costuma agradar.

M P



THE GIL EVANS ORCHESTRA PLAYS THE MUSIC OF JIMI HENDRIX (BMG-Ariola)

Sempre soa como temeridade este tipo de transposição. Como pode Hendrix, um incendiário, adaptar-se à estrutura e à alma de uma *big band*? Evans, morto em 87, treze anos após a gravação deste LP era, sem dúvida, um arranjador de bom gosto, e isto de saída impede que a coisa resvale para o muzak. No entanto, o trabalho está longe de agradar aos hendrixmaníacos, situando-se mais próximo do território das curiosidades jazzísticas. Há músicos de peso, como David Sanborn no sax ou John Abercrombie na guitarra, mas, embora Evans tenha dado vários dos arranjos a músicos diferentes de sua banda, tudo soa muito parecido entre si e parecido demais com o trabalho do genial Blood, Sweat & Tears, que com ferramentas semelhantes, conseguiu produzir coisas muito mais criativas, como suas transposições de Stones ("Sympathy for the Devil") ou Satie ("Gymnopedies") Hendrix continua esperando leitura melhor. *J E M*



TOUGHER THAN LEATHER — Run-DMC (PolyGram)

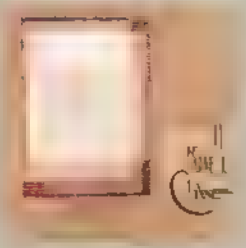
Run DMC é o grupo de rap mais conhecido do mundo. Em 86, *Raising Hell* (seu terceiro LP e primeiro lançado no Brasil) vendeu mais de quatro milhões de cópias. Suas músicas, chapéus Kangol, tênis Adidas, correntes de ouro e tagarelice machista viraram estilo de vida. Inúmeros grupos inspiraram-se nesse arsenal para encontrar o seu caminho no rap.

O trio trouxe o rock para o rap. Agora, entretanto, não são apenas guitarras metálicas que ricochetearam entre suas vozes e scratch. Há solos de piano e sax em "Papa Crazy", resposta a "Papa's Got a Brand New Bag", de James Brown. Há um ragtime! Guitarras com *wah wah*, efeito relíquia dos anos 60. E há "Mary Mary", cover mortal dos Monkees com guitarrinhas de sebo.

Tougher than Leather é um petardo. Uma coletânea de samples mixados sob uma beat compressora. O equivalente a um passeio sem direção ou paradas pelas teclas dos canais de um aparelho televisor. As músicas estão sempre em movimento, mudando de textura praticamente a cada quatro compassos. Impossível dançar o LP inteiro com o mesmo fôlego.

Run DMC costumava ser rotulado de Led Zeppelin do rap. Bem, as guitarras de Jimmy Page ainda podem ser ouvidas pelo menos na faixa "Soul to Rock'n Roll". Mas alguma coisa mudou no som do grupo. A discotecagem de Jam Master Jay, que costumava manter sua eficiência em cima de esquemas rítmicos curtos, ampliou exaustivamente o número de fontes. E todas as fontes estão muito bem disfarçadas sob uma capa instrumental especialmente hard e scratches do inferno. Um barulho de suar as cuecinhas. Já as letras continuam as bobagens de sempre: egotrips e apologias machistas. Alguém ainda vai se dar ao trabalho de explicar a psicologia dos *dicks* no rap nova-iorquino. Mas nem tudo é inconsequência. Run DMC está com um filme também chamado *Tougher Than Leather* praticamente pronto, a respeito do assassinato de um de seus *roadies*, realizado como um protesto ao arquivamento do caso pela polícia americana, que teria plantado drogas no cadáver. A verdade é que a população branca não engole nada bem o fato de Run DMC ser o grupo mais popular dos EUA atualmente. E isto é sério.

Marcel Plasse



NOUVELLE CUISINE (WEA)

Que saudade [illegible] um disco verdadeiramente de jazz numa época de um monumental porre deste subgênero que se convencionou chamar de fusion. Aqui, hits inesquecíveis — como "Embraceable You", "My Funny Valentine" ou "Lullaby of Birdland" — recebem belos e inspirados tratamentos por músicos que sem sombra de dúvida levam seu trabalho a sério. Na bela capa, cada música é acompanhada de textos [illegible] que vai funcionar para os mais novos, pouco familiarizados com as texturas do jazz. Num disco tão recomendável, a mixagem mais adequada talvez devido ao fato de este tipo de registro ser quase inédito no Brasil. De resto, o Nouvelle é um banho, uma aula, prazer puro.

J.E.M.

GET BACK HOME IN THE U.S.A. — John Lee Hooker (Black and Blue/Eldorado)

As antológicas interpretações de Hooker para os seus blues, acompanhado apenas de sua guitarra e o ritmo marcado com os pés, foram elementos seminais no florescimento do rock'n'roll. Isso fica comprovado neste LP — gravado em apenas um dia, em 1964 — provavelmente numa das numerosas excursões que Hooker empreendeu pela Europa durante os anos 60, onde o velho mestre reafirma a sua genialidade em dez blues de arrepiar, antes de voltar para casa, nos EUA. *Go, Johnny Lee, go.*

C.P.

AKWABA BEACH — Mory Kante (PolyGram)

O poder unificador e a [illegible] da música pop consegue ser impenetrável às influências alienígenas. Mory Kante saiu da Guiné-Bissau para estourar nas paradas européias com uma música que, se não fosse cantada em um dialeto africano, não causaria o menor impacto em quem a ouvisse. O disco é um meio que, em geral, atinge o senso de espetáculo e celebração da música africana, é mais uma sugestão do que pode acontecer do que uma realização criativa, porque ausente da experiência ao vivo.

Sobra pouco da kora de Kante nas gravações das músicas, a qual assim mesmo se demorando para entrar em diálogo com o DX7 de Nick Parker. O melhor do disco está concentrado no ritmo tenso e cortante de "Inch Allah". E quando o peso ritual da cultura árabe força passagem.

M.S.

OU812 — Van Halen (WEA)

O tal *Big Rock* prova neste LP estar se dando cada vez melhor com Sammy Hagar, em grande forma e cada vez mais vocalista do que guitarrista. Além disso, Eddie resolveu provar que ainda pode ser considerado o mais criativo guitarrista de sua geração, com solos refinados que parecem estar sendo [illegible] à sua marca [illegible] recheado de variações rítmicas em baixo e bateria notadas, por exemplo, em "Black and Blue", "Mine All Mine", "Source of Infection" ou "A.F.U.". E a baladona "When It's Love" deve ser sucesso.

L.R.

NEW ORDER

TOUR BRASIL 88

RIO DE JANEIRO
25 NOVEMBRO
GINÁSIO DO MARACANÃNZINHO

PORTO ALEGRE
28 NOVEMBRO
GINÁSIO GIGANTINHO

SÃO PAULO
30 NOVEMBRO
1, 2, 3 DEZEMBRO.
OLYMPIA - GINÁSIO IBIRAPUERA

INFORMAÇÕES: (011) 288-4182

Com este ticket você ganha
500
CRUZADOS
NA COMPRA DE UM INGRESSO
PARA O SHOW DO
NEW ORDER
PROMOÇÃO WTR BIZZ

REALIZAÇÃO
WTR

BIZZ

wea

Amigos, cheguei. Para enfrentar a seleção deste mês, eu trouxe o equipamento necessário — varas, ovos e tomates podres, creme chantilly azedo e outras armas mais pesadas para os casos drásticos – e estou devidamente treinado para o tiro ao alvo e o arremesso do disco. Vocês vão ver que não é brincadeira. O primeiro jato de chantilly vai para o editor desta seção *(Que gracinha! Ed.)*, que confundiu galhos com bugalhos e quis dar uma rasteira no álbum **FOR ELLINGTON**, do **Modern Jazz Quartet** (WEA). Onde se viu? Deve estar faltando crítico de jazz na BIZZ. Até o LP **LONDON MEETING** (Eldorado), e **Stephane Grappelli** em dupla com o pianista **Hank Jones** merecia uma crítica decente. Já para **POLITICS** (WEA), do **Yellow Jackets**, vai uma rajada de ovos e tomates. Este subproduto do Weather Report está acabando com o que resta do jazz ■ Medalha de prata na categoria "relançamentos inúteis", o desatualizado **SPEAKING IN TONGUES**, sexto LP do **Talking Heads** (WEA), lembrando que continuam inéditos no Brasil o álbum de estréia, *77*, e o segundo, **SONGS ABOUT BUILDINGS AND FOOD**. Levante a perna que lá vão pedradas e coisas inconfessáveis sobre: **HORSESHOE IN THE GLOVE** (EMI-Odeon), da obscura dupla inglesa So; **GREATEST HITS** (ou será "Bregaest hits"?) do insuportável **Air Supply** (BMG); **TEMPLE OF LOW MEN** (EMI-Odeon), do **Crowded House**, outro popunho duvido, e ainda sobre a trilha sonora burocrática e deprimente do filme **FRANTIC** (WEA), do trilheiro de plantão **Ennio Morricone**, com direito a uma balada-isca melada do anzol Simply Red chamada "I'm Gonna Lose You". Para os roqueiros lusos do **GNR**, que têm seu LP **PSICOPATRIA** (EMI-Odeon) lançado após uma temporada no Brasil, vai um jato de chantilly, de leve. Algumas boas idéias perdidas em constantes reciclagens de clichês "wave" ■ Do lado "black music", alguns exemplares capazes de esvaziar qualquer pista de dança. Medalha de ouro na categoria "relançamentos inúteis", o manjadésimo **WEEKEND IN L.A.** (WEA) de George Benson, um LP duplo que já teve suas horas de glória e que hoje mal consegue ser trilha de propaganda de motel de segunda. Um pouco de maçanico para derreter **KICKIN'** (PolyGram), dos pretensiosos **Brothers Johnson** que se apresentam como "a resposta melódica à decadência do rap". Mais ovos podres sobre **EVERY SHADE OF LOVE** (PolyGram), segunda tentativa de *Jesse* "Ah! Como eu gostaria de tomar o lugar de Prince" *Johnson*. Quanto a **Brenda Russel, GET HERE** (PolyGram), qualquer projetil serve ■ De volta ao Brasil, vamos poupar o **Rumo** e seu LP infantil **VAMOS PASSEAR** (Eldorado). Honesto e coerente dentro de sua proposta. Melhor reservar as munições para **Nelson Gonçalves** e seu 937º LP, **E POR FALAR EM PAIXÃO** (BMG). Para ele, um arremesso de chantilly no mais puro estilo pastelão *(Essa doeu! Ed.)*.

Escolho os tomates em pior estado para a lambregada do **TOMALIRA** (Polyfar). O estoque já está acabando. Ainda bem que o maçanico ainda funciona para o **CENSURA LIVRE** (CMA), um sub-Kid Abelha que consegue ser mais insuportável ainda que seu modelo. É um míssil sobre o **YAHOO** (EMI-Odeon), uma das piores coisas já cometidas no Brasil desde o AI 5 e as queimadas na Amazônia ■ Ufa. E aproveite que estou calmo. O que fazer com os quatro volumes de **THE GOLDEN VOYAGE** (SBK-CBS), uma infame new age-muzak derramada pela dupla de ilustres desconhecidos **Robert Bearns & Ron Dexter**? Vale uma injeção de penthotal nas veias ■ O resto é para alimentar as igrejas 1) dos metaleiros com a trilha do filme **THE DECLINE OF WESTERN CIVILIZATION PART II: THE METAL YEARS** (EMI-Odeon). A música é perfeita para ilustrar qualquer decadência, 2) dos amantes do trash hardcore alemão (são muitos), com os **Maniacs, THE WHITE ROSE OF RESISTANCE, Tod & Wahnsinn, INFERNO** (com 22 faixas, de 1983), e os **Boskops, LAUSCHGIFT**, tudo pelo selo Woodstock Worldwide; 3) dos punks nostálgicos com **LIVE AND LOUD!!**, do **Cock Sparrer**, também pelo selo Woodstock. Agora chega, senão vou acabar no Juquery. *Jean-Yves de Neufville*

A 89 DE A Z.

A C D F G H I J K L N O P Q R S T U V WATERBOYS WHITESNAKE WHO X MAL DEUTCHLAND XTC Y

O mundo dá o seu recado nas ondas da 89 FM, a rádio-rock.

89 FM

PACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COM

Poucos lançamentos, em comparação com os últimos dois meses, mas um deles garante o lote: Lady **Billie Holiday** em **THE QUINTESSENTIAL — VOL. II** (CBS), reunindo gravações do período entre 1937 e 1941. Vale lembrar que o Volume I (1933-37) encontra-se disponível desde o começo do ano. No mais, Billie dispensa recomendações ■ Já o setor rock/pop não pode se gabar muito, com apenas dois lançamentos **CUIDADO!** (BMG-Ariola) com os rosnados de **Lobão** e **LEFTY** (CBS), com os sussurros de **Art Garfunkel.** Melhor mesmo vasculhar lançamentos anteriores em catálogo, onde dá para encontrar a paixão e a entrega do U2 em **WAR, THE UNFORGETTABLE FIRE** e **THE JOSHUA TREE** (WEA), os **Doors** em **LIVE AT THE HOLLYWOOD BOWL** (WEA), mais Prince, Bob Marley, Pretenders e até o Led Zeppelin.

J.A.L.

GRAVADORAS INDEPENDENTES **Woodstock Discos** Rua Dr. Falcão 157 [illegible] São Paulo SP [illegible] **Wop Bop** Rua Barão de Itapetininga 255 Loja 25 São Paulo SP [illegible]

BOLSA DE DISCOS

Arthur G. Couto Duarte — Rádio Liberdade, BH	☺	•	☺	☺	☺	☹
Fernando Naporano — O Estado de São Paulo	☺	😐	😐	☺	☺	☺
Jose Eduardo Mendonça — BIZZ	☺	😐	☹	☺	☺	☺
Jean-Yves de Neufville — Folha da Tarde SP	☺	😐	😐	☺	☺	😐
Marcel Plasse — BIZZ	☺	😐	😠	☺	☺	😐
Bia Abramo — BIZZ	😐	😐	☹	☺	☺	☺
Celso Pucci — BIZZ	☹	☹	☹	☺	•	☺
Marcos Smirkoff — Folha de S. Paulo	😐	😐	☹	☺	☺	☺
Hagamenon Brito — A Tarde, Salvador BA	•	😐	☹	☺	☺	☺
Alex Antunes — Set	☺	☺	☹	☺	☺	☹
Tarik de Souza — Jornal do Brasil, RJ	•	☺	😐	☺	☺	☺
Joao Gabriel de Lima — Veja	•	☺	☹	☺	☺	☹

Ótimo ☺ Bom 😐 Interessante 🤔 Razoável 😕 Fraco ☹

Por Sônia Maia Marcel Plasse (Porto Alegre) e Marcos "headbanger" Campolim (SP)

Foto: Fernando Diehl/Azul

E por falar em Saara pop oriente... pela "quadragésima nona" vez eu digo que uma grande gravadora lance um álbum de Julio Reny e seu Expresso Oriente. Lá nos pampas Julio tem o hit "Expresso Oriente" cantado com emoção pelas donas de casa. A prova de tal potencialidade está na coletânea *Rio Grande do Rock* (SBK Songs) onde Julio gravou além da faixa citada, "Anita". Do sul, aliás, muito se pode esperar. A independente Vortex (R. Protásio Alves, 737 - Porto Alegre - RS), especializada em fitas K-7, manda-nos três delas. 3-D, Esporte para Dois e Graforréia Xilarmônica. A 3-D insiste nas incursões pela música desconexa, ruidosa, ininteligível, mas não consegue um equilíbrio — de arranjo e na própria composição — para que o mais radical e bem informado ser do planeta se digne a ouvi-las. Esporte para Dois é, ao lado do Barata Oriental (alô, alô, aonde andam vocês?), uma das bandas mais promissoras daquele estado. A fita revela influências e cruzamentos já tentados mas nunca tão bem casados: xote e referências aos Novos Baianos nos áureos tempos, mesclados com *punch* punk e vocal repentista. Hilário! A Graforréia é mais uma prova de anarquia brega, devidamente citada por Marcel Plasse nesta mesma edição na matéria dos Cascavelletes. O próprio Marcel dá o veredito final para esta coluna, falando da banda que ainda vai tirar o mofo que cobre a nossa atual MPB e o amado rock brasileiro. Aspas para ele: "Um pouco antes do apocalipse as trombetas irão tocar um hit deste grupo: A Vingança de Montezuma. O selo Vortex colocou em K-7 suas demos. Raras são as vezes em que suas músicas tocam na Ipanema FM, a única rádio com coragem de abrir suas ondas ao mix de cozinha da escola de samba ("Bambas da Orgia"), percussão industrial, samplings e microfonia (da guitarra elétrica de Edu K, do DeFalla), que chegou às páginas do Jornal do Brasil como a "MPB definitiva". Carlos Eduardo Miranda, produtor multiinstrumentista, compositor e backing-urrador da banda anuncia para breve o EP. Já ouviram falar no brutal disco europeu? O disco será ainda mais bruta. Leitores, este é um dos raros exemplares do "rock" brasileiro capaz de satisfazer uma platéia bem informada".

Foto: Cicero/Azul

Embora a idéia de lançar um grupo no estilo do Clavion já existisse há vários anos, foi só em 88 que seus integrantes puderam torná-la viável. E apesar da mínima divulgação em seus nove meses de vida, eles já se preparam para o primeiro LP. O Clavion caminha por todas as influências — do clássico ao thrash — demonstrando absorver, com muita naturalidade, estilos de grupos como Rising Force, Impellitteri e Vicious Rumours, sem dispensar momentos acústicos e muitas progressões de música clássica. Formado por Cirilo (vocal), Acácio (guitarra), Jamerson (baixo), Chico (bateria) e o requisitado Fábio Ribeiro (teclados, também Chave do Sol), o grupo canta em inglês, visando o mercado exterior. O LP *Beyond the Frontier* foi gravado no estúdio JG de Belo Horizonte e deve ser lançado ainda este ano via Rainbow Records. Outra banda brasileira de olho em outras fronteiras: o trio carioca Dorsal Atlântica. Eles acabam de lançar um compacto com duas músicas na Suíça para divulgação exclusiva em rádio. Depois de editar a segunda versão de seu último LP *(Dividir e Conquistar)* em inglês, o Dorsal negocia com o selo SPV Steamhammer, interessado em distribuí-los nos EUA e Inglaterra. Enquanto isso não acontece, eles já preparam o material para o quarto LP.

Foto: Iolanda/Azul

Se você é um dos poucos [illegible] mas [illegible] fãs do Cabine C, uma boa notícia. Reduzido para a dupla da formação anterior — Ciro Pessoa (guitarra, letras, vocal, composição e instrumentos diversos) e Vânia Borghieri (backing, composição e teclados) — o Cabine já está com um LP prontinho, que deve sair ou por uma grande gravadora ou por um selo independente. *Corpetes Desconexos* é uma consequência aprimorada da estética criada em *Fósforos de Oxford* (lançado em 87 pelo ex-[illegible] selo RPM). Numa audição prévia do LP deu testemunho do quanto pode correr lado a lado nas programações das FMs que ainda andam [illegible] apostando em estilos que supostamente [illegible] ram oriente/Saara pop além das baladas ultra-românticas das AMs. Só que, claro, com uma criatividade, elegância e sutileza muito distantes de um Roberto Leal ou Rosana. As ex-integrantes do Cabine fixaram-se em outros ideais: Anna Ruth (ex-baixo) ve[illegible] e estudos de piano clássico e Marinela (ex-bateria) dedica-se às artes plásticas. Mas a coisa não pára por aí. Ciro e Vânia já estão navegando por outros portos ou, nas próprias palavras de Vânia, se [illegible] mais em cada porto. Trabalham agora num repertório calcado em instrumentos acústicos na leveza da composição, sem perder o sangue característico do solo musical brasileiro.

Aviso aos Assinantes

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Abril- Assinaturas rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP

Ou, se preferir, utilize estes telefones:

SÃO PAULO	Tel. (011) 823-9222 Das 8h às 18h ininterrupto
RIO DE JANEIRO	Tel. (021) 295-5544 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RECIFE	Tel. (081) 224-0655 Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h
SALVADOR	Tel. (071) 247-1022 Das 8h às 12h e das 14h às 18h
BELO HORIZONTE	Tel. (031) 275-2255 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
PORTO ALEGRE	Tel. (0512) 33-9034 Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
BRASILIA	Tel. (061) 226-6963 Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
CURITIBA	Tel. (041) 263-3013 Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo, coloque-o num envelope e envie-o para
EDITORA ABRIL
ASSINATURAS
Rua do Curtume, 769, CEP 05065, Lapa, São Paulo, SP

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço de 6 a 8 semanas após recebermos seu pedido

Novo endereço
Bairro
Cidade
CEP
Telefone
Estado
Roteiro
Entrega
Não preencha este espaço

recorte aqui

VIDEO

AVENTURA

NO LIMITE DA REALIDADE — Twilight Zone — The Movie, EUA, 1983)

Direção: John Landis, Steven Spielberg, Joe Dante, George Miller. *Com:* Dan Aykroyd, Albert Brooks, Vic Morrow, Scatman Crothers, Jeremy Licht, Myrna Loy, Abbigail Wanner.

Quatro diretores pesos-pesados se reuniram para reciclar a velha série de TV *Alem da Imaginação*, com Rod Serling. Nesta versão de um ultrassinistro OVNI que corta caminho e pretende estar perfeito no tempo na França dos nazistas passa por Auschwitz nos E.U.A. da Ku-Klux-Klan, um crime negro no Vietnã e um amarelo. Spielberg — o mago — transforma velhinhos de um asilo em crianças por uma noite. Joe Dante mostra um garotinho que subverte sua família e uma vizinhança com monstrengos cruéis de desenho animado. E Miller em pleno voo, coloca um monstro na asa de um avião, para

INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO (Indiana Jones and the Temple of Doom, EUA, 1984)

Direção: Steven Spielberg. *Com:* Harrison Ford, Kate Capshaw, Ke Huy Quan, CIC

ma das melhores aventuras que o cinema produziu, que só tem mesmo correspondente no filme anterior do herói, *Os Caçadores da Arca Perdida*. Se mesmo Spielberg poderia criar sequencias tão emocionantes como a perseguição dentro de uma mina prestes a ser inundada ou tão engraçadas como quando a companheira de Harrison Ford (Kate Capshaw) enfrenta os perigos da floresta. A trama é complexa e repleta de detalhes macabros — rituais satânicos, poções magicas, cobras serpentes no almoço e coisas mais humanos. Ford está melhor que nunca, já demonstrando o potencial que seria aproveitado nos filmes posteriores. De quebra, a revelação do talento do menino Ke Huy Quan, como o pequeno assistente de Indy. *M A G*

E.T — O EXTRATERRESTRE (E. T., EUA, 1982)

Direção: Steven Spielberg. *Com:* Dee Wallace, Henry Thomas, Peter Coyote, C.H.

Se julgar só pela trama, Spielberg trabalha com tirinhas em material que conhece bem as infâncias mutilas — em cabeçudo e magrelo, pequena se perde da sua nave e passa a perambular numa cidade do interior dos E.U.A. Trava "contatos imediatos" com uma turma de garotos, entre eles o amiguinho e confidente Elliott, que o defende da ciência, que quer torturá-lo numa cobaia. E consegue ir ser extraterrestre de bom coração e vai-lhe e não tem intenção de *Tubarão* começa para a destruição da preguiça. Mas a exploração da angústia em relação que se os adultos entendem — de uma separação (sua obsessão) e sua inocência mística fazem de E.T. uma diversão bastante agradável. *A Q N*

COMÉDIA

A GATA E O RATO (Moonlighting, E.U.A, 1985)

Direção: Robert Butler. *Com:* Cybill Shepherd, Bruce Willis, Allyce Beasley, James Avery, L. Sheridan Dennis, Melodie Tessmacher.

Esse é o piloto da série de grande sucesso nos E.U.A. que teve passagem rápida pelo horário nobre da Globo, que a reprisa atualmente aos sábados. Cybil Shepherd e Maddelene Raxes uma ex-modelo que perde toda sua fortuna num golpe aplicado pelos seus advogados. Forçada a vender todos os seus bens, ela descobre que é proprietária de uma agencia de detetives dirigida por Dennis Addison. Bruce Willis. Embora nitidamente Maddie acaba se interessa a David com quem investiga um misterioso assassinato. O enfoque porém é apenas um pretexto para Cybil e Willis desviarem um humor negro e revistas numa relação de amor-ódio que cativa pelo charme dos protagonistas. *M A G.*

UM ASSALTANTE BEM TRAPALHÃO (Take the Money and Run, EUA, 1968)

Direção: Woody Allen. *Com:* Woody Allen, Janet Margolin, Louise Chapman, Transistor.

Primeiro longa-metragem de Allen e talvez sua comédia mais engraçada. Sob uma forma pseudo-documental, temos as peripécias de Zelig, contadas em flashbacks, a história do desastrado assaltante Virgil Starkwell e seus próprios. Allen se inspira a partir dos depoimentos de seus pais (disfarçados com mascaras de Groucho Marx), policiais, professores, amigos e inimigos. Sem demonstrar as pretensões mesmo e referências de seus filmes mais recentes, o cineasta concentrou-se no único objetivo de fazer o público passar mal de tanto rir — metralhado por uma seqüência de gags impedidas que não se vai no cinema sem achar graça, comum um psicanalista.

J G C

NEGÓCIO ARRISCADO (Risky Business, EUA, 1983)

Direção: Paul Brickman. *Com:* Tom Cruise, Rebecca De Mornay, Warner.

O que se pode fazer quando o pai sempre se ausenta e a mãe está na flor da juventude e um Porsche enfeitado na garagem? Para Joel (Cruise) — um cara inteligente, mais ou menos comportado e a caminho da faculdade — um carro à disposição é o passaporte da alegria. Ele conhece Lana (De Mornay), qualificada profissional" que consegue ensinar-lhe duas ou três coisas impossíveis de se aprender na escola. Os apuros só aparecem quando ele põe a garra do Porsche e resolve um passeio mais. E aqui que ele se encontra arriscado mundo dos negócios. O filme é Tom Cruise pois mesmo nesse seu primeiro papel contém e mesmo apesar de passar quase despercebido pelo público ele dá as comédias. Para revelar-se muito mais criativo em matéria de picardia juvenil.

D L

TERROR

GRITO DE HORROR (The Howling, EUA, 1981)

Direção: Joe Dante. *Com:* Dee Wallace, Christopher Stone, Patrick MacNee, Dennis Dugan, Belinda Balaski, Slim Pickens, John Carradine, Elisabeth Brooks, Giorgio Vidali.

Contemporâneo de *Calafrio* (Fear) Americano em Londres esta pequena perola do cinema de terror não foi devidamente apreciada na ocasião. O diretor Joe Dante, um iconoclasta bem-humorado, pulou o Spielberg de *Tubarão* em *Piranha* e o de *E.T.* em *Gremlins* desta vez com os auspícios do produtor-diretor Roger Corman. Todos os clichés da licantropia mas arrematados com idéias próprias. Começa com suspense — uma repórter de televisão vai ao encontro de um radio estupador — terminando em exagero quando a moçoila pega com dezenas de homens-lobo envolvidos em uma engenhosa conspiração. No meio, efeitos especiais memoráveis (melhores que os de *Lobisomem Americano*) e a inteligência e inconformismo que marcam a produção do diretor como em *Viagem Maluca*. Um barato.

A A

WESTERN

SILVERADO (EUA, 1985)

Direção: Lawrence Kasdan. *Com:* Kevin Kline, Scott Glenn, Kevin Costner, Danny Glover, Brian Dennehy, Joel Gougham, Rosanna Arquette.

O filme que resgata mais uma epopeia dos faroestes clássicos. De arrepiado o Bem e os irmãos Emmet (Glenn e Jake (Costner), mais os amigos havia (Glover) e Paden (K... Do outro lado o Mal ... liderado pelo inimitável Ward ... dos ganantes de Silverado com a ... de próprio xerife local, ... nome Cobb. Denner ... ameaça no *saloon* ... emboscadas nas montanhas, as traições ... pessoas que parecem OK ... conduz para o movimento ... entre os dois ... com direito a muito ... ação, suor e poeira. Para ... curte a minoleira de ... um prato cheio. *J G C*

Direção: Dan O'Bannon. *Com:* Clu Gulager, James Karen, ... Linda Gboler, ...

Um estranho gás num depósito do Exército americano é acidentalmente liberado e provoca a ressurreição de uma legião putrefata de mortos que acordam com um apetite inconfundível por cérebros vivos. Um grupo de jovens que caem num tal cemitério são as primeiras vítimas de antigos mortos-vivos. Ou melhor, vítimas pensam que estavam indo desesperada dos zumbis. O humor desentocado aumenta na mesma proporção da gravidade da situação. No fim do filme ... mundo até que o bem ... E com muito rock-and-roll.

W S

PANAVISION

Filmografia completa dos filmes assinalados com sinal * são disponíveis em vídeo): *Amblin* (69, curta-metragem) *Retrato de um Pesadelo* (Eves, 69), episodio para a serie de TV *Night Gallery*), *Marcus Welby M.D.* (69, episodio da serie de TV *The Daredevil Gesture*), *Make Me Laugh* (70, episodio da série de TV *Night Gallery*), *L.A. 2017* (71, episodio para serie de TV *The Name of the Game*, *Par for the Course* e *The Private World of Martin Dalton* (71, episodios para a serie de TV *The Psychiatrist*, *Murder by the Book*, episódio da serie de TV *Columbo Eulogy for a Wide Receiver* (71, episodio da serie de TV *Owen Marshall*), *Encurralado** *Duel* 71 para TV), *A Força do Mal* (*Something Evil*, 72 para TV), *A Beira da Difamação* (*Savage*, 72 para a TV), *A Louca Escapada* (*The Sugarland Express*, 74), *Tubarão*, *Jaws*, *S...*, *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* (*Close Encounters of the Third Kind*, 77), *1941: Uma Guerra Muito Louca* (*1941*, 79), *Os Caçadores da Arca Perdida** (*Raiders of the Lost Ark*, 81), *E.T.*, *O Extraterrestre** (*E.T.*, 82), *No Limite da Realidade** (*Twilight Zone*, 83, co-produção e direção do terceiro episodio), *Indiana Jones e o Templo da Perdição** (*Indiana Jones and the Temple of Doom*, 84), *A Cor Purpura** (*The Colour Purple*, 85), *Contos Assombrosos** (*Amazing Stories*, 86, originalmente para TV, direção do episodio *A Missão*). Uma outra série foi lançada só em vídeo com o nome de *Histórias Maravilhosas** em que Spielberg dirige *O Trem Fantasma*, *Império do Sol* (*Empire of the Sun*, 87).

Uns o acham um verdadeiro gênio, na acepção integral da palavra. Há alguns que o consideram infantil, sentimental e limitado. Todos, porem, se curvam a duas evidências. Steven Spielberg domina como poucos a técnica de criar ilusões e é um dos diretores e produtores mais bem sucedidos da história do cinema.

O "little genius" de Hollywood é o primeiro filho de Arnold Spielberg — engenheiro eletrônico e técnico em computador — e Lea — pianista — que nasceu no dia 18 de dezembro de 1947. Cedo descobriu a filmadora super 8 do pai e fez pequenos filmes usando suas irmãs mais novas como atrizes. Eu as matei varias vezes", o que se tornou sua brincadeira predileta. Ele filmava, mas seus pais só o levavam ao cinema para ver os desenhos animados de Walt Disney e costumavam cobrir a TV com um cobertor. Foi só quando passou a freqüentar o colegial que a vigilância se afrouxou e o jovem Steven passou a ser um rato da sala escura. Seu sonho, e claro, era estudar cinema na universidade, mas suas notas de ano medíocre só permitiram que se graduasse em Ingles na California State College. Usando um estratagema, Spielberg conseguiu se passar por funcionário da Universal e teve a oportunidade durante tres anos observar diretores como Alfred Hitchcock trabalhar. O garoto estava em ponto de bala.

Seu primeiro curta-metragem, *Amblin*, lhe abriu a porta, ele foi contratado pela divisão de TV da Universal. Para ele, dirigir episódios para seriados de TV foi o que constituiu seu verdadeiro "diploma em cinema". Mas a sua primeira obra realmente importante foi um longa-metragem para a TV, *O Encurralado*, realizado em apenas dezesseis dias. As criticas foram entusiasticas e, apesar de não ter sido lançado nos cinemas nos Estados Unidos, só na Europa e no Japão, rendeu catorze vezes o que custou. *Encurralado* demonstra a habilidade de Spielberg em mexer com os nervos do espectador e em criar soluções técnicas brilhantes. Um critico o qualificou como "o melhor filme já feito para a TV". Ele não exagerou.

De sua experiência com *Encurralado* ele partiu para outra aventura: escrever seu proprio roteiro — desta vez para o cinema. *A Louca Escapada* mais uma vez recebeu elogios de todos os lados. O melhor estava por vir. *Tubarão*, uma filmagem marcada por toda a sorte de adversidades — ne dando a quase demissão de Spielberg por descontrole de gastos — foi seu primeiro grande sucesso. Daí não parou mais. *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* — uma produção ambiciosa que começava com mais de 350 efeitos especiais — *Os Caçadores da Arca Perdida*, *E.T.* — o campeão absoluto de bilheteria de todos os tempos. A única mancha nesse currículo invejável — *1941*, um fracasso comercial.

Mas não só de comemorar os lucros e os louros vive Spielberg. Sua atividade como produtor revelou vários bons diretores. Richard Tobe Hopper com *Poltergeist*, *Joe Dante com Gremlins*, Robert Zemeckis, com *De Volta para o Futuro*. Mestre nos filmes de aventura e ação, mago dos efeitos especiais, o novo Walt Disney — tudo isso era pouco para Steven. Em 84, ele resolveu ser tomado como um diretor também para adultos. O complexo de Peter Pan começava a pesar sobre seus ombros. *A Cor Purpura* foi sua primeira investida no cinema serio — seguida de *Imperio do Sol*.

A criança mais bem paga de Hollywood esta dando mostras de estar crescendo. Em janeiro de 85 teve um filho com a atriz Amy Irving. No ano passado, e e desistiu de um projeto ha tempos acalentado de filmar *Peter Pan* — se dizendo cansado dessa historia de não querer virar adulto. Será que o menino prodigio logrará se tornar um adulto prodigioso? Não perca os proximos filmes.

Bia Abramo

STEVEN SPIELBERG

A FESTA DE BABETTE

Uma festa para os olhos e para o estômago: a francesa Babette, Stephane Audran, prepara o seu banquete

A Festa de Babette, Oscar de melhor filme estrangeiro de 88, é um filme belo e bem realizado sobre a francesa Babette (a maravilhosa Stephane Audran), que procura refúgio na Dinamarca para fugir da repressão aos partidários da Comuna de Paris em 1871. Numa perdida região da Jutlândia, na costa do Mar do Norte, ela se engaja como empregada doméstica na casa de Martine (Brigitte Federspiel) e Filippa (Bodil Kjer), filhas de um pastor luterano cuja moral consiste no amor ao próximo. As duas solteironas vivem pacatamente, indiferentes às agitações do mundo.

Passados vários anos, Babette recebe a notícia de que havia ganhado na loteria, com um bilhete que um amigo renovava sempre. Em vez de voltar para a França, ela oferece um jantar tipicamente francês para toda a comunidade, em agradecimento à ajuda recebida. Mas a sociedade local é tão religiosa e fechada que o simples jantar é visto como algo perigoso e pecaminoso.

Mesmo assim, ele se realiza e entre uma garfada e outra, os sentimentos se acendem e as línguas se soltam, trazendo à tona as mais fantásticas confissões. De repente, o vilarejo se revela tão movediço como um pântano. Através de imagens simples, sem nenhum artificialismo, o diretor dinamarquês Gabriel Axel constrói um dos mais belos discursos sobre o apetite humano, tanto o espiritual quanto o gastronômico. Aliás, *A Festa de Babette* ilustra de forma perfeita o provérbio "Não é o que sai da boca, mas o que entra pela boca do homem é que mata o homem".

A maior curiosidade do filme está na alegria de Gabriel Axel em apresentar as minúcias da preparação dos mais sofisticados pratos franceses. Aqui o prazer de comer está intimamente ligado ao de se fabricar a comida. A história, baseada num conto homônimo de Isak Dinesen, pseudônimo de Karen Blixen – a mesma que escreveu a história autobiográfica *Out of Africa* (aqui, *Entre Dois Amores*) —, é incomum e deliciosamente apetitosa. Vista de estômago cheio, você lamenta o que comeu. Vista de estômago vazio, o desejo é um só: entrar na festa de Babette. Um verdadeiro banquete!

Eliana Thome de Souza

OS FANTASMAS SE DIVERTEM

Viver feliz para sempre não é uma tarefa fácil. Bem que o jovem casal da casa no alto da colina tentou, mas algo inevitável impediu. "Meu bem, acho que não sobrevivemos ao acidente. O que fazer? Paciência, agora teriam que tentar *morrer* felizes para sempre, até que a *vida* os separe. Para isso é que existe o "Manual dos Recém Falecidos". Mas a felicidade também é difícil no além-vida. E a culpa é dos outros.

Impossibilitados de sair da casa em que viviam — toda vez que tentam caem numa espécie de deserto vermelho povoado por uma gigantesca e nada amigável serpente —, são obrigados a assistir à ocupação de seu "lar, doce lar" por uma família insuportável. O pai é um banana, a mãe é uma escultora histérica e a filha uma "darkinha" de belas olheiras. Tudo bem, se não chamassem Otto, o gordo decorador, *bissê* da primeira à última banha. O que se segue é a redecoração da casa ao melhor estilo ultra-pós-moderno, com todas aquelas formas oblongas em cores insistidas e texturas raras. Um inferno. Só restava ao jovem casal apelar para a sua nova condição de fantasmas e assustar definitivamente os intrusos. Mas como fazê-lo se não conhecem nada da milenar arte de assombrar.

Começam então as peripécias mais peculiares e paradoxais do humor negro. *Os Fantasmas Se Divertem* (*Beetlejuice*) é o inverso de um conto de fadas e é também o avesso do exorcista. Beetlejuice em carne e osso (mais osso que carne), é justamente um "bioexorcista" alguém que afasta os vivos que importunam os mortos. Não é à toa a sua propaganda parece a de um exterminador de ratos.

Daí que o filme não só anarquiza o gênero fantasma como também é uma gozação impagável aos vivos. Os cenários e efeitos escatológicos, coloridos de fantes, são de encher os olhos vazados de qualquer defunto. Melhor que os antecessores *O Cemitério Ilimitado*, *Os Caçafantasmas* e *Uma Noite Alucinante*, Beetlejuice tem, várias vezes, a aparência de um clip dos Talking Heads. Por isso, relaxe e dance um "mambo" com os mortos. Não é sempre que se vê uma divina comédia.

Daniel Benevides

Beetlejuice (Michael Keaton) [illegible] fantasma os avessos, se diverte

WALKER

Visionário ou oportunista? A mesma questão vale para o diretor Cox e para seu personagem, Walker

William Walker foi o aventureiro americano que, a mando do magnata Cornelius Vanderbilt, foi à América Central em meados do século passado. Garantir os interesses do investidor a bala não era propriamente uma novidade; o estranho era o perfil de Walker, não um mercenário vulgar, mas um homem talentoso (com passagens pela medicina, advocacia, jornalismo), um visionário que, por uma peculiar série de circunstâncias, veio a tornar-se presidente da Nicarágua entre 1855 e 1857. Isso é o que você *não* fica sabendo — ou pelo menos não entendendo muito bem — ao assistir ao filme de Alex Cox. O pretexto era resgatar esse episódio ancestral e exemplar do intervencionismo americano — ainda por cima relacionado à Nicarágua, que desde então nunca deixou de estar na mira e / ou nas garras dos EUA. Mas a liberdade e o "desencanto" habituais de Cox (diretor dos bons *Repo Man* e *Sid & Nancy*) desta vez se traduziram em pura bagunça.

A verdade é que é muito complicada a abordagem eficiente ou bem-humorada dos controversos temas políticos (Z, de Costa-Gavras, e *Salvador – O Martírio de um Povo*, de Oliver Stone, estão entre os poucos filmes abertamente políticos que deram certo). E Cox, declarando que fez seu *Walker* de maneira a não confundi-lo com "o que a mídia veicula sobre a questão nicaraguense", acabou parindo um filme frouxo, indigno da importância de seu próprio assunto. Parece mais um teatro de marionetes, com locações na Nicarágua mas alheio a seu povo, com provocações constantes (a introdução de elementos modernos, como cigarros Marlboro, exemplares da Time e da Newsweek, Mercedes-Benz e helicópteros) que desarmam a tensão dramática sem substituí-la por nada. É verdade que há momentos de poesia visual — como as tomadas da cidade de Granada em chamas — e o desempenho convincente, ainda que sabotado pela própria estrutura do filme, dos principais atores (Ed Harris, Marlee Matlin e Blanca Guerra). E, acima de tudo, a magnífica trilha de Joe Strummer, de uma vibrante *latinidad*. Um programinha esdrúxulo.

A.A.

LONDON
&
NEW YORK
Um barato
que não
sai caro.

ESTAMPAS
EXCLUSIVAS

Algumas das exclusividades Seesaw:

- Bauhaus
- Joy Division
- The Smiths
- U2
- Killing Joke
- PIL
- Alien Sex Fiends
- UB 40
- The Cure
- John Lenon
- Jesus and Mary Chain
- The Cult
- Flesh for Lulu
- Echo
- Cramps
- Cocteau Twins
- Tones on Tail
- Everything But The Girl
- Beatles
- Fellini
- Clash
- The Police
- Cabaret Voltaire
- Duran-Duran
- X Mal
- Aztec Camera
- The Fall
- Led Zeppelin
- Rush
- B.A.D.
- Aswad
- Madonna
- Elvis Presley
- Talking Heads
- Sting
- Sex Pistols/
- Sid Vicious
- Pink Floyd
- Simply Red
- Simple Minds
- Sonic Youth
- Oingo Boingo
- Whitesnake
- The Doors
- The Rolling Stones
- The Who
- Terence Trent D'arby

Seesaw
Av. N. Senhora de Copacabana, 978
loja 102 - Rio
Tel.: 237-0581

DIRETO DE MINAS

Cupim Mineiro

CUPIM
Pão de Batata

RIO SUL - Rua Lauro Müller, 116 - Loja 391 parte C 46 e Loja C 50 SPC 50 Tel 295-4244
ILHA DO GOVERNADOR Rua Republica Arabe da Síria, 450 Tel. 393-1291
BARRA SHOPPING - Av das Américas, 4.666 Loja 117 C e D - Tel 325-8831
NITEROI SHOPPING Rua da Conceição, 188 Lojas 232 233, 2° Piso
PLAZA SHOPPING Rua 15 de Novembro, 8 loja 281 - 2° Piso Tel. 717 9191 Ramal 381
COPACABANA - Av. N. S. Copacabana 895 Loja A - Tel. 235-1947

Com Henry

U2

I STILL HAVEN'T FOUND WHAT I'M LOOKING FOR

Enquanto o U2 não vem tocar aqui, fique com um aperitivo: em lançase exclusivo com uma versão ao vivo de "I Still Haven't Found What I'm Looking For", gravada na turnê de 87 nos Estados Unidos. Essa versão está no LP *Rattle and Hum*, que será lançado em breve. Enjoy U2!

AINDA NÃO ENCONTREI O QUE ESTOU PROCURANDO

Eu subi as mais altas montanhas
eu corri através dos campos
só para estar com você (2 x)

Eu corri, engatinhei
eu escalei estas muralhas da cidade
só para estar com você
mas ainda não encontrei
o que estou procurando (2 x)

Eu beijei lábios de mel
senti a cura nas pontas dos dedos dela
ardia como fogo, esse desejo ardente
eu falei na língua dos anjos
eu segurei a mão de um demônio
estava quente a noite
e eu frio como uma pedra
mas ainda não encontrei
o que estou procurando (2 x)

Eu acredito no Reino dos Céus
quando todas as cores sangrarão, fundindo-se em uma só,
mas sim, continuo correndo
você partiu os elos
você afrouxou as correntes
você carregou a cruz
e a minha vergonha (2 x)
você sabe que acredito nisso
mas ainda não encontrei
o que estou procurando (2 x)

I have climbed the highest mountains
I have run through the fields
only to be with you (2 x)

I have run, I have crawled
I have scaled these city walls
only to be with you
but I still haven't found
what I'm looking for (2 x)

I have kissed honey lips
felt the healing in her fingertips
it burned like fire, this burning desire
I have spoke with the tongue of angels
I have held the hand on a devil
it was warm in the night
I was cold as a stone
but I still haven't found
what I'm looking for (2 x)

I believe in the Kingdom Come
then all the colours will bleed into one
but yes, I'm still running
you broke the bonds
you loosed the chains
you carried the cross
and my shame (2 x)
you know believe it
but I still haven't found
what I'm looking for (2 x)

VOCÊ PEDIU, BIZZ TRADUZIU.

Não perca LETRAS TRADUZIDAS, uma edição especial com as letras das músicas mais solicitadas pelos leitores de BIZZ.

A-HA
"THE BLOOD THAT MOVES THE BODY"
DURAN DURAN
"VERTIGO"
STING
"ENGLISHMAN IN NEW YORK"
TINA TURNER
"WHAT YOU GET IS WHAT YOU SEE"
NEW ORDER
"CEREMONY"
TOM WAITS
"TEMPTATION"
JOY DIVISION
"HEART AND SOUL"
BOY GEORGE
"LIVE MY LIFE"
GEORGE MICHAEL
"ONE MORE TRY"
SADE
"PARADISE"
KATE BUSH
"EXPERIMENT IV"
COMMUNARDS
"NEVER CAN SAY GOODBYE"
AFRIKA BAMBAATAA & UB40
"RECKLESS"
PRETENDERS
"MY BABY"
TERENCE TREND D'ARBY
"IF YOU LET ME STAY"
HEART
"THESE DREAMS"
BAD
"V THIRTEEN"
TRACY CHAPMAN
"TALKING BOUT A REVOLUTION"
TAYLOR DAYNE
"TELL IT TO MY HEART"
RICK ASTLEY
"TOGETHER FOREVER"
MICK JAGGER
"LET'S WORK"
SMITHS
"PAINT A VULGAR PICTURE"
MARVIN GAYE
"I HEARD IT THROUGH THE GRAPEVINE"
TALKING HEADS
"BLIND"

BIZZ ESPECIAL

LETRAS TRADUZIDAS

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

CARTA

PRINCE COMPLETO

Eu queria que vocês me fornecessem a discografia e a filmografia completa do maior astro da música norte-americana: Prince. **André Prado, Rio de Janeiro — RJ**

Prince, um dos mais influentes e polêmicos artistas da música pop norte-americana, começou sua carreira aos 12 anos, na banda Grand Central, formada com colegas de colégio. Em pouco tempo, o grupo mudaria de nome para Champagne, gravando algumas demos num pequeno estúdio em Minneapolis, cidade natal do cantor. Com essas fitas na mão, Prince consegue um contrato com a Warner Bros., através do empresário Owen Husney. Para o primeiro disco, o pequeno príncipe exige o controle total da produção, reservando para si a execução de todos os instrumentos. For You *tem pouca repercussão junto ao público, e passa desapercebido pela crítica. Com* Prince, *seu segundo álbum, o cantor tem mais sorte — a música "I Wanna Be Your Lover" chega ao décimo primeiro lugar nas paradas norte-americanas. Mas é com* Dirty Mind *que Prince fixa definitivamente sua imagem no mundo pop. Canções como "Sister, Sister" ou "Head" (que têm como tema, respectivamente, incesto e sexo oral) tornam-se ainda mais provocantes ao vivo — entre os adereços utilizados pelo cantor: sutiãs, meias-calças, ligas e uma calcinha de biquini preta.* Controversy *é o quarto LP, lançado em 81 — aqui, Prince transita entre sexo e política, sem causar o mesmo furor do disco anterior. Em 82, sai* 1999, *um álbum duplo que tem na faixa-título e em "Little Red Corvette" dois grandes hits. No ano seguinte, Prince está em Minneapolis, preparando seu primeiro filme,* Purple Rain, *sob a direção de Albert Magnoli. Lançado em 84, o filme faz sucesso no mundo todo, inclusive no Brasil. A trilha sonora, lançada no mesmo ano, traz uma novidade: pela primeira vez, Prince usa uma banda em estúdio. Os álbuns seguintes são* Around the World in a Day *(85) e* Parade *(86), trilha sonora do segundo filme do cantor,* Under the Cherry Moon *— um fracasso retumbante, inédito no Brasil (a direção é do próprio Prince).* 87 *é o ano do duplo* Sign O' the Times, *acompanhado pelo filme do mesmo nome, registro da sua turnê pela Europa. O disco mais recente é* Lovesexy, *lançado no início deste ano. Os três primeiros LPs de Prince continuam inéditos no Brasil. E quem quiser mesmo completar a discografia terá ainda de correr atrás do* Black Album, *que inclui músicas gravadas antes e durante as sessões de* Sign... *— disponível apenas em cópias piratas.*

SEM CLIPS

Gostaria de chamar a atenção das emissoras de TV brasileiras para o fato de elas suspenderem a veiculação de seus programas de videoclips destinados ao imenso (e carente) público jovem do país. Em 1985/86, contávamos com inúmeras opções de programas deste gênero, como o *Videoclip* (diário, na Record), o *FMTV* (diário, na Manchete), o *Super Special* (diário, na Bandeirantes), o *Realce* (diário, na Gazeta), o *Som Pop* (semanal, na Cultura) e o incrível *Clip Clip* (semanal, na Globo), este último sempre trazendo em primeira mão as novidades em clips da Inglaterra e EUA. Um a um, porém, estes programas foram eliminados, restando apenas o "incrível" *Som Pop* e o repetitivo *Realce*.
Eu gostaria de saber qual o critério adotado pelas emissoras para que programas com grande potencial sejam tirados do ar e substituídos por outros gêneros já saturados na televisão brasileira. Justamente agora que o mercado para o pop rock tornou-se uma plena realidade no Brasil, as emissoras nos privam de ver e ouvir as novidades que não param de surgir no mundo todo. **Ronaldo O. Carlos, Araras — SP**

GRAVANDO EM LONDRES

Desejo saber os endereços de algumas das mais importantes gravadoras independentes da Inglaterra. **Luis Alberto Severo, Santo Ângelo — RS**

Aí vão: **Factory Communications Limited,** *86 Palatine Road, Disbury, Manchester 20, tel. 061 — 434-3876.*
4AD Ltd., *17/19 Alma Road, London SW 18, tel. 01 — 870-9724.*
Mute Records, *49/53 Kensington Gardens Square, London W2, tel. 01 — 221-4840.*
Rough Trade Records; *61 — 71 Collider St., London N1, tel. 01 — 833-2133.*

FÃ DE QUADRINHOS

Caro amigo Marcel Plasse, achei fantástica a matéria *Os Quadrinhos Caem na Real...* (BIZZ 37 — Agosto 88). Como leitor assíduo desta revista e fanático por HQ, gostaria de dizer que suas matérias e entrevistas são sempre interessantes e criativas. Gostaria de saber se *A Saga de Elektra* e *Camelot 3000* serão lançadas em formato especial e em edições de luxo. Você disse na entrevista com Frank Miller (BIZZ 29 — Dezembro 87), que *O Cavaleiro das Trevas (The Dark Knight)* seria lançado em uma única edição encadernada. Quando será? Para terminar, há planos de ser lançada aqui a Graphic Novel da Elektra? Obrigado por sua atenção. *Victor L. Andrade, Belo Horizonte — MG.*

Marcel Plasse agradece sua carta e responde: "Assim como Camelot 3000, *já nas bancas.* A Saga de Elektra *será lançada em formatinho. Em formato especial só mesmo* Elektra Assassina, *também nas bancas. A edição encadernada de* O Cavaleiro das Trevas *foi lançada no começo do ano, não estando mais disponível nas bancas. A Graphic Novel da Elektra só será lançada no Brasil em 1990. Um grande abraço".*

PEDINDO BIZZ

Compro as BIZZ números 7 (com poster), 8, 9, 12; *Ídolos do Rock* 9-A; *Top Hits* 1; *Letras Traduzidas* 9-C, 12-A, e tudo correspondente ao Boy George e ao Duran Duran. **Adriana Taylor e Gabriela O'Dowd, r. Ferreira Penteado, 960, apto. 4-B, CEP 13010, Campinas — SP**

Compro as revistas BIZZ números 1 e 4, em bom estado, pelo preço da última edição em banca. **Márcia Zini, Caixa Postal 97, CEP 95400, São Francisco de Paula — RS**

Gostaria de comprar os números de 1 a 10 da revista BIZZ. **Débora Lange, r. Lago Sapucaia, 251, CEP 09700, São Bernardo do Campo — SP**

Estou interessada em comprar os números de 1 a 28 da revista BIZZ. **Ana Carolina de Castro, r. Eng. Nélson Bahia, 1808, CEP 59075, Natal — RN**

Vendo coleção de BIZZ do número 10 ao 36. **José Carlos dos Santos, r. Manoel Domingos dos Santos, 950, CEP 23900, Angra dos Reis — RJ**

Vendo as edições de BIZZ números 1, 2, 4 ao 7, 9, 11, 12, 13, 15 e 16. **Adriana Wittmann, r. Eudoro Berlink, 1117/103, CEP 90420, Porto Alegre — RS**

Vendo os seguintes números da revista BIZZ: 2, 12 ao 22, 25 ao 33. **Sandro Torres Batista, Caixa Postal 10055, CEP 74000, Goiânia — GO**

FÃ-CLUBES

Legião Urbana *Fã-Clube Legião Urbana no Coração dos Paulistas* A/C Márcio, r. Miguel Stéfano, 1973, Bl. 5, apto. 101, CEP 04301, São Paulo — SP

14 Bis *Fã-Clube 14 Bis* A/C Vera Camillo/Andréa Pimenta, r. Lacerda Marques, 548 (atual 914), CEP 02440, São Paulo — SP

Leo Jaime *Fã-Clube do Cantor Leo Jaime* A/C Marina, Caixa Postal 62632, CEP 01295, São Paulo — SP

Chiclete com Banana *Fã-Clube Chiclete com Banana* av. Elpídio de Almeida, 887, CEP 58100, Campina Grande — PB

Caetano Veloso *Caetano Superbacana Veloso Fan Club* Caixa Postal 7913, CEP 41910, Salvador — BA

Marina *Fã-Clube Marina Lima* A/C Alessandra, r. Campo Grande, 1145, CEP 30620 Belo Horizonte — MG

Evandro Mesquita *Evandro Mesquita Fã-Clube* A/C Manoel Pereira, r. das Amapolas, 593, CEP 59075, Natal — RN

Cyndi Lauper *Fan Club and Adventures* A/C Evandro Ferreira, r. Hermenegildo Romenini, 708, CEP 17800, Adamantina — SP

Duran Duran *Secret Oktober Duran Duran Fan Club* r. Pilões, 53, CEP 04218, São Paulo — SP

Suzanne Vega *Fã-Clube Suzanne Vega* A/C Valéria, r. Francisco, 446, Bl. 2, apto. 106, CEP 21320, Rio de Janeiro — RJ

Echo & The Bunnymen *Emoções Psicodélicas* A/C Gilson P. Silva, r. Manoel Gomes Gonçalves, 19, CEP 06000, Osasco — SP

A-ha *Take On A-ha Fan Club* A/C Simone, av. Gal. Ataliba Leonel, 3238, CEP 02242, São Paulo — SP

Smiths *The Smiths Is Alive* r. José Guedes, 241, CEP 03567, São Paulo — SP

Tina Turner *Fã-Clube Furacão Incendiário* A/C Erivaldo da Silva, r. Correia de Sá, 30 A, CEP 02725, São Paulo — SP

Elvis Presley *Elvis Alive Fã-Clube* r. Dr. Deodato, 1839, CEP 08700, Moji das Cruzes — SP

Clube da Amizade "Inter-Universal" r. Dr. Carlos Norberto, 365, fundos 6, CEP 13960, Socorro — SP

A GRANDE AVENTURA DE SUA VIDA

ESTUDE UM ANO NO EXTERIOR

Estudar no Exterior significa muito mais que simplesmente "estudar".
Significa estar em contato com outras culturas, fazer novos amigos, descobrir novos prazeres.
Além disso, uma experiência como essa garante maior **segurança** para o futuro.
A EF sabe muito bem a importância de um programa de estudos no Exterior e, por isso, oferece todas as condições possíveis para o máximo aproveitamento:

- *Acompanhamento "full time"*
- *Estadia em casa de família selecionada*
- *Matrícula em um tradicional "High School"*
- *Métodos modernos de ensino*
- *Atividades extra escolares*

Tudo isso faz da EF a mais importante organização de viagens educativas do mundo, com atuação em mais de 30 países.
Você merece e **precisa** desta aventura. E conte com toda a força da EF.

EF Educação Internacional
EF Viagens e Turismo
Embratur nº 06260-00-451
S. PAULO: Av. 9 de Julho, 3893
CEP 01407 - Fones: (011) 887-6427
887-2397 e 885-7896

Para receber folheto informativo grátis, preencha o cupom abaixo.

Nome: _____
Idade: _____ **Endereço:** _____
_____ **Fone:** _____
Cidade: _____ **Estado:** _____ **CEP:** _____

OP 2315

NICO
CHELSEA GIRL (1967)

Manhã de 18 de julho de 1988, Ibiza. Nico, a *femme fatale* do Velvet Underground, estava morta. Vítima de uma hemorragia cerebral após uma queda de bicicleta. Às vezes, a vida prega peças extremamente irônicas. Justamente ela, uma notívaga por excelência, alcoólatra e junky, despede-se num ensolarado passeio matinal. No dia seguinte, em Berlim, o cobiçado corpo de Christa Paffgen estava cremado. A idade e a nacionalidade de Nico (um anagrama de *icon*) é tema de discussão, pois uns dizem que ela nasceu em outubro em Colônia, (Alemanha) em 38 ou 44, enquanto outros afirmam que foi em março em Budapeste (Hungria), em 43.

Dúvidas à parte, sabe-se que a incursão musical dessa modelo e atriz (sua primeira aparição cinematográfica foi no filme *La Dolce Vita*, de Fellini), educada entre a França e a Itália, foi em 64, quando se mandou para Nova York e arrumou emprego como cantora de bar. Conheceu e fascinou Bob Dylan, que levou-a a Andy Wharol, que, por sua vez, nos idos de 65, apresentou-a ao recém-fundado Velvet Underground, em que permaneceu como cantora até 67, tendo participado apenas do primeiro LP do *white light/white heat*, da psicodelia americana. Ainda em 67, após sua participação no Exploding Plastic Inevitable (projeto multimídia do Velvet concebido por Wharol), a *chanteuse* optou pela carreira solo.

Dona de uma personalidade febril e suicida, era bastante descolada no jet set musical, se já não bastasse ser apadrinhada pelo mestre da pop art e ter adquirido uma controvertida fama com o Velvet. Tendo o badalado cineasta Paul Morrisey como *manager*, não foi difícil convencer o produtor Tom Wilson a gravar seu *début* como solista.

Chelsea Girl, o disco em questão, lançado em fins de 67, cujo título é quase homônimo ao filme de Andy Warhol *(Chelsea Girls)*, é um dos trabalhos mais sensíveis e cinzentos da década de 60. Uma obra lapidada por sua insofismável melancolia, (re)visitando os porões proibidos da paixão, plenos de mistérios, medo e tristeza. Com cinco canções escritas pelos integrantes do Velvet — cujos destaques são a *cold-ballad* "The Winter Song" (John Cale) e a hipnótica "Chelsea Girls" (Lou Reed/Sterling Morrison) —, três do então adolescente Jackson Browne (entre elas a arrepiante "These Days"), uma do *outsider* Tim Hardin e outra de Bob Dylan ("I'll Keep It with Mine"), feita especialmente para ela, *Chelsea Girl* é um LP em que Nico, com sua voz suave e penetrante, melancólica e glacial, personifica-se como uma idiossincrática *folk singer*, ladeada por arranjos orquestrais, sutis nuances psicodélicas e um rockmântico gosto amargo de *60's beat-ballads*.

Após a estréia em 67, a *noir-chanteuse* (ilu)minada por uma vida errática, gravou até sua morte um total de nove LPs, sendo que durante sete anos esteve afastada da música, graças a sucessivas crises existenciais, sublimadas em gim e heroína. Entre seus memoráveis LPs, temos o folk-minimal *Marble Index* (produzido por John Cale, que sobre o fracasso comercial do disco declarou: "Como é possível vender o suicídio?"), o delicado semi-experimentalista *Desert Shore*, o clássico *The End* (em que fincada em seu harmônio minimal regrava "The End" (Doors) e a tradicional "Das Lied der Deutschen"), o gótico-claustrofóbico *Drama of Exile* (demonstrando também que, sem querer, apenas por uma questão de natureza, foi precursora da dark music) e o doloroso *Camera Obscura* (um trabalho que, além da sublime cover de "My Funny Valentine", conta com inserções de elementos do gênero pós-industrial). Hoje, sua obra, embora um tanto quanto obscura, legou uma irreparável influência que cantoras/compositoras contemporâneas como Danielle Dax e Diamanda Galas continuam a reciclar sob uma nova ótica. *Fernando Naporano*

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Eduardo Mendonça
Editoras Assistentes: Bia Abramo, Sônia Maia
Assistente de Redação: Marisa Adan Gil
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Angelo Assan, Maria Amelia de Azevedo, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cloval Heredia

Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Celso Pucci, Daniel Benevides, Dilson Gomes, Eliana Thome de Souza, Fernando Naporano, José Augusto Lemos, Jean Yves Neuville, José Geraldo Couto, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Marcos Smirnoff, Nico Pereira de Queiroz, Tarik de Souza, Tom Leão, Walter Silva
Arte: César Togashi, Paulo Monteiro
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Ciciano Eurico Satis, Kid, Marcelo Faustini, Mila Maluhy, Ricardo Siqueira, Rochelle Costi, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liege de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Arthur de Oliveira Neto, Gilberto Newton da Silva Oliveira
RJ-Gerente: Getulio Torres
Contato: Lidia Camarate
Produção Gráfica-Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. B. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
North Press / Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Unicom Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165. Phone: (00212) 557-5990/5993. Telex: 231670. Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 70, rue de Miromesnil, 75008 Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex: 660731 ABRILPA. Fax: (00331) 42661399.
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Aula Rojas Sainetto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22115.
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Gerente: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Bellarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Rua Marquês de São Vicente, 177, 1º andar, 01139-904, CEP 01139. Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telefone (011) 260170. **Telegramas:** Editora Abril Imprensa. **Rio de Janeiro:** Rua Passagem, 123, 5º andar, 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8782. Telex (021) 22674. Telegramas: Editora Abril Imprensa. **Distribuidor em Portugal:** Dinapress Jardim do Tabaco, 34 - Publicações Ltda. Quinta Pau Varais, Abrunheira dos Pasais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Cr$ 11.400,00 à vista. Ao fazer sua assinatura, envie a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes direito publicação que a interrupção definitiva de entrega dos exemplares comprados, sem que para isso tenha sido motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago correspondente aos exemplares que não foram entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou na distribuidora de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Somente em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

TRACY CHAPMAN

... TRACY CHAPMAN O MAIOR FENÔMENO DE 1988...

..."Agora tem uma cantora aqui que está fazendo um sucesso fantástico. Chama-se Tracy Chapman. É simplesmente... É inesperado, sabe? Ela canta com um violão uma música com um arranjo realmente muito simples. O clip também é muito simples, a música tem uma letra forte. É muito boa, realmente muito boa"...

Jornal O GLOBO - 25/09/88 - (Entrevista com ROBERTO CARLOS)

JÁ A VENDA EM DISCO E FITA

wea

DIRE STRAITS

Após meses de especulações, boatos e rumores despejados pela imprensa internacional sobre um disco do Dire Straits, reunindo os seus melhores momentos, a Polygram do Brasil, honrada e emocionada, confirma:

É VERDADE!

O disco Money for Nothing foi concebido pessoalmente por Mark Knopfler, que escolheu todas as faixas, a capa, encartes e tudo o mais. Você vai ouvir momentos inéditos como o de Portobello Belle, gravado ao vivo, e alguns singles que não saíram em Lp no Brasil, como o Twisting By the Pool. Este disco está acima de qualquer expectativa e mostra toda a imprescindível sabedoria do Dire Straits, a melhor banda de Rock do mundo.

EM L.P. COMPACT DISC E CASSETE DE CROMO BASF

PolyGram